



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

JULIANA SOUZA BELASQUI

**ENTRE LOBISOMENS E FANTASMAS:  
ANÁLISE DE CAUSOS CIRCULANTES DE LONDRINA  
(2015-2018)**

---

Londrina  
2019

JULIANA SOUZA BELASQUI

**ENTRE LOBISOMENS E FANTASMAS:  
ANÁLISE DE CAUSOS CIRCULANTES DE LONDRINA  
(2015-2018)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Richard Gonçalves André

Londrina  
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Belasqui, Juliana Souza.

Entre Lobisomens e fantasmas : Análise de casos circulantes de Londrina (2015-2018)  
/ Juliana Souza Belasqui. - Londrina, 2019.  
104 f. : il.

Orientador: Richard Gonçalves André.

Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2019.  
Inclui bibliografia.

1. Casos circulantes - Tese. 2. Sobrenatural - Tese. 3. Práticas - Tese. 4. Londrina - Tese. I. André, Richard Gonçalves. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

JULIANA SOUZA BELASQUI

**ENTRE LOBISOMENS E FANTASMAS:**  
**ANÁLISE DE CAUSOS CIRCULANTES DE LONDRINA**  
(2015-2018)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Richard Gonçalves André  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Tiago Hideo Barbosa Watanabe  
Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia de São Paulo - IFSP

---

Profa. Dra. Angelita Marques Visalli  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 10 de Abril de 2019.

Dedico este trabalho às pessoas queridas que caminham ao meu lado.

## **AGRADECIMENTOS**

Inicialmente, agradeço ao meu orientador Richard que me guiou durante esses anos, agradeço seu empenho, paciência e disponibilidade. Sua trajetória acadêmica e seus objetos de estudo são inspirações para seus alunos. Também, agradeço à Professora Regina que me acompanha desde a graduação e graças às experiências proporcionadas por ela tive acesso aos causos circulantes. Agradeço ao Museu Histórico de Londrina pelas experiências vivenciadas nesse querido lugar. Agradeço aos professores Angelita e Tiago por aceitarem a participar de minha banca de mestrado.

Agradeço aos meus queridos amigos Taiane e Paulo, que são pessoas especiais, obrigada pelo seu apoio, conselhos e colaboração com a minha pesquisa. Também agradeço aos professores, em especial às professoras Cláudia e Roselaine, colegas do mestrado, equipe do Museu Histórico de Londrina, aos amigos Aryane, Thiago, Pedro, Fellipe, Larissa e Bruna. Agradeço a toda minha família por seu amor e apoio incondicional, em especial, à Julice, Danyelle e Rita por terem colaborado com a minha pesquisa. Por fim, ao meu esposo, que tem sido companheiro e paciente na escrita de nossas histórias.

O mistério continua conosco [...]. Por que desconhecê-lo ou desprezá-lo em dias tão críticos não só para certas fantasias psíquicas como para certas verdades científicas, como os dias que atravessamos? (Gilberto Freyre, 1970, p.17).

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> –Mapa do município de Londrina .....	18
<b>Figura 2</b> –Mapa de Londrina com indicação dos lugares onde os casos se passam.....	43
<b>Figura 3</b> –Localização dos bairros Franciscato e Perobal .....	71
<b>Figura 4</b> –Localização da Chácaras São Miguel .....	79
<b>Figura 5</b> –Mapa parcial do distrito da Warta.....	83
<b>Figura 6</b> –Mapa parcial do distrito de Irerê .....	87

BELASQUI, Juliana Souza. **Entre lobisomens e fantasmas**: análise de causos circulantes de Londrina (2015-2018). 2018. 92 f. Dissertação (Mestrado em História Social). - Programa de Pós Graduação em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações do sobrenatural construídas por intermédio de causos na cidade de Londrina, tendo como recorte temporal o período de 2015 a 2018. Para isso, utiliza-se como fonte causos circulantes, que são narrativas curtas contadas no cotidiano e falam sobre episódios que reúnem elementos sobrenaturais e fantásticos. Os causos circulantes analisados são oriundos do acervo do Museu Histórico de Londrina e foram coletados por meio de um projeto de extensão da Universidade Estadual de Londrina, entre os anos de 2015-2018. Propõe-se analisar seis causos circulantes por meio da metodologia de análise textual discursiva, proposta por Roque Moraes, cuja proposta possibilita a emergência de metatextos, ou seja, a emergência de novos significados ao objeto estudado. Os resultados da pesquisa permitiram: compreender o sobrenatural representado nos causos circulantes, tendo em vista o papel que desempenham enquanto práticas, problematizando as representações citadas.

**Palavras-Chave:** Causos circulantes. Sobrenatural. Práticas. Londrina.

BELASQUI, Juliana Souza. **Between werewolves and ghosts: analysis of circulating causes of Londrina (2015 – 2018)**. 2018. 83 f. Dissertation (Master's degree in Social History). - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

### **ABSTRACT**

This work has as an objective analyze the representations of the supernatural constructed by means of causes in the city of Londrina, having as temporal clipping the period from 2015 to 2018. For that, it is uses as a source of circulating causes, which are short narratives counted in the daily life and talk about episodes that bring together supernatural and fantastic elements. The circulating causes analyzed are derived from the collection of the Historical Museum of Londrina and were collected through an extension project of the State University of Londrina, between the years 2015-2018. It is proposed to analyze six circulating causes through the methodology of discursive textual analysis, proposed by Roque Moraes, which proposal allows the emergence of metatexts, that is, the emergence of new meanings to the object studied. The results of the research allowed: to understand the supernatural represented in the circulating causes, in view of the role they play as practices, problematizing the representations cited.

**Keywords:** Circulating causes. Supernatural. Pratices. Londrina.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 OS CAUSOS CIRCULANTES</b> .....	17
1.1 LONDRINA: LUGAR DE REPRESENTAÇÃO DO PROGRESSO?.....	17
1.2 AS NARRATIVAS ORAIS COMO PRÁTICAS SOCIAIS E CULTURAIS .....	27
1.3 O TRABALHO COM FONTES ORIUNDAS DA ORALIDADE .....	30
1.4 O PROGRAMA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DO NORTE DO PARANÁ.....	31
1.5 INICIANDO O PROCESSO DE ANÁLISE .....	34
<b>2 TURIBA: O LOBISOMEM DO JARDIM PAULISTA</b> .....	44
<b>3 OS CAUSOS FANTASMAGÓRICOS</b> .....	63
3.1 O GRITO DAS FREIRAS.....	63
3.2 A NOIVA E O NOIVO REAL .....	70
3.3 A NOIVA ASSOMBRADA DA CHÁCARA SÃO MIGUEL .....	79
3.4 CAUSO CONTADO POR SUA MÃE, ACONTECIDO NA ESTRADA PRÓXIMO AO CEMITÉRIO DA WARTA.....	81
3.5 ACONTECIDO NO SÍTIO BIOLANGE .....	86
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	91
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	93
<b>ANEXOS</b> .....	100

## INTRODUÇÃO

O projeto de extensão “Memória e Patrimônio Cultural Imaterial: cartografia dos ‘causos’ circulantes em Londrina-PR como estratégia de preservação” da Universidade Estadual de Londrina (UEL), atua em parceria com o Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss (MHL)<sup>1</sup>. No trabalho realizado pelo projeto em questão – iniciado em 2015 e finalizado em 2016<sup>2</sup> –, foram realizados o inventário, o registro, o estudo e a socialização das narrativas dos causos circulantes como elementos identitário e patrimonial imaterial da cidade. Ainda, narrativas orais foram coletadas e transcritas<sup>3</sup> por alunos participantes deste projeto.

O mencionado projeto faz parte de um programa de extensão denominado “Contação de Histórias do Norte do Paraná”, que é coordenado, atualmente, pela professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Regina Célia Alegro. Este tem por objetivo sensibilizar principalmente os olhares de alunos da rede básica de ensino e também os da comunidade em geral, tanto para o lugar de vivência cotidiana quanto para as possibilidades referentes à memória local e ao ensino de História. O programa<sup>4</sup> explorou várias atividades para que o trabalho com essas questões se tornasse possível. A propósito, vale ressaltar a associação entre o programa “Contação” e o MHL, sendo que este, nos últimos anos, tem se empenhado em problematizar a memória e os modos de expressão da identidade regional. O trabalho realizado pelo programa é feito por meio de

---

<sup>1</sup> O MHL se trata de um museu universitário e, como tal, “atende à definição do ICOM (Instituição sem fins lucrativos, de caráter permanente, a serviço da sociedade e seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva e pesquisa, comunica e exhibe, com propósito de estudo, educação e lazer, evidências tangíveis e intangíveis dos povos e seus ambientes), [...] simultaneamente ou em parte de sua trajetória, constitui suporte para o ensino, a pesquisa e a extensão universitárias”. (MENDONÇA, 2009, p. 12).

<sup>2</sup> Conforme consta no relatório final do projeto, essa é a data do término do Projeto Memória e Patrimônio cultural imaterial: cartografia dos ‘causos’ circulantes em Londrina-PR como estratégia de preservação. No entanto, há escolas que, mesmo em 2018, ainda estão entregando causos que foram coletados entre 2015 e 2018, como é o caso dos Causos Indígenas, entregues no final do primeiro semestre de 2018 ao MHL.

<sup>3</sup> De acordo com Zumthor “[...] a escritura preenche duas funções. Assegura – conjuntamente ou não com a tradição oral – a transmissão de um texto. Ademais, assegura para um futuro indeterminado de conservação – o arquivamento [...]” (ZUMTHOR, 1993, p. 108-109).

<sup>4</sup> O programa em questão diz respeito a um conjunto de atividades que são desenvolvidas pelos projetos. Nesse sentido, o programa está para o todo. Ele engloba todas as atividades que devem ser desenvolvidas dentro de um determinado período. Os projetos, por sua vez, constituem-se em atividades específicas que devem partir de algo designado pelo programa.

pesquisa e documentação, mantendo como objetivo a ampliação e a inserção de diversos indivíduos no acervo do MHL. Além disso, o programa também promove ações educativas que ofertam oficinas (sobre mapas alternativos, análise e produção fotográfica, entrevista, maquetes, etc.), eventos, semanas acadêmicas, recitais em parcerias com artistas da região, entre outras ações.

Isto posto, os casos circulantes coletados a partir do projeto constituem-se em narrativas relacionadas a episódios imaginados ou não. Têm como protagonistas indivíduos comuns. Passa-se em lugares igualmente comuns e são (re)significadas enquanto práticas. Trazem o nome de “circulantes” pois fazem referência à circulação dessas narrativas, e, além disso, foram nomeados dessa forma pelo projeto que reuniu os casos.

Nesse sentido, essa pesquisa tem por objetivo problematizar as representações londrinenses associadas ao progresso a partir de representações do sobrenatural que surgem “no interior” da cidade. Assim sendo, o objeto dessa pesquisa é a reflexão sobre o sobrenatural representado nos seis casos analisados. A propósito, estes possuem uma periodização complexa, pois não há neles delineamentos específicos. No entanto, há elementos que sugerem um indicativo de tempo, como a quaresma, que é um tempo que perpassa vários casos analisados. Outro indicativo que deve ser levado em consideração é o tempo no qual as narrativas foram coletadas (2015-2018).

A escolha desse tema se deu graças à participação desta autora no Programa "Contaçon" como estagiária ao longo dos anos de 2011 a 2014. Ainda, é digno de nota que o trabalho realizado pelo museu exerceu em mim tamanho poder sensibilizador a ponto de instigar-me a continuar (e atuar) como voluntária no projeto entre os anos de 2015 a 2018. A participação como estagiária ampliou minhas noções sobre a História, o Patrimônio, a Memória e a Educação Patrimonial. Nesse período, surgiu-me o interesse e a necessidade de trabalhar com uma fonte oriunda do acervo do MHL. Minha primeira oportunidade se deu por meio do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no qual foram analisados mapas alternativos produzidos durante oficinas educativas promovidas pelo projeto Contaçon. No TCC em questão, portanto, mapas alternativos foram utilizados como fontes de estudo (BELASQUI, 2014). Para ser mais específica, foram utilizados mapas mentais produzidos por

alunos de escolas públicas de Londrina e região que tratavam do ambiente no qual eles viviam. Nas experiências proporcionadas pela oficina de mapas do projeto Contação, os alunos mapearam o ambiente vivenciado/experimentado por eles a partir de características que lhes eram marcantes como, por exemplo, os cheiros característicos da rua em que viviam e os sons do trajeto entre suas casas e a escola.

O trabalho com uma fonte oriunda do acervo da ação educativa do MHL sensibilizou-me quanto às percepções que os indivíduos têm sobre os lugares vivenciados por eles e quanto à utilização de acervos oriundos da ação cultural educativa.

Os causos circulantes que constituem a fonte de análise desta pesquisa foram reunidos pelo projeto que faz parte da ação cultural educativa do MHL. Eles passaram a incorporar o acervo da mesma instituição muito recentemente. Aqueles documentos representam importantes fontes a partir das quais é possível problematizar os lugares e os cotidianos vivenciados pelos sujeitos.

Eles também permitem problematizar as representações londrinenses associadas à imagem dos "vencedores", do progresso e do moderno. Assim, é possível compreender os causos como proporcionadores de reflexões concernentes às experiências vivenciadas no "interior da cidade". Nesse sentido, uma das principais representações da cidade de Londrina diz respeito a sua modernidade. De acordo com José Miguel Arias Neto (1995), Londrina, que foi fundada em 1929 e elevada a município em 1934, foi formada por uma companhia imobiliária privada – a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) –, durante um processo de expansão cafeeira. Ainda de acordo com o autor,

No Pós-Segunda Guerra, houve um espantoso surto de desenvolvimento, levando à construção das representações de Londrina e do Norte do Paraná como Terra da Promissão e Eldorado, ou seja, como terra do progresso [...] Este é, o discurso do poder, o quadro referencial da identidade regional do Norte do Paraná nos anos quarenta e cinquenta: o pioneiro (empreendedor liberal) em Marcha para o Oeste constrói, com seu trabalho o Eldorado (terra do progresso), região que oferece a todos as mesmas oportunidades de acesso a propriedade privada da terra, à liberdade econômica e política, a prosperidade e a felicidade. [...] A democracia populista dos anos 1946 a 1964, foi também um dos elementos que compunham o mundo do eldorado [...] (ARIAS NETO, 1995, p. 78 – 80)

Pensar as inúmeras narrativas orais – destaque para o fato de que os “causos” estão incluídos aí – implica em problematizar essas representações e, nesse contexto, também implica pensar nas diferentes formas que os lugares são vivenciados pelos inúmeros sujeitos que vivenciam o interior da cidade. Convém lembrar que Londrina apresenta-se como moderna e progressista, então, pensar a narrativa oral dos “causos” é uma experiência constatada que problematiza essas representações e revela práticas culturais que são comuns aos ambientes rurais que resistem no ambiente urbano.

Os causos selecionados para a análise são permeados de elementos sobrenaturais e constituem representações dessa natureza no cotidiano londrinense. Por sinal, o termo sobrenatural é complexo. Conforme Baravesco, o sobrenatural se trata de uma conceituação da Teologia cristã a qual atribui a crença a algo além do natural. (BAVARESCO, 2009). Nessa pesquisa, ele é entendido como tudo aquilo que está fora da ordem natural das coisas, ou seja, tudo aquilo que não é “natural”, como as entidades divinas, os espíritos, as almas de Santos e os anjos da guarda. Além desses “elementos”, também há os demônios, os fantasmas, as aparições e também os lobisomens (KAMAL, 1983).

Gilberto Freyre (1970), por sua vez, compreende o termo a partir das manifestações do sobrenatural como uma perseguição do presente pelo passado. Na perspectiva do autor, o sobrenatural evidencia o modo como os indivíduos interpretam sua realidade e sua história. Os indivíduos recorrem a manifestações do sobrenatural para justificar fatos e eventos que são comuns ao contexto recifense, e é nesse ponto que há uma perseguição do presente pelo passado. Além disso, o sobrenatural, nesse contexto, faz parte do cotidiano recifense. A perspectiva apontada por Freyre nos fornece possibilidades de reflexão sobre como o sobrenatural faz parte do modo de ser da cidade.

A representação do sobrenatural assume papéis de natureza variada. Ela levanta hipóteses reflexivas, como nos exemplos a seguir: teriam os causos uma função de regular os comportamentos dos indivíduos? Constituem-se como práticas de entretenimento? Ou então, os causos constituem elementos de classificação social? O que se pode afirmar é que os causos circulantes nesta pesquisa são entendidos como práticas cotidianas que representam o

sobrenatural e estão inseridas em lugares londrinenses com pouca (ou mesmo destituídos) de "visibilidade", ou seja, que são invisíveis para história oficial.

Para a seleção e análise das fontes, foi utilizada a metodologia de análise textual discursiva proposta por Roque Moraes (2003), na qual é proposto, a partir de um ciclo de análise, a desmontagem dos textos, o estabelecimento de relações entre as partes, a captação de um novo emergente, um processo auto organizacional e, por último, a captação de novas interpretações sobre o objeto estudado, que se constitui na imagem dos metatextos.

Em linhas gerais, a análise textual possibilita reflexões sobre múltiplas significações que o texto pode proporcionar. No caso desta pesquisa, o *corpus textual* são os casos circulantes. Esses materiais constituem um conjunto de significantes aos quais serão atribuídos novos significados. O *corpus textual* refere-se ao conjunto de documentos que é a fonte de informações necessárias para a análise. Nesse sentido, os casos correspondem ao corpus documental e é a partir dele que surgem os produtos que tendem a expressar discursos os quais podem ser interpretados e gerar uma multiplicidade de sentidos (MORAES, 2003).

O trabalho foi realizado da seguinte forma: inicialmente, foi realizada uma pesquisa dos casos circulantes no acervo do MHL. Nesse momento foi possível conhecer as fontes para que, posteriormente, elas fossem categorizadas em planilhas. Essa categorização se deu de acordo com os temas emergentes nos casos, que possibilitaram a criação de categorias e subcategorias. A categoria emergente selecionada para essa pesquisa foi a de casos sobrenaturais. Os casos selecionados para análise foram escolhidos, correspondendo à categoria mais expressiva. Além disso, suas narrativas indicavam elementos de lugar, possuindo, também, estruturas semelhantes, sugerindo indicativos pedagógicos. Para introduzir como se deu o processo de análise dos casos, será utilizada uma narrativa cujo título é: "A noiva assombrada da chácara São Miguel". Abaixo, ela se encontra disponível na íntegra:

Há muito tempo atrás aqui na chácara São Miguel uma moça ia se casar, no dia do seu casamento ela subiu de noiva em um cavalo para a igreja que fica na saída das chácaras São Miguel mais ela caiu no caminho e morreu, antes de chegar na igreja.

Agora dizem que até hoje ela aparece para assombrar as pessoas as 11:00 da noite. (MHL, 2015)

O caso foi registrado por uma aluna da Escola Municipal Dr. Joaquim Vicente de Castro, em 2015, e coletado pelo museu nesse mesmo ano. Na narrativa, conta-se um episódio ocorrido na região das Chácaras São Miguel, uma área habitacional de Londrina, localizado na região sul da cidade. Ela se situa nas proximidades do Jardim Botânico. Naquela narrativa, fala-se sobre uma moça que ia se casar e acabou falecendo a caminho da igreja, vítima de uma tragédia que a impediu de concretizar seu objetivo (casar-se). Ela se tornou uma assombração que supostamente aparece às vinte e três horas na localidade das mencionadas chácaras.

O caso, embora curto, fornece várias possibilidades de reflexão, sendo uma delas a representação do sobrenatural na figura de uma noiva “fantasma” que aparece à noite para assombrar os transeuntes daquela região. A temporalidade indicada pelo caso não está clara. Não há evidências de uma data mais precisa. Há apenas um elemento temporal: a noite. Nesse caso, a noite se revela como a temporalidade emblemática, pois ela pode ser interpretada como um tempo de perigo no qual os indivíduos estão mais vulneráveis. Grosso modo, é como se a escuridão instigasse o medo do desconhecido; afinal, em meio à ausência de luz, é possível que alguém (ou algo) estivesse escondido e, sabe-se lá as intenções deste que se esconde. Outra possibilidade de reflexão do caso é a questão dos *topoi*, que se configuram como a estrutura ou os motivos que são comuns às histórias de assombração. *Topoi* vem do grego *topos*, que consiste em um elemento que regula a língua e o discurso. Eles aparecem como um instrumento que encadeia uma argumentação, cujos argumentos desencadeiam os *topoi*. Eles manifestam, por meio do discurso, o ponto de vista dos enunciadores (FURLANETTO, 2006).

O *topoi* aqui indicado é uma moça, vestida de noiva, que estava a caminho da igreja, montada a cavalo, e ia se casar. No percurso, ela sofreu um acidente e morreu. O *topoi* da morte da jovem, sua vestimenta e a circunstância da morte constituem um *topoi* clássico das narrativas de fantasmas.

A possibilidade de transformação daquela jovem em uma assombração se deve ao fato de que ela não é um indivíduo qualquer, mas uma noiva que transitava em um tempo emblemático (a noite). O caso indica uma localidade, que são as Chácaras São Miguel, uma temporalidade complexa, que é à noite, e constitui-se como uma prática cultural que, possivelmente, possui cunho pedagógico.

O que se pretende aqui é indicar que, em uma cidade que foi construída historicamente por representações ligadas ao progresso e se concebe como urbana, há presenças de práticas cotidianas que problematizam essas representações vigentes. Pensar nas práticas culturais ocorridas no cotidiano da cidade é uma necessidade, porque além de problematizar as representações vigentes nela, é possível sensibilizar quanto à questão da produção de trabalhos voltados para o “interior” da cidade. Há várias produções sobre o processo de (re)ocupação da cidade a partir da Cia. de Terras do Norte do Paraná, principalmente sobre o centro e questões político-econômicas, como por exemplo, Arias Neto (1998), Adum (1991), Benatti (1996), Tomazi (1989), Tomazi (1997), e, embora nos últimos anos tenha surgido vários trabalhos direcionando os olhares para outros lugares citadinos, como por exemplo, Benatti (1996), Lopes (2008), Bueno (2011), ainda há uma necessidade de se pensar nas práticas cotidianas que ocorrem fora da zona central. Além disso, pesquisas nas quais são utilizados textos orais como fontes são pouco exploradas na História e as relacionadas à representações do sobrenatural são escassas. Zumthor (1993) trabalhou com literatura oral circunscrita ao medievo. Cascudo (1976) trabalhou com literatura oral dando destaque ao folclore. Freyre (1970) e Schmitt (1992) versaram sobre questões que permeiam o sobrenatural, mas, apesar desses autores, ainda há uma escassez de produções que envolvam a temática.

Outra questão importante diz respeito à utilização do acervo do MHL como fonte documental. Embora recentemente tenham se multiplicado as produções que utilizam o acervo desse museu, como por exemplo, os trabalhos de Leme (2013), André (2014), Martinez (2017), Silva (2018), ainda há muito do acervo para ser pesquisado. Quanto às temáticas, elas são das mais variadas.

Para levantar as questões aqui colocadas, esse trabalho se estruturou em três capítulos. O primeiro deles intitula-se “Causos circulantes”. Nesse

capítulo, buscou-se contextualizar a historiografia sobre Londrina-PR; compreender o que são os causos; compreender as narrativas orais como práticas sociais e culturais; entender o trabalho com fontes orais; contextualizar as fontes e iniciar o processo de análise. Já no segundo capítulo, intitulado “O Lobisomem”, é analisado um caso de lobisomem que está circunscrito no Jardim Paulista. E no terceiro capítulo, cujo nome é “Os causos fantasmagóricos”, são analisados cinco casos cujos enredos falam sobre a morte representada pelos fantasmas.

## 1. OS CAUSOS CIRCULANTES

“A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler.”  
(CHARTIER, 1988, p.16)

O presente capítulo tem como objetivo contextualizar: a História de Londrina-PR e compreender o papel que o progresso exerce na cidade, as fontes utilizadas nesta pesquisa, abordar a importância de fontes oriundas da oralidade e iniciar o processo de análise a partir da metodologia de análise textual discursiva, proposta por Roque Moraes (2003).

### 1.1 Londrina: lugar de representação do progresso?

Londrina é uma cidade localizada no Norte do Paraná, que possui atualmente 510 mil habitantes e uma área total de 1.650,809 quilômetros quadrados. Constitui-se como uma importante cidade no cenário paranaense e é considerada uma região metropolitana a qual integra 20 municípios (Alvorada do Sul, Cambé, Bela Vista do Paraíso, Cafeara, Cambé, Centenário do Sul, Florestópolis, Guaraci, Ibiporã, Jaguapitã, Londrina, Lupionópolis, Miraselva, Pitangueiras, Prado Ferreira, Porecatu, Primeiro de Maio, Rolândia, Sertanópolis e Tamarana). O município possui oito distritos, sendo eles: Espírito Santo, Guaravera, Irerê, Lerroville, Maravilha, Paiquerê, São Luiz e Warta. Possui 54 bairros,<sup>5</sup> sendo eles: Heimtal, Perobinha, Parigot de Souza, Vivi Xavier, Cinco Conjuntos, Cidade Industrial 1, Ouro Verde, Coliseu, Alpes, Pacaembu, Industrias Leves, Ideal, Cidade Industrial 2, Interlagos, Fraternidade, Brasília, Antares, Lon Rita, H.U., Ernani, Aeroporto e Califórnia, Shangri-lá, Vila Nova, Vila Recreio, Vila Casoni, Quebec, Centro Histórico,

---

<sup>5</sup> No ano de 2008 foi discutido novo Plano Diretor da cidade a lei nº 10.637 de 24 de dezembro, cuja finalidade de ser um instrumento normativo da cidade de Londrina para as designações de áreas comerciais, residenciais e industriais dentro do município, além do código de obras, de sistema viário, código de posturas e o re-zoneamento do perímetro urbano. (LONDRINA, 2008). Em 2013, sob o projeto de lei número 228/2013, os bairros da cidade de Londrina foram divididos em cinco macro regiões e essas regiões sofreram uma reorganização. Os 154 bairros que possuía na cidade passaram a ser reorganizados, o que resultou numa reconfiguração, e então passaram a ser 54 bairros. Nessa reconfiguração, alguns bairros, como o Jardim Paulista, passaram a fazer parte do Bairro Pacaembu. Os bairros Nova Esperança e Franciscato passaram a fazer parte do Jardim União da Vitória. O bairro Chácara São Miguel está incorporado à zona Rural de Londrina sob a jurisdição do distrito Espírito Santo. (LONDRINA, 2013).

Higienópolis, Ipiranga, Vila Brasil e Petrópolis, Cilo 3, Leonor, Cilo 2, Bandeirantes, Sabará, Jamaica, Champagnat, Presidente, Olímpico, Universidade, Palhano, Esperança, Vivendas do Arvoredo, Guanabara, Bela Suíça, Tucanos, Inglaterra, Piza, Cafezal, Parque das Indústrias, Saltinho e União da Vitória.

**Figura 1 – Mapa do município de Londrina**



**Fonte:** IPPUL, 2019.

A cidade foi fundada em 1929 e elevada à município por meio de um Decreto Estadual de número 2.519, que foi assinado pelo interventor Manoel Ribas, em 3 de dezembro de 1934. E a instalação do município ocorreu em 10 de dezembro de 1934.<sup>6</sup> A formação da cidade de Londrina está vinculada a um

<sup>6</sup> Convém destacar que a Região Norte do Paraná não compreendia um vazio demográfico na época da ocupação das terras pela CTNP. O território que hoje compreende esta região é habitado por povos indígenas (Kaingang e Guarani) há milhares de anos. Fontes arqueológicas encontradas nas margens do rio Tibagi confirmam estas presenças. A coleção de vestígios arqueológicos podem ser localizados nos museus: Museu Histórico de Cambé e Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss. No século XVI há os primeiros contatos com povos europeus: “A Espanha tomou posse do território do Guairá. No Guairá, parte dos Guaranis conviveu com aventureiros, colonos e missionários em reduções jesuíticas localizadas entre os rios Paraná, Iguçu, Paranapanema e Tibagi.” (ALEGRO; FERRAZ; NASCIMENTO, 2012, p. 3-5). Além da presença indígena na região, o local onde atualmente compreende a cidade de Londrina, na época da aquisição das terras pela CTNP ao governo do estado, havia a presença de posseiros que possuíam pequenas propriedades agrícolas e grileiros, fato que ocasionou conflitos eventuais pela questão das posses de terras. (TOMAZI, 1997). Conforme pontua Tomazi, “A questão das terras na região norte do estado do Paraná, portanto, não é uma

empreendimento imobiliário iniciado pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), em 1929. (ARIAS NETO, 2008). Para refletirmos sobre o processo histórico de formação da cidade e assim refletir sobre o papel que o progresso desempenha até os dias atuais, se faz necessário compreender a atuação da CTNP.

De acordo com Arias Neto (2008), a CTNP foi uma subsidiária da Paraná Plantations Syndicate, que adquiriu na segunda metade da década de 1920 uma vasta quantidade de terras que compreendia as áreas do Rio Tibagi, Ivaí e Paranapanema.<sup>7</sup> A então Companhia adquiriu terras do Estado do Paraná a fim de vendê-las:

Num primeiro momento, a CTNP pensou em dividir as terras em grandes lotes e em seguida, quando já se processava a ocupação da região e a cidade de Londrina já havia sido fundada, surge a idéia – baseada na experiência holandesa - de reparti-las em pequenos lotes. [...] Trata-se apenas de mais um empreendimento capitalista que vai, aqui e ali, adaptando-se às circunstâncias momentâneas para garantir o maior lucro possível. (ARIAS NETO, 2008, p. 6-7)

Nesse contexto, para promover a venda dos lotes de terra, a CTNP cria e reproduz propagandas que vão representar a lógica da colonização fundamentada na idéia de progresso, da fertilidade do solo, de exuberância. A CTNP fez um trabalho intenso de divulgação no Brasil e também no exterior. O discurso utilizado reforçava as maravilhas, as riquezas e o progresso que a região poderia oferecer. Além do trabalho de divulgação, possuía agenciadores de terras espalhados em várias regiões, sobretudo em São Paulo, Minas Gerais e Paraná. (TOMAZI, 1997).

Essas propagandas enfocavam a qualidade da terra, as riquezas naturais e as possibilidades de obtenção de lucros. Também faziam referência à implantação de estradas de ferro, o que significava um fator relevante, pois indicava que os compradores teriam um local para escoar a produção. (ARIAS NETO, 2008).

---

questão pacífica.” (TOMAZI, 1997, p. 221). Para mais informações: TOMAZI, Nelson Dacio. *Norte do Paraná: história e fantasmagoria*. Tese de Doutorado, UFPR. Curitiba, 1997.

<sup>7</sup> Para visualizar o mapa contendo os rios citados ver:

[http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/corh/Revista\\_Bacias\\_Hidrograficas\\_do\\_Parana.pdf](http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/corh/Revista_Bacias_Hidrograficas_do_Parana.pdf)

A propaganda da CTNP utilizava como veículo todos os recursos da mídia disponíveis na época. [...] O discurso publicitário buscava não apenas revelar e disseminar os conteúdos maravilhosos de uma terra edenizada e rica, ordeira e progressista, como também velar e impedir a propagação daquelas representações contrárias à imagem positiva que se queria vender. [...] A CTNP buscou reprimir qualquer elemento contraditório ao seu discurso; qualquer imagem que pudesse funcionar como mix-marketing, quer dizer, que fosse ou viesse a ser um fator de arrefecimento da marcha povoadora e do entusiasmo coletivo quanto às vantagens do projeto para os seus clientes. (BENATTI, 1996, p. 67)

A lógica das propagandas divulgadas pela CTNP ligavam-se ao progresso; as representações destas exerceram uma função essencial dentro do contexto das vendas dos lotes das terras da região e não cessaram nesse momento; elas permaneceram ao longo da história de Londrina. O campo, dentro dessa lógica, atua como um local que emana a fertilidade, que cria possibilidades de prosperidade. (ARIAS NETO, 2008). E a cidade atua como o local de planejamento. De acordo com Arias Neto:

Ao longo do tempo, no entanto, a ideia de planejamento vai gradativamente se estendendo à região como um todo, ou seja, o campo passa a ser simples expressão de um planejamento irradiado da cidade. Pouco a pouco, construiu-se a representação de um plano racional de colonização, que se tornou uma das mais importantes explicações para o fantástico progresso da região, ou seja, um dos principais mecanismos de legitimação da expansão capitalista no Norte do Paraná. (ARIAS NETO, 2008, p. 11).

Londrina é “fruto de uma racionalidade técnica instrumentalizada pelo capital. A cidade de Londrina nasceu com a perspectiva de um espaço urbano ordenado, estratificado, hierarquizado e higienizado” (BENATTI, 1996, p. 22). A cidade foi planejada para atender ao plano racional de colonização. Nesse sentido, o projeto determinava a lógica dos espaços e estabelecia o funcionamento do território, da ordem social. (BENATTI, 1996). Com o tempo e o produto da divulgação realizada pela CTNP, este projeto vai ganhando mais espaço e se estende pela região.

A publicidade realizada pela CTNP foi divulgada em diversas partes do Brasil e do mundo e atraiu pessoas das regiões mais variadas. Eles vinham atraídos pelas propagandas que divulgavam o Norte do Paraná como a “Terra da Promissão”. Esta ideia vinculou-se até o final da década de 1930, pois anos depois a “Terra da Promissão” cedeu lugar à lógica do “Eldorado”. Além de ter

atraído centenas de pessoas desde sua fundação, a cidade abrigou os escritórios da companhia e assim tornou-se um centro de referência para a venda dos lotes de terra, o que possibilitou ao local a circulação de centenas de pessoas. Nesse contexto, a ideia de “Terra da promessa” vai se apoiar em uma série de elementos que vão legitimar a atuação da CTNP na região e, além disso, vão passar a atuar como elementos de identidade do lugar. (ARIAS NETO, 2008).

Nesse primeiro momento, me refiro a “Terra da Promissão”. A região se constituiu como um pólo dinâmico do capitalismo nacional e estrangeiro, cuja dimensão política se deu a partir dos interesses da CTNP e do governo do Estado do Paraná. Fato que garantiu um monopólio político no município de Londrina. Conforme aponta Arias Neto (2008, p. 44): “esse monopólio garantiu também a implantação de uma determinada organização espacial rural e urbana [...] cujos pressupostos eram dados pelas noções de ordem e progresso [...]”. A CNTP, segundo essa lógica atuava como um “promotor do progresso econômico e do bem-estar social do Paraná” (ARIAS NETO, 2008, p. 44).

De acordo com Arias Neto (2008), todas as construções ideológicas vinculadas, principalmente, pelas propagandas, indicavam que a CTNP buscava se legitimar socialmente. Então, após esse período, a região entre os anos de 1937 e 1945 passou por redefinições econômicas, sociais, político-ideológicos e uma nova representação então surge, a do “Eldorado”. Se no primeiro momento a “Terra da Promissão” surge como um elemento ideológico nas propagandas veiculadas pela CTNP, que alinhavam a fertilidade da terra ao progresso, nesse segundo momento do “Eldorado Cafeeiro” a fertilidade da terra vai se vincular a produção de café, e com ela, a ideia de progresso.<sup>8</sup> Este

---

<sup>8</sup> Convém destacar que: “O Estado Novo, instaurado com o golpe de 1937, introduziu, por um lado, alterações no relacionamento político entre o Estado do Paraná e o município de Londrina e, por outro, uma série de medidas que o próprio governo central pôs fim ao monopólio exercido pela CTNP em parte do Norte do Paraná. [...] a ditadura Vargas procurou em um passado idealizado não apenas sua legitimidade, mas também a justificativa para a imposição de seu projeto de desenvolvimento do capitalismo nacional.” (ARIAS NETO, 2008, p. 49-50). Para se adequar aos interesses do Estado Novo, a CTNP passou a aliar seus interesses ao do governo. Conforme destaca Arias Neto, a CTNP, o município e o Estado Novo se unem por um mesmo ideal de “paz social, trabalho e progresso econômico” (ARIAS NETO, 2008, p. 57). “Em meio à constituição desse jogo de identificação, a Companhia de Terras Norte do Paraná sofre uma série de reveses a partir de 1939, que redundaram na desarticulação de todo o complexo político-econômico criado os finais dos anos de 1920 e 1930, e finalmente na própria nacionalização da Cia, em 1943-4.[...] Na década de 1950 e de 1960, consolidou-se uma outra

novo alinhamento das representações buscava legitimar os interesses dos grupos dominantes e estabeleceu um reordenamento político, econômico e social da região.

Segundo Benatti (1996, p. 26), “ao longo dos anos cinqüenta, o "norte do Paraná" se consolidou como o mais novo centro de gravidade da economia cafeeira, arrebatando aos paulistas a hegemonia no setor”. E, assim as representações do “Eldorado” e também do pioneiro vão fazer parte de um discurso das elites locais, entre os anos de 1950 e 1960. As noções de progresso e modernidade vão passar a caminhar lado a lado a medida que a cidade cresce. Segundo Benatti:

Apesar de ser uma cidade que nasce de um ideário típico do urbanismo moderno e de toda a técnica e racionalidade da "colonização moderna", é só no contexto da expansão cafeeira que seus habitantes vivenciarão um surto modernizador mais intenso, efetivo, consistente e acelerado. . Para os moradores daquela clareira aberta na mata, modernização seria sinônimo de urbanização. [...] só com o advento da explosão da cafeicultura - fato que coincide com o sentimento tipicamente beligerante de vitória definitiva sobre o sertão - que palavras como "modernidade", "progresso", "civilização" passarão a fazer sentido para a população local no dia-a-dia da cidade. (BENATTI, 1996, p. 29 - 30).

Nesse período, a produção do café passa a se destacar no cenário econômico nacional e mundial. A cidade chega receber a denominação de “Capital Mundial do Café”, fato que resulta na atração de mais pessoas para a cidade. Estes chegam atraídos pela ideia de que Londrina é o “Eldorado”. O café, que se torna o principal produto econômico da região, nesse momento, vai impulsionar o desenvolvimento e proporcionar uma mudança na paisagem da cidade, que passa a receber prédios e grandes obras públicas, estas que passam a ser símbolos do progresso. (ARIAS NETO, 2008). Conforme desta Arias Neto:

Tudo indica que o discurso da modernidade urbana foi incorporado à representação do Eldorado. Essa questão é fundamentalmente política, uma vez que, através de uma legitimação implacável, o poder buscou ordenar e racionalizar a cidade que crescia aceleradamente e, ao mesmo tempo, legitimar as desigualdades sociais que aprofundavam nos anos 1950. [...] Processa-se, por assim dizer, o transbordamento do traçado inicial da cidade, planejada para abrigar no máximo

---

região Norte do Paraná, bem como uma outra cidade de Londrina.” (ARIAS NETO, 2008, p. 58 - 63).

30.000 pessoas. Entre os anos de 1936 e 1939, três vilas surgiram além do perímetro urbano. Em 1951, a cidade contava com cinquenta e três vilas ao seu redor, e [...] ao longo da década, elas se elevaram a sessenta e sete. (ARIAS NETO, 2008, p. 100-101).

O crescimento acelerado impulsionado pelas representações do “Eldorado” proporcionou um crescimento demográfico desordenado que estimularam o aparecimento de novos conjuntos habitacionais fora do perímetro urbano e nas regiões periféricas. Conforme indica Benatti, nesse contexto houve um “boom” das periferias urbanas e, com ele, aumentos significativos da pobreza, criminalidade, prostituição e o surgimento de bolsões de miséria. Fato que revelava uma contradição na idéia de progresso da cidade. (BENATTI, 1996). Segundo Benatti:

Na década de cinquenta, anos do "ouro verde", verdadeiro ponto de inflexão na cronologia da cidade.- Por um lado, e principalmente no discurso das elites regionais emergentes, a condição de cidade moderna atestava a vitória definitiva da "civilização" sobre o senão bruto. Por outro lado, o adensamento da população, a maior visibilidade das diferenças de classe e o acirramento das fricções sociais evidenciavam a face amarga desse mesmo progresso. [...] Em suma, o núcleo citadino planejado segundo a racionalidade do capital colonizador [...] via-se às voltas com a falência da utopia da cidade ideal. (BENATTI, 1996, p. 3)

Para Arias Neto:

Nas representações da imprensa, do início dos anos 1950, o emprego de qualificativos para designar a cidade era muito exagerado: Cidade Milagre, Mina de Ouro Brasil, Cidade Progresso, Grande Empório, Capital do Norte e Capital Mundial do Café são os adjetivos mais comuns que acompanhavam ou antecediam o nome de Londrina. Dentre esses, Cidade Progresso, Capital do Norte e Capital do Café foram os que possuíram a mais longa permanência. (ARIAS NETO, 2008, p. 102).

Os signos que celebravam o progresso reafirmavam o discurso iniciado pela CTNP e funcionavam como um elogio das elites locais e do poder público ao trabalho da companhia. Ao longo da década de 1950, as representações do progresso se alinhavam ao café, ao “Eldorado cafeeiro”<sup>9</sup>. A utilização do discurso do progresso não aparecia somente nas propagandas, ele também

---

<sup>9</sup> “Até início dos anos 1950, o campo – elemento fundamental na configuração da região – era o centro das representações do Eldorado, ou seja, do progresso”. (ARIAS NETO, 2008, p. 130).

era utilizado nas constantes reivindicações da cidade ao governo do Estado.

Segundo Arias Neto,

O discurso reivindicador era quase sempre o mesmo: o progresso é tão acelerado e traz consigo tantas divisas aos cofres públicos que o Estado deveria contribuir substancialmente para solução dos problemas decorrentes deste. Assim, as questões referentes à rede de água e esgoto, energia elétrica, telefonia e transporte (rodovias e ferrovias) foram enfrentadas em conjunto pela municipalidade e pelo governo do Estado. (ARIAS NETO, 2008, p. 104).

O contexto da década de 1950 indicava mudanças, sobretudo, na paisagem da cidade, que foi adentrada pela modernidade. A cidade recebeu obras, iluminação pública, instalação do sistema de esgoto e água, passa a receber prédios, circulação de automóveis<sup>10</sup> e na mesma proporção, multiplicam-se os núcleos habitacionais e o fenômeno da favelização, que será ampliado nos anos seguintes. (BENATTI, 1996).

De acordo com Tomazi (1997), embora o discurso e as representações do progresso aliados ao “Eldorado cafeeiro”, a cidade “Eldorado” não conseguiu manter-se como a principal produtora de café por muitos anos devido à questões econômicas que já na década de 1960 enfrentava excedentes de produção do café e uma baixa na exportação do principal produto da região<sup>11</sup>. Na década de 1970, com as geadas na região, houve uma necessidade de diversificação na agricultura, o que indicava o fim da hegemonia da cafeicultura no Norte do Estado. Conforme Tomazi:

A passagem meteórica da cafeicultura, produziu muita riqueza e também deixou para trás muita pobreza, pois com a decadência desta cultura e com os programas governamentais

<sup>10</sup> Convém destacar a importância dos automóveis neste contexto. De acordo com Benatti, os automóveis são símbolos de modernidade e progresso. “Os automóveis de luxo aparecem como a marca registrada do status social das elites do lugar. [...] É claro que os automóveis não chegavam a ser uma novidade na região [...] essas máquinas marcaram presença na frente pioneira, colocadas do lado esquerdo do rio pelo sistema de balsas, como tudo até então. Mas o automóvel não foi o meio de transporte dominante durante a fase de pioneirismo [...] Nesse contexto, não é difícil perceber porque os automóveis ganharam uma dimensão de signos circulantes da urbanização e modernização da sociedade local. (BENATTI, 1996, p. 55-56).

<sup>11</sup> De acordo com Arias Neto: os dados da produção agrícola [...] provocam a suspeita de que as representações da cidade como Eldorado Cafeeiro estão vinculados muito mais à perspectiva de progresso dos fazendeiros (cuja sustentação real era os altos valores de exportação do produto) e, obviamente, à alta arrecadação municipal daí recorrente [...]. Durante todo o período, a produção de arroz, feijão, milho e mandioca é tão grande, senão maior que a do café. Enquanto a maior parte da produção cafeeira era destinada à exportação com altos preços, a produção de alimentos destinava-se, sobretudo ao abastecimento do mercado interno. (ARIAS NETO, 2008, p. 103-104).

[...] houve a expulsão de milhares de trabalhadores rurais, que se deslocaram para as cidades ou foram para outras regiões em busca de trabalho. (TOMAZI, 1997, p. 235-236).

Então, nesse contexto, o café perde sua hegemonia econômica e passa a exercer um papel de símbolo de memória da cidade. (BENATTI, 1996). Prova disso se deu no ano do Jubileu de Prata da cidade, em que comemorações eram realizadas. Neste contexto foram produzidos livros, álbuns, editoriais, crônicas, documentários, artigos sobre Londrina, publicados em jornais locais e possuíam tom ufanista e indicavam a fase modernista vivenciada pela cidade. Neste período foram criados a Bandeira e o Brasão das Armas do Município, assim como o Hino de Londrina<sup>12</sup>. (ARIAS NETO, 2008). Era comum nestas comemorações a circulação de discursos de progresso, a produção de lugares de memória e a invenção de tradições na cidade, elementos de identidade do cidadão londrinense. De acordo com Arias Neto (2008, p. 155), “os homens buscaram na história da cidade os elementos que cunhassem sua própria identidade [...] os festejos jubilares [...] pretendiam garantir a manutenção de um devir progressista”.

A então “idade de ouro” passaria a atuar na memória das pessoas e possuem um lugar de permanência. Os símbolos de progresso passaram a ser evocados como uma prova de “histórica da consumação de um novo espaço-tempo social” (BENATTI, 1996, p. 29). Segundo Benatti:

A cidade era motivo de justificado orgulho, de ufanismo progressista e de um entusiasmo que atingia as raias do paroxismo. Anos dourados ou anos loucos do café, a década de 50 marcou o apogeu de um fausto meteórico na história local e regional. (BENATTI, 1996, p. 29).

As representações de progresso que antes estavam vinculadas à produção de café, neste momento se tornam memória e também identidade de Londrina. Conforme Benatti:

Em meados dos anos sessenta, a erradicação de cafezais e a diversificação das formas de exploração da terra e acumulação de capital eram fatos que marcavam o fim do novo e breve Eldorado cafeeiro. A partir de então, como uma espécie de tempo fabuloso, idade de ouro do lugar, essa época passaria a existir mais na memória das pessoas que a vivenciaram,

---

<sup>12</sup> Na década de 1970, os símbolos criados foram reformulados, e “em 1981 foi aprovada a Lei 3322 que altera o Brasão das Armas e institui a realização de concurso para definição do novo desenho da bandeira, o que até hoje não foi realizado, tendo sido mantido sob sua forma original” (ARIAS NETO, 2008, p. 165).

constituindo um imaginário que impregna a cultura regional até os dias de hoje, do que como um ciclo duradouro na história econômica do Estado. (BENATTI, 1996, p. 27).

Com o apogeu do café, as representações e o discurso do progresso não se dissipam, eles passam a ser utilizados como “prova histórica da consumação de um novo espaço-tempo social.” (BENATTI, 1996, p. 29).

As representações do progresso passam a ser utilizadas como discurso da cidade. Grandes monumentos são criados e fazem referências ao café, como é o caso do “Estádio do Café”, localizado na região norte da cidade, que foi inaugurado em 1976, devido a sua grandiosa capacidade, que era de 45.000 pessoas e a intenção que foi criado, passou a exercer um símbolo de progresso. (MICALI, 2018). Segundo Micali, Londrina, uma cidade de interior buscando destaque no cenário nacional, tranvestiu-se de capital e para isso passou a investir em construções faraônicas. (MICALI, 2018).

O café, que configurava um produto econômico, passa a ser um símbolo de memória que vai ser utilizado a fim de reafirmar um discurso de progresso da cidade. Este que vai estar presente nos discursos dos governantes, em obras públicas e privadas.

Segundo Arias Neto, paralelamente a isso, a crise na cafeicultura<sup>13</sup> expulsou a mão-de-obra do campo para a cidade, ocasionando o êxodo rural. O então processo de favelização é acentuado neste momento, ocasionando o surgimento do trabalhador volante, também conhecido como bóias-fria. É neste momento que muitos conjuntos habitacionais são criados para tentar resolver o problema do déficit habitacional, como é o caso da criação dos Cinco Conjuntos, no norte da cidade. (LOPES, 2009).

Refletir sobre a História da cidade se faz necessário para compreender o papel que as representações de progresso exercem na atualidade. Além disso, nos faz compreender sobre o delineamento da cidade, o surgimento dos conjuntos habitacionais, os distritos e ocupações irregulares, os quais os causos estão circunscritos. Londrina, que se concebe como urbana, verticalizada e progressista, possui práticas que ocorrem em seu interior, as quais problematizam essas representações vigentes, como é o caso

---

<sup>13</sup> “Os dados da produção agrícola evidenciam também que, por volta de meados dos anos 1970, a substituição do café por outras lavouras – especialmente soja e o trigo – havia se consolidado. (ARIAS NETO, 2008, p. 183).

da prática dos causos. Elas indicam resistências de práticas comuns ao ambiente rural no contexto urbano, falam sobre modos de vivência dos indivíduos e práticas nos mais variados lugares da cidade, ainda, sugerem elementos de religiosidades desses sujeitos.

## **1.2 As narrativas orais como práticas sociais e culturais**

É possível definir os causos como narrativas orais que tratam de episódios imaginados ou não cujos personagens fazem referências a pessoas comuns e lugares também comuns. Todos estes elementos podem ser cotidianamente (re)significados. Os causos se constituem em narrativas orais que, por sua vez, destacam-se como representações sociais que são memória coletiva e se localizam bastante próximos da vivência cotidiana. Não há somente revelações do arcaico e do moderno, mas também de sujeitos e lugares diferentes que compõem a cultura. Também, observa-se por meio dessas narrativas orais que antigas práticas<sup>14</sup>, como a roda de conversa em que as pessoas mais velhas contavam diversas histórias aos mais jovens, reconstituem-se para dar sentido ao presente. Nesse contexto, essas narrativas permanecem como práticas sociais que vão além do divertimento (ALEGRO; BARROS; SILVA, 2009).

Ao que tudo indica, os interlocutores buscam, por meio dos causos, dar sentido aos acontecimentos narrados. A tradição oral, nesse sentido, atua como uma importante estratégia da memória, pois preserva a memória<sup>15</sup> e se torna fonte para a história, ao passo em que expressa a forma como os indivíduos interpretam acontecimentos de seu cotidiano. A narrativa, nesse

---

<sup>14</sup> Compreendo o termo práticas culturais e sociais a partir de Chartier tendo como base os estudos de Norbert Elias. De acordo com o autor: “[...] as práticas [...] tecem a trama das relações quotidianas e exprimem a maneira como uma comunidade, em um determinado tempo e lugar, vive e reflete sua relação com o mundo e a história.” (CHARTIER, 1994, p. 106).

<sup>15</sup> Memória, de acordo com Pollak, é objeto de disputa de poder do que uma sociedade deve lembrar ou esquecer. E, nesse conflito, memórias e grupos com poder hegemônicos acabam se sobressaindo sobre outros, revelando uma crise da memória. De acordo com Pollak “em momentos de crise as memórias subterrâneas podem aflorar e ajudar a reescrever a história de um grupo, cidade, nação, etc.” E nessa disputa, “A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis”. (POLLAK, 1989, p. 9).

contexto, atua de forma essencial para a sobrevivência coletiva, porque traz consigo uma representação social muito próxima à do vivido cotidianamente e também da memória coletiva (ALEGRO; BARROS; SILVA, 2009).

Seguindo a perspectiva de Alegro, Barros e Silva, o causo demanda aos seus narradores o esforço de se lembrarem dos episódios a serem comunicados para os seus ouvintes. Esse exercício de contar o causo evidencia sujeitos e vozes que são muitas vezes silenciadas pela história oficial. Nesse sentido, o causo opera como um elemento de identidade e de memória que colabora com a historicidade do sujeito e com a história dos lugares. Ainda de acordo com as autoras, “a história de um lugar [...] deve, necessariamente ser composta pela experiência de seus moradores que a interpretam e criam sobre ela suas impressões” (ALEGRO; BARROS; SILVA, 2009, p. 9). O trabalho de coleta e registro de causos funciona como uma forma de preservação dessa prática social; já o exercício de análise daquele material busca melhor compreender o passado, as práticas e a historicidades dos sujeitos envolvidos (ALEGRO; BARROS; SILVA, 2009).

Carneiro, em um trabalho de coleta e de registro de causos, aproximou sua definição de “causos” à perspectiva apresentada, definindo-os como episódios nos quais os protagonistas possuem vínculos parentescos ou de afinidade para com o interlocutor. Os causos, para a autora, fazem parte de uma rede infinita e virtual na qual o interlocutor do causo rememora o episódio acontecido na roda de conversa. O interlocutor, então, aproxima os ouvintes envolvidos nessa roda e o causo passa a funcionar como um dispositivo de circulação e mapeamento para os presentes. Nesse sentido, os causos proporcionam uma relação, uma aproximação da narrativa entre interlocutores, narradores e narrados do causo (CARNEIRO, 2014).<sup>16</sup>

Os causos revelam que há uma aproximação afetiva entre falantes e ouvintes, produzindo uma experiência mútua de conhecimento sobre as relações narradas e criadas pelo diálogo. Além disso, o interlocutor se apropria da narrativa oral atribuindo-lhe novos sentidos e significados (CARNEIRO, 2014).

---

<sup>16</sup> Esta pesquisa se empenhou em considerar os narradores dos causos, mas, como não tivemos acesso aos narradores dos causos e tampouco aos transcritores, nos empenhamos em considerar ao máximo os seus interlocutores dentro da complexidade que trazem os causos.

Já Polo (2010) entende os causos como um tipo de discurso oral que são capazes de revelar imagens e práticas do âmbito social. Para o autor, discursos orais são capazes de revelar indivíduos, situações, comportamentos e práticas que não aparecem em documentações "oficiais". Ainda de acordo com Polo,

O causo [...] não é uma simples lenda. Ele é, antes, uma narrativa oral curta, muito próxima do conto [...]. Os causos são "[...] repletos de coincidências, disfarces, golpes teatrais, desfechos improváveis". E devem ter suas origens plantadas em experiências e crenças ancestrais. Porém, não se apresentam como uma descrição do cotidiano vivido não distingue do sentido literal do metafórico, mas, geralmente, combinam elementos do concreto para projetar o imaginário (POLO, 2010, p. 531)

As definições de causo<sup>17</sup> apresentam-no como uma prática social e cultural cujo enredo narrativo apresenta complexidade, já que se encontram englobados indivíduos, lugares cotidianos específicos, acontecimentos e seres fantásticos sobrenaturais. A propósito, não são raras as vezes em que estes últimos apresentam relação com as religiosidades brasileiras. Indicam práticas de divertimento ou de “alerta” para os ouvintes. E, para os historiadores, indicam múltiplas possibilidades de reflexão das práticas orais como elementos culturais. A análise dos causos circulantes é uma atividade complexa que exige um exercício de compreensão concernente a discursos orais, que por sua vez fazem parte de uma prática social e cultural significativa dentro do contexto e do lugar em que estão circunscritos.

### **1.30 trabalho com fontes oriundas da oralidade**

O trabalho com fontes orais permite acesso a experiências plurais. No caso desta pesquisa, por meio do trabalho envolvendo fontes orais que foram transcritas, tornou-se possível o acesso às narrativas dos causos. Como essa pesquisa não realizou o trabalho de entrevista e de coleta dos causos, não foi possível ter acesso aos narradores, tampouco à gestualidade, à entonação e a

---

<sup>17</sup> O causo circulante pode ser compreendido como um tipo de conto popular. De acordo com Darnton (1986, p. 26), “os contos populares são documentos históricos. Surgiram ao longo de muitos séculos e sofreram diferentes transformações, em diferentes tradições culturais. Longe de expressarem as imutáveis operações do ser interno do homem, sugerem que as próprias mentalidades mudaram”.

todos os elementos que o contador do caso utiliza durante a contação<sup>18</sup>. Assim sendo, o mesmo também vale para a recepção por parte dos ouvintes. Tivemos acesso somente à narrativa registrada. Na presente pesquisa, então, nos empenharemos no trabalho com o documento escrito e oriundo da oralidade, considerando a sua complexidade.

Como os casos são oriundos de um trabalho de oralidade, convém refletir sobre o papel do trabalho com fontes orais nesse processo. Com relação a isso, Verena Alberti advertiu-nos de que a História Oral nos fornece múltiplas possibilidades de reflexão, de análises e de hipóteses sobre a história e a memória. Por meio da História Oral<sup>19</sup> é possível ter acesso a histórias do cotidiano, a histórias envolvendo acontecimentos políticos, a padrões de socialização e trajetórias, histórias de comunidades e instituições, biografias, experiências, a histórias de memórias e registro de tradições culturais. E todas essas informações possíveis de serem obtidas por meio da História Oral não esgotam todas as possibilidades sociais (ALBERTI, 2004).

No caso dessa pesquisa, uma das possibilidades que o trabalho de História Oral fornece provém do registro de tradições culturais. Por meio desse registro é possível ter acesso a histórias, a canções, a poemas, a provérbios, a modos de falar de um grupo, a memórias sobre antepassados, a territórios, a informações que são comunicadas de geração em geração ou dentro de um mesmo grupo (ALBERTI, 2004). Essa categoria nos permite incluir os casos circulantes, pois se tratam de narrativas que são contadas dentro de um mesmo grupo e trazem consigo modos de falar, informações sobre o lugar e possivelmente são comunicadas de geração em geração. Os casos, nesse sentido, podem ser compreendidos como uma prática social que vem da

---

<sup>18</sup> Essa pesquisa não realizou o trabalho de coleta e registro dos casos, pois conforme citado, os casos já estavam alocados no acervo do MHL.

<sup>19</sup> De acordo com Alberti, é necessário compreender a distinção entre tradição oral e história oral: "Há autores que fazem uma clara distinção entre tradição oral e história oral. A primeira incluiria narrativas sobre o passado universalmente conhecidas de uma cultura, enquanto o testemunho ou a entrevista de história oral se caracteriza por versões que não são amplamente conhecidas. Essa distinção pressupõe, contudo, que a tradição oral seja imutável; [...] a tradição oral só se atualiza no momento mesmo da narrativa, momento que determina para que e como algo é narrado. Desse ponto de vista, a tradição oral e história oral têm bastante proximidade, principalmente se tomarmos as entrevistas como ações (ou narrações), e não somente como relatos do passado (ALBERTI, 2004, p. 26-27).

tradição oral<sup>20</sup>.

De acordo com Paul Zumthor, quando admitimos que um texto é oriundo da oralidade, nós tomamos consciência de todas as implicações que o trabalho com esse tipo de fonte podem acarretar:

Admitir que um texto, num momento qualquer de sua existência, tenha sido oral é tomar consciência de um fato histórico que não se confunde com a situação de que subsiste a marca escrita, e que jamais aparecerá (no sentido próprio da expressão) “a nossos olhos”. Então, trata-se para nós de tentar ver a outra face desse texto-espelho, de raspar, ao menos, um pouco o estranho. (ZUMTHOR, 1993, p. 35)

Quando analisamos textos oriundos da oralidade, faz-se necessário observar suas entrelinhas em busca de informações que não estão evidentes. Essas informações, quando (e se) encontradas, oferecem múltiplas possibilidades de análise e colaboram para a própria compreensão do texto.

Como não tivemos acesso ao momento e ao método em que os causos foram coletados pelos alunos participantes do projeto, trabalhamos com a narrativa registrada. Além das narrativas dos causos, possuíamos as seguintes informações: nomes dos transcritores, nome da escola e da turma que pertencem. Também é sabido que para efetuar os registros, os alunos participantes do projeto efetuaram uma pesquisa e entrevistaram pessoas próximas a eles com o objetivo justamente de recolherem causos.

Conforme explicitado, os causos são entendidos como narrativas orais e se constituem como práticas sociais e culturais dentro do espaço em que estão circunscritas. E sendo narrativas orais, elas revelam discursos em que há indícios de uma rede complexa que comporta a intencionalidade da mensagem dos causos e as possíveis apropriações por parte de seus ouvintes. Por meio da análise dos causos, é possível alcançar compreensões que nos levam a reflexão sobre as possíveis mensagens que os causos pretendem comunicar.

#### **1.4O programa contação de histórias do norte do Paraná**

Conforme dito, as fontes utilizadas nessa pesquisa são oriundas do projeto de extensão da Universidade Estadual de Londrina “Memória e Patrimônio Cultural Imaterial: Cartografia dos causos circulantes em Londrina-

---

<sup>20</sup> Convém distinguir tradição oral e transmissão oral. De acordo com Paul Zumthor (1993, p. 17): “a primeira se situa na duração; a segunda, no presente da performance”.

PR como estratégia de preservação”<sup>21</sup>, cujo início se deu em dezembro de 2014 e foi concluído em janeiro de 2017. O projeto foi coordenado pela professora do Departamento de História da UEL, Regina Celia Alegro, que na época da execução do projeto atuava como diretora do MHL. Conforme indica Botelho:

“Contação de História do Norte do Paraná”, é um programa educativo do Museu Histórico de Londrina/Uel, que tem apoio do Programa de Extensão Universitária (ProExt). O programa envolve vários outros projetos, com perspectiva tanto da educação para a preservação, do patrimônio material e imaterial, quanto para educação da sensibilização do olhar para as questões do patrimônio. (BOTELHO, 2016, p.1).

Durante o desenvolvimento do projeto, participaram seis alunos do curso de graduação em História da UEL, três alunos de cursos de pós-graduação, seis agentes universitários da UEL, um colaborador externo e uma coordenadora. A equipe do projeto atuou em parceria com o MHL e escolas municipais de Londrina e região, oferecendo oficinas educativas, visitas guiadas no espaço do museu, disponibilizando apoio dos agentes do museu, assim como disponibilizando materiais do museu para pesquisa e exposição. De acordo com Botelho:

Antes da coleta dos causos nas casas e no bairro, os alunos foram preparados em oficinas de entrevista e de fotografia, ministrada por participantes do projeto [...] Nas oficinas de entrevista, os alunos aprenderam sobre a criação do roteiro, a forma de coletar as respostas, como usar gravador, como transcrever a entrevista. Toda a técnica pode ser usada na coleta dos causos. Já na oficina de fotografia, os alunos aprenderam, além das técnicas básicas de produção da fotografia, a sensibilização do olhar para a História. (BOTELHO, 2016, p.1)

O projeto atuava de modo a apoiar as escolas a trabalharem com temas como o da memória e história. De acordo com informações que constam no relatório:

[...] buscava incentivar ideias e práticas de conservação da memória de trabalhadores, orientando e acompanhando os envolvidos na elaboração e execução dos seus projetos de estudo, estimulando [...] sentimento de pertencimento e a valorização das memórias dos trabalhadores, produzindo

---

<sup>21</sup> Projeto registrado na Pró-Reitoria de Extensão da UEL, sob o número 02003.

novos registros sobre o patrimônio cultural. (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, 2019, p.1)

Nessa rede de colaboração proporcionada pelas parcerias citadas, o projeto reuniu 390 causos circulantes, que passaram a incorporar o acervo do MHL. Estes foram lidos e selecionados para posterior análise nessa pesquisa.

O atual Programa Contação de Histórias do Norte do Paraná se iniciou como um projeto de extensão da UEL, em julho de 2005 e foi concluído em julho de 2009<sup>22</sup>. Nesse primeiro momento, atuava por meio de parcerias entre Núcleo Regional de Educação (NRE), escolas da educação básica de Londrina e Região e agentes locais de educação. Possuía como objetivos fornecer subsídios para professores da educação básica trabalharem com fontes de História do Paraná. O então projeto atendeu na época 80 professores, 300 alunos de escolas públicas, 10 profissionais de ensino e 20 alunos de cursos de licenciatura e pós-graduação da UEL. Nessa época, possuía como coordenadora a professora do departamento de História Ana Heloisa Molina, supervisionavam o projeto: Lucia Helena Oliveira Silva e Maria de Fátima Cunha, e como consultora: Regina Celia Alegro.

As ações desempenhadas pelo projeto se estenderam e foi dado a ele continuidade nos anos seguintes. Seus objetivos se ampliaram e passaram a trabalhar de forma conjunta com o MHL, atuando como uma ferramenta da ação cultural educativa do museu. O projeto passou a trabalhar com histórias e memórias do Norte do Paraná, partindo do acervo do MHL. O projeto passou a ser coordenado pela professora Regina Celia Alegro a partir de novembro de 2009. Em 2013 foi ampliado e passou a assumir corpo de programa, englobando os projetos de extensão: Contação de Histórias do Norte do Paraná; Contação de Histórias do Norte do Paraná: Memória e Educação Patrimonial; Indígenas na Paisagem londrinense: uma discussão necessária na perspectiva do Patrimônio Histórico-Cultural; O museu vai à escola: memória e educação Patrimonial; Memória e Educação Patrimonial Cultural Imaterial: Cartografia dos “causos” circulantes em Londrina-PR como estratégia de preservação.<sup>23</sup> Os projetos citados puderam, por intermédio de suas ações,

---

<sup>22</sup> Informações disponíveis do Relatório do Projeto de Extensão nº 01007.

<sup>23</sup> Os projetos cadastrados na Pró-Reitoria de extensão da UEL são respectivamente: 01007; 01480; 01724; 02151; 01714; 01695 e 02003.

sensibilizar professores e alunos do curso de História para a utilização do acervo do museu como fontes históricas em sala de aula e ainda puderam problematizar questões e inserir sujeitos à coleção do MHL.

Nesse contexto, o projeto “Memória e Educação Patrimonial Cultural Imaterial: Cartografia dos “causos” circulantes em Londrina-PR como estratégia de preservação” atuou no programa Contação registrando e reunindo narrativas dos causos. Os causos registrados pelos alunos da Educação Básica constituem-se como fontes que foram registradas para que essas narrativas pudessem ser preservadas; são fontes produzidas no tempo presente (2014-2017) e comunicam-se sobre as culturas e os modos de vivência da cidade. O material registrado e coletado pelo projeto permite a problematização das representações da cidade de Londrina e indica sobre as políticas adotadas pelo MHL nos últimos anos.

### **1.5 Iniciando o processo de análise**

O trabalho de seleção das fontes foi realizado do seguinte modo: durante os meses de setembro e outubro de 2017, foram realizadas algumas visitas ao MHL com a finalidade de se consultar o material e, posteriormente, realizar a digitalização da coleção de causos. No primeiro momento, foi identificada a coleção das narrativas, as quais foram recolhidas e entregues ao MHL graças ao projeto supracitado. Ao todo, foi reunida uma coleção de 368 narrativas que são chamadas pelo museu de causos circulantes<sup>24</sup>, os quais foram digitalizados, lidos, selecionados e analisados. O projeto atuou entre os anos citados; no entanto, em maio de 2018, foram entregues 22 causos oriundos da Escola Indígena do Apucarantina. A coordenadora do projeto, então, repassou-nos este conjunto para que ele pudesse ser inserido nesta pesquisa, que passou a contar com 390 causos circulantes.

A seleção das fontes se baseou no método de análise textual discursiva proposta por Roque Moraes (2003), o qual propõe um ciclo de análise composto por quatro etapas: 1. desmontagem dos textos (momento em que os causos coletados foram “examinados” e fragmentados no sentido de evidenciar temas recorrentes nas narrativas); 2. estabelecimento de relações (criação das

---

<sup>24</sup> Convém destacar que nessa coleção o museu também reuniu lendas.

categorias), 3. captando o novo emergente (consiste na compreensão do corpus documental; momento em que foi identificada a estrutura narrativa das narrativas, os seus elementos presentes e os seis causos foram selecionados para análise e os metatextos são produzidos); 4. processo auto organizado (consiste nos resultados finais da análise).

A proposta de Moraes pode ser aplicada em uma documentação textual existente, que é o caso desta pesquisa; ou então, pode ser aplicada em uma documentação produzida pelo próprio pesquisador. Esses procedimentos possuem como objetivos orientar e facilitar a compreensão do corpus documental para que, assim, novas compreensões possam ser criadas – também conhecidas como metatextos (MORAES, 2003).

Durante as visitas ao museu, as narrativas foram lidas, digitalizadas e inseridas em uma planilha de Excel que possuía as seguintes informações: escola que efetuou o registro, nome do aluno que registrou, turma, tipo de caso ou lenda (por exemplo, fantasma, cômico, história de vida, etc.) e ano da coleta.

Por meio da desmontagem dos textos, foi possível realizar a leitura e tabulação. No momento de examinar a documentação, surgiram alguns apontamentos que indicavam alguns caminhos de análise.

A documentação aponta para inúmeras possibilidades de leituras. A análise textual forneceu encaminhamentos para a análise dos causos, os quais farão parte de um conjunto de significantes sobre os quais serão feitas novas interpretações, possibilitando novos sentidos e significados (MORAES, 2003, p. 194).

As narrativas possuem um conjunto de significantes que foram lidas, categorizadas, selecionadas, analisados para, posteriormente, produzir-se a emergência de novos significados. Os causos e também as lendas, então, constituem, de acordo com esse procedimento, o corpus documental (MORAES, 2003).

O processo de desconstrução dos textos ocorreu após a leitura do conjunto. Esse procedimento possibilitou destacar os elementos constituintes da análise, ou seja, foi possível evidenciar os temas recorrentes na coleção. A partir dessa etapa, também foi possível criar as unidades de análise. Aquelas foram emergindo durante o processo de tabulação e estavam em consonância

com os objetivos da pesquisa. Várias leituras foram necessárias para que ocorresse a tabulação e a fragmentação dos textos e, essa, constitui as unidades de análise (MORAES, 2003).

Conforme o desenvolvimento do processo de tabulação, surgiram categorias que possibilitaram a análise dos casos escolhidos. A categorização se deu a partir de uma comparação entre narrativas, as quais puderam, por meio de leitura, fornecer os elementos semelhantes para que, posteriormente, fossem agrupados conjuntamente. Além de reunir os elementos semelhantes, para a criação de categorias, foi necessário elaborar nomes para estas. A propósito, essas nomenclaturas destacam os elementos marcantes de cada categoria. (MORAES, 2003, p. 196).

Neste processo, as narrativas que possuíam características semelhantes foram selecionadas para as respectivas categorias:

**Quadro 1 - Categorias e subcategorias**

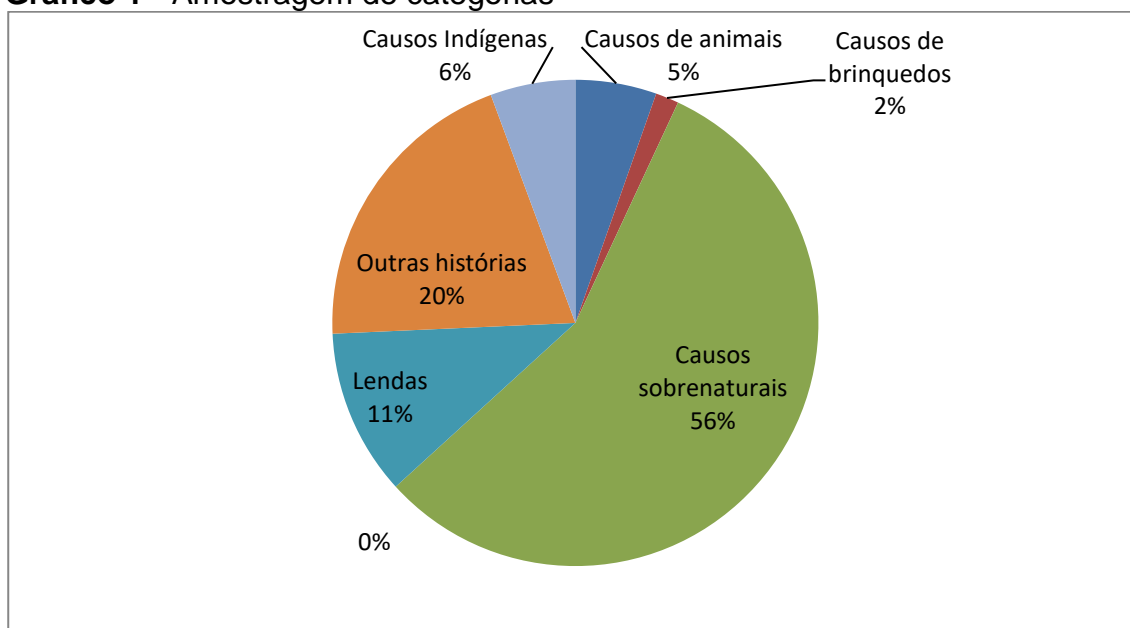
<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
Causos de animais	Animais
Causos de brinquedos	Boneca
Causos sobrenaturais	Assombração Brinquedo assassino Brincadeiras de copo Capeta Casa mal assombrada Cemitério Chupa cabra Fantasmas Fé Língua Grande Loira do banheiro Lobisomem Máquina assombrada Medo Morte Mula sem cabeça Saci-Pererê
Lendas	Dança dos Tangarás Flores Iara Lenda das Cataratas Lenda do guaraná Lenda urbana Negrinho d'água Negrinho do Pastoreio Pacuera Pastorzinho

Outras histórias	Cotidiano Homem do saco Ilegíveis
Causos Indígenas	Conflitos Cotidiano Conquistas Crianças Fenômenos da cultura Indígena Mistério Perseverança Sabedoria Indígena

**Fonte:** o autor.

As categorias criadas possibilitaram visualizar os temas recorrentes na coleção do museu. Desta forma, as narrativas ficaram organizados em categorias que possibilitaram a criação das subcategorias. Conforme evidencia o quadro abaixo:

**Gráfico 1 - Amostragem de categorias**



**Fonte:** O autor.

No quadro acima, é possível identificar informações contidas no corpus documental. As categorias elaboradas<sup>25</sup> foram emergindo no decorrer do processo. As categorias Causos de animais, Causos de brinquedos, Causos sobrenaturais, Lendas, Outras histórias e Causos Indígenas trazem,

<sup>25</sup> As categorias elaboradas são apenas uma forma de enquadrar os causos de acordo com algumas características semelhantes, mas estes possuem várias outras particularidades que possibilitariam a criação de categorias diferentes. Além disso, os causos que estão alocados na categorização citada poderiam transitar nas demais categorias, o que revela uma proximidade e diálogo entre elas.

respectivamente, narrativas com e/ou sobre animais; os de brinquedos falam sobre episódios ocorridos com brinquedos; os sobrenaturais são as narrativas que envolvem o medo, o misterioso. Alguns ainda trazem personagens do folclore brasileiro. Também falam sobre a morte e as religiosidades dos indivíduos, histórias sobre milagres e crenças em santos específicos. Enfim, essa categoria indica representações do sobrenatural. A categoria Lendas, embora possua temáticas muito parecidas com a categoria de causos sobrenaturais, foi classificada dessa forma pois as narrativas são mais extensas que os causos, além de possuírem características como suas estruturas diferenciadas dos causos e o próprio título das narrativas que já trazem o nome lenda. Para compreender essa questão, faz-se necessário compreender o que são as lendas para que, então, possamos diferenciá-las dos causos.

As lendas constituem um gênero literário difícil de delimitar. Dentro dessa categoria, as lendas urbanas podem ser entendidas como relatos anônimos, com conteúdos inusitados e possuem veracidade ao serem transmitidas. Configuram-se como narrativas consolidadas sócio-culturalmente. (LOPES, 2008). De acordo com Lopes:

[...] a narrativa é um fator simbolizante da experiência humana que se faz presente tanto num relato mais supostamente objetivo e factual da realidade – notadamente o relato histórico – quanto no relato ficcional, lendário ou literário. A narrativa é, assim, um modo de estruturar a experiência e de fazer sentido do mundo que nos cerca (LOPES, 2008, p.327).

A definição de lenda, conforme explicitado, revela a complexidade da conceituação. Ainda de acordo com Lopes, deve-se pensar nas lendas para além da sua narrativa, já que aquelas também são práticas discursivas devido ao seu caráter articulado. Nesse sentido, as lendas elaboram enredos que reúnem formas variadas de combinações narrativas a fim de trazer à tona o “real” (LOPES, 2008).

Já para Luiz da Câmara Cascudo, as lendas:

[...] são episódios heroicos ou sentimentais com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral e popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, “legère” possui características de fixação geográfica e pequena deformação e conservam-se as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade (CASCUDO, 1976, p. 348).

As lendas possuem uma estrutura diferente dos causos, porque são narrativas mais longas e seu narrador, ao contá-las, não se insere e, tampouco, adiciona elementos de proximidade com a história, o que é uma característica relevante aos causos. Assim como os causos são oriundos usos da tradição oral. A lenda possui um atributo de verossimilhança que o contador utiliza para dar “credibilidade” à sua narrativa. Configura-se como a interpretação de um discurso racional e exterior, habitada na criação da mente de seu elaborador que reúne, em seu discurso, elementos reais e fantásticos (BARRETO, 2005).

Podem sofrer variações assim como os causos, mas todas possuem em comum uma estrutura lógica subjacente. De acordo com Magalhães,

Para muitos autores a lenda, assim como o mito remete, a um tempo das origens, narra o aparecimento de alguma coisa significativa para o povo que engendrou a narrativa. No entanto, a lenda é marcada por elementos da realidade local onde ela circula, enquanto o mito apontaria para uma realidade universal (MAGALHÃES, 2011, p. 154).

Os causos também trazem em seu bojo aspectos locais, porém, diferenciam-se das lendas, pois não tratam de narrativas das origens. Constituem-se como narrativas que aparecem no cotidiano, revelando uma proximidade dos acontecimentos com os seus narradores e falam sobre episódios muito específicos. Esses episódios que ocorrem nos causos, embora em muitos deles apareçam elementos em comum, são contados de modo muito particular e suas estruturas são mais curtas do que as lendas.

O excerto acima evidencia que a lenda se configura como uma narrativa das origens que aponta para questões locais. Ou seja, uma lenda, em determinado lugar do Brasil, vai trazer, em seu discurso, aspectos locais. Esta questão não exclui a possibilidade de as lendas serem levadas de um lugar para outro, mas este descolamento conta com apropriações por parte dos indivíduos que as (re)significam e acrescentam aspectos locais. Lopes evidencia o que diferencia as lendas dos demais gêneros narrativos:

As lendas urbanas diferenciam-se, assim, da maior parte dos gêneros normalmente associados ao folclore tradicional, nos quais possibilidades de variação e mesmo de verossimilhança parecem mais reduzidas. Verossimilhança, claro, sendo entendida aqui em termos do “efeito de realidade” gerado pela familiaridade com os temas e motivos que povoam as lendas urbanas – contaminação de alimentos, acidentes com produtos da tecnologia moderna, ameaças do estrangeiro, para citar apenas alguns exemplos –, mais do que propriamente pelo

conteúdo particular, freqüentemente inacreditável, de cada um dos acontecimentos relatados. (LOPES, 2008, p. 341).

No projeto responsável pela coleta dos causos utilizados nessa dissertação, lendas foram reunidas, no conjunto, junto aos causos, pois foram recolhidas e entregues aos dirigentes do projeto como narrativas desse gênero. Após uma breve análise daquelas fontes, foi possível distinguir lendas urbanas, segundo as características indicadas por Lopes (2008), de causos. Assim, a categoria relacionada a lendas urbanas traz narrativas como: a Lenda das Cataratas, a Lenda do Guaraná, as lendas sobre o aparecimentos de algumas flores, o Negrinho do Pastoreio, o Negrinho d'água, Pacuera e do Pastorzinho.

A categoria “outras histórias” trouxe causos relacionados à vida cotidiana, episódios que narram acontecimentos “não maravilhosos” e que ocorreram com determinadas pessoas, como a ida a um cinema ou um passeio na praça. Também falam sobre o “homem do saco”, uma história contada cotidianamente para as crianças a fim de amedrontá-las para os perigos de andarem sozinhas, por exemplo.

Já a categoria “causos indígenas” traz narrativas que foram inseridas na coleção recentemente e ainda não puderam ser analisados e alocados em outras categorias. Por meio de uma breve leitura, percebem-se temas ligados ao cotidiano indígena, acontecimentos misteriosos, histórias que falam da sabedoria dos mais velhos acerca da cultura e tradição dos povos indígenas, história de crianças indígenas, além de causos sobre conflitos entre indígenas e não indígenas ou confrontos com “bichos” que aparecem na mata. Também há narrativas sobre conquistas e perseverança dos indígenas. Outras narrativas que fazem parte da coleção foram classificadas como ilegíveis devido à qualidade da transcrição.

No processo de categorização ficou evidente que cada categoria traz narrativas específicas, mesmo que existam características em comum. Identificou-se que cada contador coloca no caso sua marca e elementos diversos, ou seja, todos os causos possuem suas particularidades. Assim, a criação das categorias possibilitou a compreensão do conjunto e a seleção de seis causos de uma das categorias criadas.

Durante a categorização, alguns temas recorrentes chamaram a atenção, como narrativas que possuem elementos sobrenaturais, as quais

correspondem a 54% dos casos coletados. Esta categoria de casos sobrenaturais possibilitou a criação de subcategorias e, ainda, um fator comum entre elas chamou a atenção: nessas narrativas há a evidência do lugar. É válido recordar, porém, que os temas emergentes nos casos podem possibilitar outras leituras e viabilidades de agrupamento e de análise.

Nessa pesquisa optou-se em trabalhar com uma amostra de seis casos da categoria sobrenaturais. A seleção aconteceu, pois, durante o processo. Foi possível constatar que o sobrenatural é uma categoria expressiva. Os seis casos escolhidos possuem semelhanças em suas narrativas, ou seja, os enredos acontecem no período da noite, em lugares característicos e revelam práticas específicas. Além disso, são muito emblemáticas e indicam uma repetição do padrão das narrativas da categoria trabalhada. Por fim, os casos da categoria sobrenatural foram lidos várias vezes, a fim de identificar os padrões, para que pudessem ser selecionados.

Durante esse processo, os casos que indicaram o elemento “lugar” como fundamental à narrativa despertaram a atenção, pois o “lugar” aparece como o espaço onde as tramas se desenvolvem e, mais do que um cenário, constituem o espaço do cotidiano dos sujeitos que narram. Convém citar que outros casos, da categoria sobrenatural, também trazem essas questões, mas os seis casos escolhidos possuem semelhanças em suas narrativas, tanto na forma como estão estruturadas quanto nas discussões realizadas durante a análise. O critério de seleção também se pauta na amostragem adequada de documentos, “[...] capaz de produzir resultados válidos e representativos em relação aos fenômenos investigados” (MORAES, 2003, p.194).

A categoria sobrenatural possui 219 casos circulantes, divididos entre as subcategorias: Assombração (37), Brinquedos(1), Brincadeiras (1), Capeta (1), Casa mal assombrada (12), Cemitério (6), Chupa cabra (1), Fantasmas (54), Fé (6), Língua Grande (1), Loira do banheiro (12), Lobisomem (50), Máquina assombrada (1), Medo (8), Morte (3), Mula sem cabeça (15) e Saci-Pererê (10).

A análise textual discursiva seguirá, então, sendo aplicada no conjunto, que é composto pelos seis casos circulantes selecionados para análise: “O lobisomem”, “A noiva e o noivo real”, “A noiva assombrada da chácara São Miguel”, “O grito das freiras”, “Causo contado por sua mãe, acontecido na

estrada próximo ao cemitério da Warta”, “Acontecido no sítio Biolange, próximo ao cemitério do Irerê”.

Com as etapas do procedimento propostos por Moraes concluídos, fez-se necessário adaptar os demais procedimentos de análise para posterior aplicação no conjunto dos casos selecionados, tendo em vista que uma das propostas da análise textual qualitativa é a produção de novos sentidos a partir de relações estabelecidas entre as categorias criadas. Seguindo a proposta de Moraes, devem-se estabelecer pontes entre as categorias criadas e analisar as categorias como um todo (MORAES, 2003).

Isto posto, o terceiro procedimento metodológico, denominado por Moraes de “Captando o novo emergente”, possibilitou, a partir da identificação da estrutura e dos elementos presentes nos casos, a construção dos metatextos, ou seja, a interpretação de novos sentidos e significados para os casos (MORAES, 2003).

Esse exercício de interpretação permite ir além das informações contidas na documentação. Ele permite construir e expressar compreensões mais profundas sobre os documentos analisados. Nesse sentido, o exercício de interpretação na análise textual discursiva permite ao pesquisador ir além do “dito e do percebido” (MORAES, 2003, p. 204-205).

A partir da leitura dos casos, algo se destacou. Nós nos referimos à questão do lugar, pois entre elas estão muito presentes os lugares em que os indivíduos que contam os casos vivenciam. Ou seja, os casos contados remetem a lugares específicos, o distrito do Irerê, Jardim Paulista, o Franciscato, a Warta, entre outros. Além disso, essas narrativas ocorrem em tempos que remetem a religiosidades. Entre estas “narrativas sobrenaturais”, havia casos de lobisomem, de fantasmas, de monstros, de noivas fantasmas, de bonecas demoníacas, de casas mal assombradas, entre outros. Abaixo, é possível identificar os lugares em que aparecem nos casos circulantes analisados, os lugares que aparecem nas narrativas possuem uma marcação em destaque:

**Figura 2** - Mapa de Londrina com indicação dos lugares onde os casos se passam



**Fonte:** IPPUL. Município de Londrina e seus Distritos. 2014.

O mapa do município de Londrina se fez necessário, pois saber sobre os lugares que as narrativas remetem é um fator muito relevante para a análise. Uma vez que já foi dado início ao processo de análise no corpus documental – foram selecionados os mencionados seis casos –, seguimos para as análises individuais de cada caso. No próximo capítulo, então, nos empenhamos em analisar o caso do lobisomem e, assim, dar início a uma reflexão sobre as possíveis intencionalidades e mensagens presentes nas narrativas dos casos.

## 2 TURIBA: O lobisomem do jardim paulista

“[...] pobre da cidade ou do homem cuja história seja só história natural”. (FREYRE, 1970, p. 5)

Este capítulo busca analisar individualmente o caso “O Lobisomem”, o objetivo é compreendê-lo a partir das representações que o contador faz do lobisomem do Jardim Paulista. Procura-se compreender as narrativas sobre essa figura presente em outras culturas, a função que ela desempenha nessas culturas, refletir sobre o caso do lobisomem nas culturas do Brasil e assim pensá-la dentro do contexto do Jardim Paulista.

O primeiro caso analisado, intitulado “O lobisomem”, foi registrado pela Escola Municipal Américo Sabino Coimbra em 2016. O autor não foi identificado e a narrativa se passa no Jardim Paulista, região Norte de Londrina. Abaixo, o caso foi transcrito na íntegra e o estilo textual do transcritor foi mantido.

### O lobisomem

Era um dia. Um senhor com o nome de Eleotório com o apelido de “Turiba”, segundo a história contada pelos moradores mais antigos do jardim paulista. Este senhor não era tão normal... a mãe dele chamava dona Maria abandonou ele para ser atropelado por um carro assim sendo uma senhora passava pela pista na hora salvou a vida daquela criança de 7 anos os anos foi passando e cada dia que se passava este menino ficava mais estranho com as unhas do pé enorme as unhas da mão bem grande e o corpo com pelos grandes e os olhos sempre vermelhos, ninguém na favela entendia porque sua mãe tinha o deixado na BR para ser atropelado sendo que ela foi embora da cidade levando com você seus outros 6 filhos e abandonando somente 1.

E os anos se passaram e ele foi ficando mais velho e estranho, todos dizem que ele viara lobisomem. Sendo que ele é todo peludo com os olhos vermelhos sempre... e unhas grandes.

Hoje ele com 73 anos é solteiro nunca namorou nem casou dizem que ele até hoje é virgem e todas as coresmas ele fica estranho e com os olhos grandes e vermelhos, onde ele passa os cachorros ficam lokos latindo sem parar assim diz o povo da favela cantinho do céu que o “Turiba” é o LOBISOMEM. (Não Identificado, 2016)

No caso acima, discorreu-se sobre um homem suspeito de ser um lobisomem. Ele vive no Jardim Paulista e seu nome é Eleotório. A partir da leitura do caso é possível identificar que o mesmo é bem estruturado, possui começo, clímax e final. Ainda, é digno de nota que foram apresentadas

características bastante comuns, ou melhor dizendo, é possível identificar uma narrativa que vem da tradição oral e que indica elementos de lugar. Trata-se de um caso circunscrito no Jardim Paulista e nele há evidências de um *topoi*, ou seja, de elementos e estruturas que são comuns aos casos e que consistem como a argumentação central da narrativa.

No caso dos casos, os *topois* manifestam os pontos de vistas dos seus contadores. Esses pontos de vista possibilitam novas conclusões e a produção de novos sentidos (FURLANETTO, 2006).

De acordo com Furlanetto,

O sentido não se constrói diretamente pela relação linguagem/mundo, mas pelos encadeamentos discursivos formulados, apontando para o outro (sujeito). Há, pois, uma atitude deslocada do processo de referência em direção às possibilidades de formulação discursiva, o que qualifica como discursiva a semântica argumentativa. O fenômeno enunciativo passa a ser, antes de mais nada, um exercício de produção de realidade(s). Para encontrar a orientação argumentativa é preciso, então, explorar os *topoi* convocados. A argumentação, com base nisso, se descreve a partir dos enunciadores apresentados no discurso (FURLANETTO, 2006, p. 527-528).

No excerto acima, é possível inferir que os *topoi* podem ser entendidos como fenômenos enunciativos de produção de realidade e que, para encontrá-los, deve-se fazer um exercício interpretativo. No caso da presente pesquisa, os casos selecionados evidenciam a existência de *topois* que são comuns na fala dos contadores. As narrativas contadas apresentam argumentos que evidenciam uma proximidade entre os episódios ocorridos com os contadores. Se o episódio não ocorrer com eles mesmos, sempre haverá alguém, algo ou um lugar em que os aproxima do episódio narrado. No caso das narrativas de lobisomem, por meio de comparação entre esses tipos de narrativas, foi possível perceber os seguintes *topoi*: o tempo da quaresma, em que esses seres se manifestam; o indivíduo que se transforma em lobisomem é o sétimo filho; a caracterização do indivíduo como lobisomem.

Ainda sobre o caso do suposto lobisomem, o elemento que aproxima o contador com o episódio narrado, ou seja, com a provável existência do lobisomem Eleotório, é o lugar. O lugar aqui é entendido como espaço (re) significado no qual há elementos semelhantes a todos os indivíduos que o vivenciam, mas que possui um significado e um sentido diferente para cada um

(TUAN, 1983). O lugar onde ocorre o caso em questão é o Jardim Paulista. Logo nas primeiras linhas, o contador indica que o caso é familiar para os moradores do Jardim Paulista e, ao final do caso, também há “indícios” de que aquela figura licantrópica também é conhecida na favela Cantinho do Céu<sup>26</sup>. A provável existência do Eleotório é confirmada pelos argumentos que o contador utilizou ao dar nome e lugar ao sujeito.

No decorrer da narrativa, o contador caracterizou a figura de Eleotório e atribui a ele características que indicam um quê de mistério. Logo quando o contador diz que “este senhor não era tão normal..”, já se está colocando ali um juízo de valor e iniciando a justificativa de que ele poderia ser um lobisomem. Ao longo da narrativa, também são fornecidos subsídios que paulatinamente vão confirmando o seu argumento: Eleotório foi abandonado na infância para ser atropelado, mas foi salvo e, com o passar do tempo, a figura da criança foi se metamorfoseando e a narrativa vai se tornando cada vez mais sobrenatural.

O processo sofrido pelo garoto é demonstrado no caso a partir de uma série de elementos, como suas enormes unhas do pé, mãos e pelos bem grandes além de olhos vermelhos. A caricatura feita pelo contador, evidentemente, possui intencionalidades. Uma delas é justificar seus argumentos que evidenciam a figura de Eleotório como um lobisomem. Também, busca-se justificar o abandono sofrido pelo sujeito enquanto era criança. A mãe o teria abandonado, pois o garoto era o sétimo filho e, segundo as lendas sobre lobisomem, o sétimo filho seria um licantropo. Outro elemento que evidencia o abandono é que a mãe de Eleotório teria ido embora da cidade levando consigo todos os seus outros filhos. A caricatura descrita pelo contador confirma o status de estranheza do sujeito que, mesmo idoso (73 anos), ele não foi isento disso.

Além da caracterização da imagem de lobisomem, outro fator também deve ser levado em conta: o primeiro deles diz respeito à virgindade do sujeito que “nunca namorou”. Em um mundo no qual a hiper-sexualização é bastante comum, o fato de um senhor de 73 anos ser virgem coloca-o em uma posição de “excluído” ou até de anormal. Assim, fica nítido que o contador utiliza da

---

<sup>26</sup> Cantinho do céu, segundo o Atlas Ambiental da cidade de Londrina (2008), é uma ocupação irregular datada de 1988, localizada no Fundo de Vale do Jardim Paulista, na zona norte de Londrina.

figura de um indivíduo comum, que transita no Jardim Paulista, a quem foi atribuída características que supostamente sugeririam sua secreta condição de lobisomem. No caso do caso de Eleotório, é possível perceber o *topoi*, ou seja, os padrões argumentativos que o contador utilizou.

De acordo com Furlanetto:

Os *topoi* pressupõem sempre um enunciador, virtual ou não. Eles representam “evidências”, vozes na sombra, algo que é fundamento sem que disso, em geral, o locutor se dê conta; funcionam como uma espécie de acordo que serve de premissa (de caráter cultural) – uma memória discursiva. Assim é que o operador argumentativo funciona de modo suplementar durante o percurso enunciativo realizado. As indicações primárias de interpretação são fornecidas pelos *topoi*, que impõem, no contexto, relações e trajetórias possíveis para o “acabamento” do texto, dando-lhe um tom menos ou mais polêmico. (FURLANETTO, 2006, p. 527-528)

O tom que o contador deu à narrativa é de polêmica e, além disso, também trouxe um mistério que possivelmente está presente no cotidiano dos moradores do Jardim Paulista e do Cantinho do céu. A figura de Eleotório é a de um sujeito comum. Ela poderia ser atribuída a qualquer outro sujeito daquele lugar, mas o contador não o escolhe por algumas poucas e simplórias razões. Ele estruturou sua narrativa e trouxe subsídios para justificar que Eleotório – ou Turiba, como também é conhecido – é sim um lobisomem e não apenas isso: ele é O lobisomem do Jardim Paulista. A narrativa que possivelmente é contada por antigos moradores do bairro e citado até os dias de hoje. Trata-se de uma narrativa que une elementos sobrenaturais aos do cotidiano para dar sentido a uma prática que ocorre nesse lugar.

Para dar continuidade na análise do caso, foi necessário refletir sobre a temporalidade em que a narrativa encontra-se circunscrita. Conforme citado, os casos coletados pelo projeto não indicam com clareza o tempo em que estão inseridas. Neles é possível inferir, apenas, que se tratam de documentos produzidos no tempo presente e foram registrados pelo projeto para garantir a preservação dessas narrativas. Nesse sentido, é necessário olhar para as entrelinhas presentes nos casos. No caso do “Lobisomem”, há indícios de seguintes temporalidades: a primeira diz respeito ao tempo de vida do sujeito Eleotório. Já a segunda, à Quaresma. Sobre o tempo de vida de Eleotório, o caso nos forneceu algumas informações. O jovem possivelmente teria sido

abandonado aos sete anos de idade e foi resgatado por uma senhora. O número 7 é significativo nesse caso, pois se trata de um sétimo filho, foi resgatado no sétimo ano de vida e no ano em que foi coletado possuía 73 anos. Nesse sentido, talvez o número da idade atual não seja necessariamente uma idade real, mas outro elemento toponímico utilizado na narrativa.

O Jardim Paulista, lugar em que se passa a provável vida de Eleotório, é resultado da expansão do município de Londrina, cujo alastramento resultou na desvalorização (no que tange à especulação imobiliária) de áreas de loteamentos na região da Avenida Brasília. Surgida entre os anos de 1950 e 1960, levava desde suas origens o nome de Vila Paulista (LOPES, 2010, p. 553).

Os fluxos migratórios da zona rural para o espaço urbano na cidade de Londrina colaboraram para um problema habitacional no município, o que impulsionaram uma grande expansão da periferia. De acordo com Lopes:

No caso de Londrina este fenômeno social agravou a crise habitacional que já se encontrava assolando as classes populares do município. Estes migrantes, em sua maioria, deslocaram-se ora para favelas antigas do município, ora ocupando áreas públicas ou fundos de vale. Residindo em áreas sem infra-estrutura, como água, luz, asfalto e esgoto, esta parcela da população marginalizada transformou a paisagem das encostas de avenidas (como a Avenida Brasília e a BR-445) e as encostas de ribeirões com suas pequenas moradias de madeira, onde uma ou mais famílias se refugiavam. (LOPES, 2009, p. 176).

A Vila Paulista, que foi oriunda deste contexto de fluxo migratório de zona rural para zona urbana, é resultado de transformações que passam a ocorrer no município de Londrina-PR, e além deste conjunto habitacional, outros também são criados. Os Cinco Conjuntos (zona norte de Londrina-PR), por exemplo, foram criados devido a medidas adotadas pelo município em parceria com o Governo Federal, cujo objetivo era conter o déficit habitacional que era cada vez mais crescente na cidade deste período. A paisagem da cidade deste período indicava uma coexistência de conjuntos habitacionais com a proliferação de favelas. Esta fortemente impulsionada pelos movimentos migratórios e terminaram em um crescimento irregular no espaço urbano da cidade. (LOPES, 2009).

A Vila Paulista se tornou mais tarde o Jardim Paulista, o espaço aonde o enredo do caso se passa. Os conjuntos criados neste mesmo período possuem no seu cerne o objetivo de resolver os déficits habitacionais enfrentados por Londrina neste período. Mesmo possuindo origens semelhantes e sendo produtos da mesma lógica de criação, os conjuntos habitacionais que surgiram neste período não possuem as mesmas relações sociais, nem as mesmas práticas. Sendo assim, cada lugar possui suas particularidades.

O caso que está ambientado no Jardim Paulista possui um *topoi* – que é comum a esse tipo de narrativa e que utiliza da figura do lobisomem, que é uma figura antiga na cultura – revela-se, por meio de seus elementos, um caso muito particular.

Além do mais, o caso também revela a presença (real ou não) da conhecida figura do suposto lobisomem dos moradores do Jardim Paulista. Esse tipo de narrativa, que contrasta com a história oficial e progressista da cidade, evidencia práticas culturais que ocorrem em determinados lugares. Como dito, não objetivamos discutir sobre a veracidade do caso, mas evidenciar práticas culturais que resistem no interior da cidade e que revelam muito sobre a dinâmica do lugar no qual encontra-se inserido.

Retomemos à mencionada “segunda temporalidade”. Ela se configura no período da Quaresma. Assim, além de se revelar como estrutura temporal, ela também faz parte da caricatura do misterioso Eleotório, pois é nessa mesma época que o lobisomem apresenta comportamentos ainda mais estranhos quando os comparamos às dos demais períodos do ano. A Quaresma, que é uma data presente em alguns calendários cristãos, antecede a Páscoa e designa uma temporalidade composta por 40 dias de reflexão para os cristãos. Esse período, que se inicia na Quarta-Feira de Cinzas e termina no Domingo de Ramos, serve como momento de reflexão, oração e penitência. É importante ter em vista que esse período representa os 40 dias passados por Jesus no deserto. O Domingo de Ramos marcaria, então, a volta de Jesus à cidade de Jerusalém, além de seu triunfo frente aos desafios enfrentados no deserto. De acordo com Schmitt:

En lo que se refiere a la cuaresma, fue definida por la Iglesia desde el siglo VI. Sin embargo, habrá que esperar hasta El

siglo XII [...] para que la estructuración todavía más marcada del tiempo urbano [...] Durante la Alta Edad Media, la cuaresma no empezaba hasta después Del domingo de la Cuadragésima, e y el ayuno se limitaba a los cuatro domingos de cuaresma; [...] (SCHMITT, 1992, p. 160).

Diante de tamanho simbolismo sacro, não é de se estranhar que criaturas como o lobisomem viessem a manifestar, ao menos, algum traço de desconforto.

De acordo com Martins e Cordelia:

A quaresma é o momento de 40 dias marcado pela espera, por parte dos cristãos, do sofrimento, crucificação, morte e ressurreição de Jesus Cristo. O número 40 possui uma carga de significados relevantes para a tradição judaico-cristã. [...] Jesus passou 40 dias e 40 noites no deserto em jejum antes de sua vida pública, quando foi tentado pelo demônio, segundo a passagem “Então Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo. Depois de ter jejuado quarenta dias e quarenta noites, acabou sentindo fome” (Mt 4, 1-2). [...] o número 40 tem uma conotação de preparação, espera e purificação. Assim, o tempo da quaresma é vivido pelos cristãos como forma de solidariedade com seu senhor, Jesus Cristo. (CORDELIA; MARTINS; 2015, p. 9-10)

Essa data é muito simbólica e reflexiva para algumas religiosidades cristãs. Ela implica em uma série de comportamentos especiais que devem ser seguidos como, por exemplo, os jejuns, a privação de festas e o consumo de bebidas alcoólicas. O período também é marcado por privações de tentações. Dessa forma, cabe ao “bom cristão” superá-las. Essa superação, de acordo com a tradição, aproximaria os fiéis de Jesus e de sua ressurreição. Garantindo isso, os cristãos alcançariam o perdão pelos seus pecados e, consecutivamente, uma “vida nova”. Nesse período de Quaresma, para os cristãos, também são bastante comuns as penitências que os indivíduos fazem a fim de garantirem algum pedido especial, como a cura de doenças ou a melhora de algum aspecto da vida privada.

De acordo com Luiz da Camara Cascudo (2002), a Quaresma pode ser considerada um período de luto. Quando não eram permitidas festas ou comemorações, também não havia realizações de novenas e durante as quartas e sextas-feiras era realizado o jejum. Segundo Cascudo, esses comportamentos que foram inicialmente impostos pela Igreja foram sendo parcialmente abandonados nos grandes centros, mas permanecendo em grande parte na zona rural.

Ao analisar o comportamento de 75 famílias do bairro rural de Laranjeiras em Itapetirica em 1964, Fukui compreendeu que o calendário religioso da região é um elemento marcante para os moradores locais. As celebrações da Quaresma são alternadas por celebrações na capela, rezas, penitências e via-sacra. De acordo com Fukui, durante a Semana Santa (semana que antecede a Páscoa), guarda-se o respeito e não há realização de atividades na roça. Ninguém consome bebida alcoólica, as pessoas falam baixo e não há cantos e nem danças de músicas consideradas profanas (FUKUI, 1983). A autora revela que há uma série de comportamentos realizados pelos moradores do bairro rural, padrões esses que podem ser observados em outras localidades do Brasil. De acordo com Fukui:

Toda proteção em relação ao imponderável da vida, cessa no período da Quaresma; os santos são cobertos com um pano roxo; é “tempo de penitência” em que “os bichos estão andeijos”, “o mal está solto” e não se tem defesa nem possibilidade de controlar ou pactuar com o sobrenatural. Todos temem os males que nesta época são maiores do que em épocas comuns. Na Sexta-Feira Santa, à noite é que o perigo maior se apresenta. Não há proteção dos Santos, Cristo está morto. [...] O pacto com a vida está desequilibrado, o auxílio dos santos está ausente. É o momento de apelar aos mortos, às almas como intermediários dos mortais, como um apelo dos vivos aos mortos, em nome do desamparo da vida. [...] No dia seguinte é a Aleluia e a Ressurreição refaz-se o equilíbrio da vida e do pacto com os santos. (FUKUI, 1983, p. 257)

O caso do comportamento dos moradores do bairro rural de Laranjeiras serve de exemplo para se pensar nos padrões de comportamento adotados por alguns indivíduos durante o tempo da quaresma. Nessa pesquisa, ele nos forneceu subsídios para que pensássemos a quaresma como um tempo no qual pudessem ocorrer manifestações sobrenaturais.

Nesse momento de reflexão, de oração e de penitência, algumas religiões cristãs chamam a atenção para os perigos representados pelas tentações realizadas pelo “inimigo”. Esse é o momento no qual manifestações do inimigo aparecem para quebrar com a ordem sacra das coisas. Essas tentam dificultar e/ou interromper a aproximação dos cristãos de Jesus Cristo e, consecutivamente, de uma vida de “purificação”. Nesse sentido, a figura do lobisomem aparece como uma representação do inimigo, que tende a quebrar com o sossego e a paz dos moradores do Jardim Paulista, afinal de contas,

seu comportamento modifica-se para pior no período da Quaresma e rompe com o mencionado período de louvor e oração. Esse momento da Quaresma constitui-se, então, num tempo em que as criaturas infernais se manifestam. Não é por acaso que a Quaresma foi citada. O caso revela uma preocupação do sujeito com a manifestação do lobisomem que se dá, sobretudo, nesse período.

A lenda do lobisomem remonta à antigas tradições orais, e um dos seus indícios mais antigos remonta às Ilhas Britânicas, por meio de narrativas folclóricas. As narrativas que apresentavam a existência de homens-lobo indicam evidências dessas narrativas na tradição oral da Europa a partir do século V d.C. De acordo com Felizardo e Silva:

[...] um dos fatores principais que ajudaram a criar a ligação do lobo com o lobisomem e a alteridade remonta à queda do Império Romano quando a Europa mediterrânea passou a ser assolada pelas invasões nórdicas. Entre os antigos nórdicos era costume que certos guerreiros vestissem as peles das feras que haviam abatido, o que lhes dava um ar de ferocidade, calculado para espalhar o terror nos corações dos inimigos. Estes guerreiros – chamados de berserker – eram objetos de aversão e terror entre os habitantes das terras invadidas já que eles pilhavam, destruíam e matavam tudo em seu caminho, não respeitando igrejas, governos ou a idade e sexo de suas vítimas. Nesse sentido, é perfeitamente possível imaginar que a superstição popular tenha se espalhado com o medo destes nômades vestidos com pele de lobo e urso, acreditando-se que estivessem imbuídos não apenas da força das feras cujas peles vestiam, mas também de sua forma física (BARING-GOULD, 2003, p. 33 apud FELIZARDO; SILVA, 2008, p. 282)

Por meio de narrativas que remontam a uma de suas mais antigas menções, atribuiu-se aos nórdicos as características que mais tarde influenciariam na caracterização da figura do licantropo. Os homens que se vestiam com peles de feras amedrontavam as pessoas e esse medo veio a contribuir para com a futura estruturação da ideia que hoje temos sobre lobisomens. A questão da alteridade contribuiu para a imagem do povo nórdico como pessoas que causavam o terror. O medo do “outro”, do desconhecido, era estimulado pelos padrões de comportamento utilizados pelos próprios nórdicos, que em muitas ocasiões afrontaram o catolicismo ao destruir suas igrejas, saqueá-las e matar seus sacerdotes e fiéis (FELIZARDO; SILVA, 2008).

Para Felizardo e Silva, além dos comportamentos dos nórdicos, como o eram concebidos pelos não-nórdicos, a imagem de homem violentos envoltos em peles de animais contribuiu para a disseminação de narrativas futuras sobre os lobisomens:

Além da imagem do berserk, o próprio terror provocado pelo lobo ajudou na disseminação da ligação do animal com o diabo e seu acólito nas florestas, o lobisomem. Como comenta Paul Barber: “Na Europa, eles [os lobos] sempre foram vistos como comedores de homens”. [...] Durante a Idade Média, o temor aos lobos era particularmente ativo no inverno quando a população acreditava que a escassez de comida levava esses animais a atacarem indiscriminadamente homens, mulheres e crianças (FELIZARDO; SILVA, 2008, p. 283)

O medo oriundo do desconhecido, unido ao medo dos lobos, fez com que fossem atribuídos às figuras das bruxas, feiticeiros, estrangeiros (aqui entra os nórdicos) e hereges o rótulo de lobisomens. Esse medo do desconhecido frente às novas situações ocorridas no cotidiano possibilitou a criação e a circulação de narrativas de homens-besta-lobos. De acordo com Felizardo e Silva, a princípio:

[...] o lobisomem folclórico não passava de um ser humano que ora assumia a forma de um lobo normal, ora a alma possuía o corpo de um lobo, ou era acometido por uma insanidade ou doença que o levava a apresentar uma fúria animalesca. [...] No entanto, independente do processo de transformação a morada era bem definida: a floresta. Lugar do bestial e da transgressão, simbolicamente ligada ao inconsciente, a floresta era considerada principalmente na Idade Média como um local fora dos limites da lei e do controle, a habitação dos seres banidos da companhia humana, a casa do demônio onde o lobisomem habitava (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1997, p. 439- 440 apud FELIZARDO; SILVA, 2008, p. 284)

Os excertos supracitados indicam que as narrativas concernentes à licantropia são oriundas da tradição oral e, possivelmente, começaram a circular a partir do século V a. C., mas também há evidências de criaturas semelhantes na mitologia grega. É bastante complexo mapear as origens dessa criatura e, por isso, nessa pesquisa optamos por atribuir as origens dessa narrativa na tradição oral. Ainda entende-se que

A presença da figura do lobisomem na literatura, no cinema e em outras expressões culturais reflete a maneira como o ser humano buscou dar forma aos seus medos e angústias em relação a um ‘Outro’ que, como tal, trazia o signo da ameaça ao status quo. No entanto, assim como ocorre com outras

criaturas comumente ligadas ao maléfico como bruxas, gigantes, ogros e vampiros, o lobisomem também pode ser lido como uma vítima. Uma vítima de uma ideologia que exclui e persegue (FELIZARDO; SILVA, 2008, p. 296).

A vertente apontada por Felizardo e Silva atribui tanto surgimento quanto a conotação negativa dos lobisomens aos *Bersekirs*. Há vários estudos acerca dos lobisomens. Uns indicam que o tal ser é ruim e está associado ao “mal”. Também há outra vertente, que foi mais bem estudada por Ginzburg. Nos estudos realizados por esse autor em registros de relatos realizados pela inquisição nos séculos XVI e XVII, deparamo-nos com a análise de um caso envolvendo inquisidores contra um lobisomem lituano. Nesse caso, o acusado (um senhor com mais de 80 anos) confessou, perante os juízes em interrogatório, ser um lobisomem. Ainda nesse caso, a caracterização do lobisomem, nesse interrogatório, possui aspectos diferentes aos dos *bersekirs*:

O velho diz que o seu nariz fora quebrado, no passado, por um camponês de Lemburg, Skeistan, morto já há bastante tempo. Skeistan era um feiticeiro; juntamente com seus companheiros, tinha levado as sementes de trigo ao Inferno para que as menses não crescessem. Acompanhado por outros lobisomens, Thiess fora ao Inferno e lutara contra Skeistan. [...] Não se tratava de um confronto ocasional. Três vezes por ano, nas noites de Santa Lúcia, antes do Natal, de Pentecostes e de São João, os lobisomens vão a pé, como uma alcatéia, até o lugar situado “onde termina o mar”: o Inferno. Lá eles lutam com o diabo e os feiticeiros [...] desse modo eles podem trazer de volta para a terra tudo o que os feiticeiros roubaram – gado, cereais e outros frutos da terra. [...] e, sempre graças aos lobisomens, as colheitas de cevada e de centeio, bem como uma pesca abundante, estavam asseguradas (GINZBURG, 1988, p. 50-51).

No relato de Thiess, a figura do lobisomem que apareceu aproxima-se a de um ser “protetor”. Supostamente caberia a ele defender o lugar em que vive. Lutando contra os seres infernais que perambulam entre os humanos, seria possível assegurar a boa fortuna. Ainda segundo o relator de Thiess, os lobisomens são sepultados como pessoas comuns e suas almas vão para o Céu, garantindo-lhes um papel de “cães de Deus”. Ginzburg apontou que essa representação não apareceu somente naquela região da Europa. De acordo com ele, na Alemanha e na Rússia também há relatos sobre lobisomens que protegiam os homens e garantiam colheitas prósperas (GINZBURG, 1988).

Embora os registros apontem que os juízes tentavam atribuir uma representação negativa à figura dos lobisomens, para que então pudessem condenar os interrogados, ficou evidente nos relatos dos interrogados que a figura dos lobisomens não era maligna, sendo, portanto, contrária a figura dos *bersekirs*. De acordo com Ginzburg:

[...] dos relatos do velho Thiess, surge uma imagem completamente diferente: os lobisomens são apresentados como defensores das colheitas e até do gado contra as contínuas perdas dos inimigos da prosperidade dos homens e da fertilidade da terra, a saber: o diabo e os feiticeiros. Esse reaparecimento de crenças provavelmente muito mais antigas se explica, com toda probabilidade, pelo fato de que, no final do século XVII, os juízes lituanos tinham cessado de servir-se da tortura e até de perguntas persuasivas nos confrontos com os acusados. Que essa imagem positiva dos lobisomens fosse bem mais antiga do que o final do século XVII fica provado, [...] provavelmente ele devia ter assimilado essas crenças na sua já remota infância. [...] os traços positivos dos lobisomens deveriam pouco a pouco, sob a pressão dos juízes, desaparecer ou deformar-se na imagem horrenda do homem-lobo devastador de rebanhos (GINZBURG, 1988, p. 53).

Conforme dito, há vários indícios sobre aparições da figura do lobisomem, o que torna ainda mais difícil o mapeamento de suas origens. Ao que tudo indica, aquela figura existe e povoa os imaginários desde a antiguidade. E elas fornecem subsídios para o surgimento da figura do lobisomem presente na cultura brasileiro. Assim como há os *bersekirs*, os cães de Deus, os lobisomens alemães e os russos, também há a figura do lobisomem brasileiro. Cada qual possui um repertório muito diferente, e tornam-se possibilitadas representações muito particulares sobre a figura do licantropo.

As narrativas sobre lobisomens foram inseridas no Brasil pelos portugueses e espanhóis no processo de (re) ocupação do território do Brasil. De acordo com Bozetto Junior (2011), há indícios de que as narrativas sobre lobisomens foram inseridas no período colonial. Em cada região do país, o lobisomem foi incorporado de diferentes formas, além de a eles terem sido atribuídos elementos locais:

De acordo com Sánchez [...] a figura mítica do licantropo se perpetuou agregando elementos que são muito recorrentes também nas variações brasileiras do mito, como, por exemplo, o fato de a licantropia poder ser originada por uma maldição paterna ou por uma artimanha do destino, quando um menino nasce depois de uma série de seis outros irmãos do sexo masculino e, com isso, herda a sina. No Brasil, estas

características possuem também versões alternativas, como o fato de o sétimo filho se tornar um licantropo ao nascer após uma série de seis irmãs, e a licantropia poder se originar de uma maldição materna. [...] Sánchez (2002) também afirma que o mito difundido na Galícia e em Extremadura foi levado pelos espanhóis - juntamente com todo um vasto cabedal cultural - para as suas colônias na América Latina, destacando-se a Argentina, onde recebeu a designação de “lobishome”. Tendo isso em vista, parece-nos plausível a hipótese de que as características do lobisomem no Brasil agregaram elementos oriundos dessas regiões espanholas não só pelo natural intercâmbio cultural promovido entre espanhóis e portugueses na Península Ibérica, mas também pelo contato direto dos imigrantes espanhóis com os demais habitantes das terras brasileiras, sobretudo na parte meridional do Brasil (SÁNCHEZ apud BOZETTO JUNIOR, 2011, p. 2).

A partir da inserção do lobisomem no Brasil – que se deu, principalmente, por meio da cultura –, a criação de várias representações sobre licantropia no país foram possíveis. Sendo assim, cada localidade e cada cultura contribuiu para a representação da figura do lobisomem, que está inserido e será representado de formas polissêmicas. Mesmo dentro de uma mesma cultura, há várias representações de uma mesma figura, o que possibilita várias representações diferentes sobre um uma mesma temática.

Roderjan (1981) define os lobisomens do seguinte modo:

Cachorro grande que aparece nas noites de lua de sexta-feira. Quando numa família nascem sete homens e nenhuma filha, o sétimo pega o fardo. Quando o lobisomem ataca alguém e rasga-lhe a roupa, na manhã seguinte a pessoa que virou lobisomem aparece com pedaços de fazenda na boca e nas unhas (RODERJAN, 1981, p. 21).

Definição parecida é feita por Cascudo (2002), que atribuiu a existência da mencionada criatura a um mito universal que remonta a tradições sagradas nas quais homens são transformados em outros animais, como lobos. É possível deduzir, portanto, que foi assim que surgiram os homens-lobo. Segundo o autor, em algumas regiões, os lobisomens são filhos de incesto, ou então nascidos na condição de sétimo filho depois do nascimento de sete filhas. De acordo com Cascudo, há uma série de elementos que, incorporados a questões locais, possibilitaram a figura do lobisomem brasileiro:

[...] todas as terças e sextas-feiras, da meia-noite às duas horas, o lobisomem tem que fazer sua corrida, visitando sete adros (cemitérios) de igreja, sete vilas acasteladas, sete

partidas do mundo, sete outeiros, sete encruzilhadas, até regressar ao mesmo espojadouro, onde adquire a forma humana. Sai também ao escurecer, atravessando na carreira as aldeias onde os lavradores recolhidos não adormeceram ainda. Apaga todas as luzes, passa com uma flecha, e as matilhas de cães, ladrando, perseguem-no até longe de suas casas... Quem ferir o lobisomem quebra-lhe o destino; mas que não se suje de sangue, de outro modo herdará a triste sorte (CASCUDO, 2002, p. 335).

Os elementos citados pelo autor compõem o lobisomem do Brasil. Sua figura é muito presente em nossa cultura e em cada região do país ela pode sofrer transformações, como é o caso do caso do Jardim Paulista. Uma vez que se sofre com as interferências por parte dos elementos daquele lugar, o caso passa a possuir características que o tornam muito particular. Nas narrativas presentes nas diversas regiões do Brasil, há lobisomens que pegam crianças, outros que se interessam por moças e, ainda, aqueles que perambulam por regiões bucólicas, atacando sítios, rebanhos e moradores. São inúmeros os lobisomens “espalhados” na oralidade, e cada qual desempenha uma função específica dentro da localidade em que está inserido.

A figura do lobisomem do Jardim Paulista desempenha uma função mais próxima de classificação social, pois ele (Eleotório) é um indivíduo comum naquele lugar e possui uma história de abandono que, a partir da visão do “outro”, contribuiu para que lhe atribuíssem o rótulo de lobisomem. Ao longo do caso, o contador estruturou sua narrativa de modo a trazer elementos que remetessem às religiosidades cristãs, como a Quaresma. E nesse momento, supostamente, aquela figura se manifesta a fim de tirar a paz dos moradores do Jardim Paulista. O medo do desconhecido, por parte dos moradores do Jardim Paulista, parece ser um dos fatores que possibilitaram a circulação do caso.

A partir do caso do Lobisomem, evidenciou-se uma narrativa que é conhecida pelos antigos moradores do Jardim Paulista. Uma possível interpretação que a análise aponta é a de que o surgimento do Jardim Paulista propiciou aos moradores a criação de uma rede de sociabilidade e de comportamentos. O caso também possui cunho pedagógico, já que indica os possíveis perigos existentes no bairro. Esse lugar que consiste, a partir da década de 1950, num novo lar para os indivíduos que passam a habitar o Jardim Paulista é desconhecido pelos mesmos e, possivelmente, eles passam

a disseminar histórias com personagens globais e folclóricos a fim de garantir a tranquilidade dos seus moradores.

O sobrenatural, nesse contexto passa a regular as relações e práticas do Jardim Paulista, e que posteriormente se torna parte da tradição oral desta localidade. Nesse sentido, o “Lobisomem Eleotório” torna-se possivelmente uma representação do sobrenatural daquele local. Essa representação se dá por meio da caracterização de um Eleotório licantropo a fim de provocar medo<sup>27</sup> nos moradores do bairro.

Os entendimentos de representação e cotidiano, nessa pesquisa, se dão por meio de Michel de Certeau (2014), ao qual atribui à representação de signos algo que nos serve para demonstrar/definir algo por meio de imagens. Ou seja, no caso há a palavra lobisomem. Quando se remete a essa palavra, há uma série de características que vão ser reunidas para a criação da figura do lobisomem que, nesse caso, são: as unhas, as mãos e os pelos grandes, os olhos vermelhos e a agitação que o sujeito sofre na época da Quaresma. Todos esses elementos reunidos acabam por dialogar com o modo como um lobisomem é representado pelo contador do caso. Logo, esses elementos passam a fazer parte do signo da fera.

Pode-se inferir, então, que o caso (ou sua contação) constitui numa prática cotidiana presente no Jardim Paulista, uma vez que o contador do caso disse que os antigos moradores já falavam sobre ele. Para Certeau (2014), o cotidiano está envolto por “atos” que vão situar e ordenar os sujeitos nos lugares em que vivem. São eles: a apropriação – que consiste em uma seleção de elementos discursivos que tornam o “meu” em um discurso já existente, mas de modo (re)significado e de acordo com as experiências individuais; estratégia – uma prática planejada que tem como finalidade a persuasão, ou seja, tem como objetivo de convencer o outro. Essa, possui relação com a representação devido às ações que os indivíduos criam enquanto na elaboração de suas representações. Por último, a tática (mais espontânea que a estratégia), que consiste na forma como as pessoas reagem

---

<sup>27</sup> O entendimento de medo nessa pesquisa se dá a partir das representações. De acordo com Canepa (2008), o sentimento de medo foi, desde muito cedo, objeto das mais variadas representações pelas sociedades.

às estratégias. A tática é mais intuitiva e uma ação menos calculada. Nesse sentido, a tática consiste em uma prática cotidiana (CERTEAU, 2014).

Ainda de acordo com Certeau,

Muitas práticas cotidianas [...] são do tipo tática [...] as táticas apresentam continuidades e permanências. Em nossas sociedades, elas se multiplicam com o esfarelamento das estabilidades locais como se, não estando mais fixadas por uma comunidade circunscrita, saíssem de órbita e se tornassem errantes, e assimilassem os consumidores e imigrantes em um sistema demasiadamente apertadas para que pudessem escapar-lhe. [...] Essas táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissolúvel dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição (CERTEAU, 2014, p. 46-47).

É possível pensar os causos como práticas cotidianas que ocorrem no interior dos lugares nos quais estão situados e nos quais são contados de forma tática pelos indivíduos. Os causos podem ser entendidos como táticas, porque são utilizados pelos indivíduos-contadores como forma de problematizar as relações de poder e de sociabilidade. Isso quer dizer que um indivíduo, ao contar um caso sobre um possível lobisomem, insere na lógica da sociedade e no seu convívio a possível existência de seres sobrenaturais e misteriosos que não são explicados pela ordem “natural” das coisas. Caso não esteja inserido, outra possibilidade de reflexão é a de que, ao falar sobre o “sobrenatural”, estaria aí falando sobre as preocupações das pessoas com relação ao desconhecido. Alguns exemplos disso são a morte e os seres como o licantropo. Mas, para falar sobre isso, faz-se necessário, antes, que reflitamos sobre termo “sobrenatural”.

O termo supracitado é complexo e levanta muitas discussões a respeito do que é de fato abrangido por ele. Nesta pesquisa, “sobrenatural” será entendido como tudo aquilo que não é natural, ou seja, é algo fora do comum. De acordo com definição do dicionário da Língua Portuguesa, trata-se de algo miraculoso, que se conhece pela fé, é sobre-humano e não pode ser atingido naturalmente. Bavaresco conceitua o termo sobrenatural do seguinte modo:

O sobrenatural é um conceito próprio da Teologia cristã que atribui à fé a crença num ser para além do natural. Então, o sobrenatural explica tudo o que acontece na natureza, como forças e movimentos, que não pode ser explicado com base neles (BAVARESCO, 2009, p. 128).

A definição apresentada forneceu subsídios para que pensássemos na categoria de análise “causos sobrenaturais” como um todo, além de também ter levantado questões para que pensássemos em nosso objeto de estudo: como o sobrenatural aparece no cotidiano dos lugares em que os causos estão circunscritos? No caso do “Lobisomem Eleotório”, aquilo que transcende a naturalidade apareceu na própria figura do lobisomem. As possíveis interpretações levantadas apontam que a representação do licantropo do Jardim Paulista possivelmente revelam a preocupação do contador com aquilo que é desconhecido por ele.

Ao estruturar a narrativa, o contador utiliza de uma série de características que vão compor a figura personagem. Ele situa essa figura temporalmente e também se utiliza de uma religiosidade para “dar crédito” à sua narrativa, que é o caso do aparecimento da Quaresma. A Quaresma, conforme citado, também é uma temporalidade. Ela constitui o tempo do sagrado, sendo o momento em que os indivíduos tentam essa aproximação com o sacro. Ou seja, trata-se do momento no qual os cristãos tentam, por meio de suas boas ações, garantir bênçãos. Se esse é um momento sagrado, de reflexão e de oração, também é o momento propício para que o profano venha a se manifestar de forma a provocar, tentar afastar e/ou dificultar o acesso à graça por parte dos indivíduos. O entendimento dessas questões se deu aqui por meio das proposições de Mircea Eliade (2008), que forneceu subsídios para a compreensão do papel da Quaresma nessa pesquisa.

O sagrado é manifestado como uma realidade diferente das realidades ditas como “naturais”. Nessa definição, o sagrado se aproxima muito da definição de sobrenatural, tendo em vista que este abrange aquilo que está fora da ordem natural. Ambos são manifestados em momentos específicos. As manifestações do sagrado ocorrem por meio de hierofanias, pois, conforme apontado pelo autor, “revelam algo”. Essas hierofanias se revelam dentro de um espaço sagrado (ELIADE, 2008). A Quaresma, então entendida como um tempo sagrado, evidencia os desejos dos homens religiosos de transitar em um mundo santificado. De acordo com Eliade, há necessidade de se entender a concepção de mundo. Segundo o autor,

[...] é preciso insistir um pouco na concepção tradicional do “mundo”: então logo nos daremos conta de que o “mundo” todo

é, para o homem religioso, um “mundo sagrado”. O que caracteriza as sociedades tradicionais é a oposição que elas subentendem entre o seu território habitado e o espaço desconhecido e indeterminado que o cerca: o primeiro é o “mundo”, mais precisamente, o “nosso mundo”, o Cosmos; o restante já não é um Cosmos, mas uma espécie de “outro mundo”, um espaço estrangeiro, caótico, povoado de espectros, demônios, “estranhos” (equiparados, aliás, aos demônios e às almas dos mortos). [...] tem-se de um lado o “Cosmos” e de outro lado um “Caos”. [...] O “Mundo” (quer dizer, “o nosso mundo”) é um universo no interior do qual o sagrado já se manifestou e onde por consequência, a rotura dos níveis tornou-se possível e se pode repetir (ELIADE, 2008, p. 32).

A Quaresma, então, ocorre no tempo sagrado que está inserido no “nosso mundo”. Ela propicia manifestações do sagrado e essas manifestações ocorrem por meio da fé dos indivíduos. Nesse momento sagrado no qual os indivíduos se dedicam à fé cristã, seres sobrenaturais, oriundos do território caótico, manifestam-se a fim de assolar o mundo dos vivos. O lobisomem configura-se, então, como um ser que habita o território do “Caos” e que se manifesta no “Mundo” como um ser que vai abalar a ordem natural das coisas. Além disso, a aparição do lobisomem indica, seguindo a perspectiva de Eliade, um trânsito entre o mundo do “Cosmos” e o do “Caos” ao “Nosso Mundo”. Ainda, de acordo com Eliade, o “Nosso mundo” também pode ser pensado como um “Cosmos”, pois ele é um território sagrado, é “uma obra dos deuses” ou está em constante comunicação com o mundo divino (ELIADE, 2008).

O sobrenatural se diferencia de sagrado, tendo em vista que o sagrado transita entre o “Cosmo” e o “Nosso Mundo”. Já o sobrenatural faz seu trânsito entre o “Caos” e o “Nosso Mundo”. O caso do “Lobisomem”, como representação do sobrenatural, designa uma imagem do Caos e o estabelecimento desse implica na destruição do “Cosmos”, ou seja, “de uma estrutura orgânica” (ELIADE, 2008, p. 48). A narrativa que utiliza de elementos vindos da tradição cristã, como a Quaresma, não fornece indícios quanto à religião do sujeito contador, mas ele apresenta indícios de que elementos oriundos de religiosidades resistem por meio da linguagem dos sujeitos. De acordo com Eliade,

[...] nos nossos dias ainda são utilizados as mesmas imagens quando se trata de formular os perigos que ameaçam certo tipo de civilização: fala-se do “caos”, de “desordem”, das “trevas” onde “nosso mundo” se afundará. Todas essas expressões

significam a abolição de uma ordem, de um Cosmos, de uma estrutura orgânica, e a reimpressão num estado fluido, amorfo, enfim, caótico. Isto prova, ao que parece, que as imagens exemplares sobrevivem ainda na linguagem e nos estribilhos do homem não-religioso. Algo da concepção religiosa do Mundo prolonga-se ainda no comportamento do homem profano, embora ele nem sempre tenha consciência dessa herança imemorial (ELIADE, 2008, p. 48).

A reflexão proposta por Eliade é passível de ser pensada nos causos na medida em que a concepção religiosa de mundo é marcante e fundamental nessas narrativas, pois elas possibilitam pensar os causos enquanto representações do sobrenatural que, entre suas funções, a mais evidente é a de regulador dos padrões de comportamento. Outra possibilidade é a de pensar no caso como uma forma de classificação dos indivíduos pertencentes ao Jardim Paulista. Eleotório é, possivelmente, um sujeito às margens da sociedade que foi classificado como lobisomem por não se enquadrar nos padrões vigentes da localidade em que está inserido. Evidenciando uma necessidade de criar representações sobre esse sujeito para fazer com que ele se torne “alguém” dentro dessa classificação.

A análise do caso do Lobisomem Turiba também proporcionou reflexões para que pensássemos na experiência de religiosidade vivenciada no Jardim Paulista. Além dessas, outra reflexão que fica colocada é que os causos contados expressam também um cunho de entretenimento. O caso poderia ser pensado como uma forma de entretenimento dos moradores do bairro que reúnem elementos cotidianos, sobrenaturais, se pautam em religiosidades muito particulares dos moradores do Jardim Paulista. Nesse sentido, sua função vai além do pedagógico, ela indica práticas de entreter desta localidade, apontando assim o quanto pode ser rico e complexo as intenções do contar um caso de lobisomem.

### 3 OS CAUSOS FANTASMAGÓRICOS

“Os mortos têm apenas a existência que os vivos imaginam para eles.”  
(SCHMITT, 1999, p.15)

Os causos fantasmagóricos fazem parte de um conjunto de cinco causos que serão analisados neste capítulo. Eles estão circunscritos em diferentes lugares da cidade de Londrina e cada um possui suas particularidades e desempenham funções específicas dentro do contexto em que estão localizados. Tratam-se de narrativas que falam sobre o tema da morte, e nesse sentido, coloca-se a reflexão citada por Schmitt (1999, p.15) “os mortos têm a existência que os vivos imaginam para eles”.

#### 3.1 O grito das freiras

O próximo caso analisado também está circunscrito no Jardim Paulista. Seu título é “O grito das freiras”. Esse caso possui uma estrutura composta por começo, momento de clímax e um final que aparenta ficar em aberto. Discorre-se sobre um episódio ocorrido no Jardim Paulista há 25 anos, ou seja, no ano 1990. Nele, é relatada a morte de algumas freiras. No início da narrativa, o contador descreveu brevemente a paisagem do Jardim Paulista e de bairros que ficavam no seu entorno. O sobrenatural apareceu sob a morte de freiras naquela localidade.

##### O grito das freiras

Aos 25 anos atrás no Jardim Paulista já era um bairro pavimentado e com moradia o jardim Itália, Pacaembu e um pouco do Santa Mônica que tinham poucas casas Jardim Itália e Pacaembu era só matagal, tinha uns colonhão que parecia cana de açúcar, quando eu era criança cheguei até a descasca pensando que era cana tinha uma ponte próximo a AV Santa Lucia Helena que a gente atravessava para ir para o jardim Paulista, por de baixo da ponte passo um córrego hoje bem poluído, dizem que a anos atrás nessa ponte caiu um ônibus de freiras, com a queda algumas acabou falecendo no lugar moradores mais antigo falam que escutam gritos e vozes a noite das freiras gritando, falam que ficou assombrado o lugar. Então quando ia ficando a noite eu e meus irmão entrava dentro de casa e ninguém saía pra fora de medo mas particularmente nunca vi nada.

Minha casa era de madeira e chão de barro no fundo de casa uma horta enorme e viveros de galinha. Ficamos um bom tempo sem banheiro para fazer necessidades era mitório ou fossas nossa mãe esquentava água p/ tomar banho em latas

de tinta no terreno. (Causo contado por Eduardo Rocha dos Santos, registrado pela Escola Municipal Eugenio Brugin, 2015)

No caso acima é possível identificar a representação do sobrenatural na seguinte passagem: “[...] por de baixo da ponte passo um córrego hoje bem poluído, dizem que a anos atrás nessa ponte caiu um ônibus de freiras, com a queda algumas acabou falecendo no lugar moradores mais antigo falam que escutam gritos e vozes a noite das freiras gritando, falam que ficou assombrado o lugar [...]”. O sobrenatural, nesse caso, é representado pelo lugar assombrado pelas freiras que morreram no acidente. Kamal (1983) fez uma reflexão do termo sobrenatural diferente da perspectiva apresentada por Bavaresco. O autor trabalha com o termo inserindo-o em um campo: o campo sobrenatural, no qual, para defini-lo, é feito um comparativo entre as crenças na continuação da vida após a morte. Além do mais, ele divide o campo em <sup>28</sup>:

Formas, ou entidades sobrenaturais, de três tipos: a) entidades celestiais línguas, como Deus e as Divindades [...]; b) entidades mais próximas da terra e dos homens, como antepassados, espíritos da natureza, almas dos Santos, anjos da guarda, ou fadas. Essas entidades ordenam e protegem tanto o grupo social quanto o indivíduo, mas também punem casos de transgressões; c) entidades maléficas como demônios, fantasmas e aparições que perturbam os vivos causando-lhes obsessões, acidentes e doenças (KAMAL, 1983, p. 205).

Os seres sobrenaturais que apareceram nos casos analisados, ou seja, tanto o lobisomem quanto as freiras assombradas mexem com a ordem natural das coisas.

O campo sobrenatural definido por Kamal demonstra uma participação do sobrenatural na vida cotidiana. Na concepção do autor, essa participação da vida cotidiana ocorre, pois a morte e o sobrenatural são preocupações constantes. Ainda de acordo com Kamal,

Os conceitos do sobrenatural e da continuação da vida devem ser considerados juntos, em relação do problema da morte, e em relação aos problemas da vida cotidiana dos indivíduos, para tornarem-se coerentes. Esses conceitos propiciam um conjunto de explicações sobre a origem do mundo e do

---

<sup>28</sup> Convém ressaltar que a definição feita pelo autor se insere numa lógica maniqueísta. Não compreendo deste modo, embora as expressões sejam oriundas de uma ordem maniqueísta, compreendo que o sentido delas mudam, ou seja, embora a origem da palavra possua uma conotação ruim, com o tempo ela pode ter seu sentido totalmente alterado e passa a ter outra significação. E na contemporaneidade, o sentido de entidades, fantasmas possuem um sentido totalmente alterado, o que indica que a expressão permanece, mas seu sentido muda.

homem, sobre as leis que governam ambos, e dão uma orientação ao homem sobre lidar com esse mundo. O indivíduo se situa no mundo, a vida se torna mais rica e cheia de significado e continuidade (KAMAL, 1983, p. 208).

No caso das freiras, o tema da morte que é representado pelas religiosas assombradas indica essa preocupação. Embora o contador cite que “nunca viu nada”, a circulação da narrativa não foi isentada. No caso também aparece um *topoi* que é semelhante ao do caso anterior. O contador se aproximou da narrativa na medida em que se inseriu no lugar onde ocorreu o episódio do acidente envolvendo o ônibus. Outro *topoi* presente no caso é do argumento que o contador utilizou para falar sobre o episódio ocorrido. Em seu argumento, ele descreveu a paisagem do lugar como um matagal cheio de colônã (capim) que mais parecia cana de açúcar e a ponte sobre um córrego que, à noite, fica encoberta pela escuridão. Após descrever a paisagem do lugar, ele inseriu o acidente envolvendo o ônibus com as freiras. A morte trágica possibilitou àquele local a alcunha de assombrado, e isso designa um *topoi* clássico em narrativas de assombração. Fato revelado no caso pelos gritos e vozes que supostamente são escutadas pelos moradores durante a noite.

Há a presença do medo guiado pelo desconhecido proporcionado pela noite. Isso é possível evidenciar quando o contador cita que durante a noite as pessoas não saíam de suas casas, pois tinham medo. De acordo com Delumeau:

[...] não só os indivíduos tomados isoladamente, mas também as coletividades e as próprias civilizações estão comprometidas num diálogo permanente com o medo. [...], o medo é ambíguo. Inerente à nossa natureza, é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte. [...] No sentido estrito do termo, o medo (individual) é uma emoção, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação. [...] O medo é aqui o hábito que se tem, em um grupo humano, de temer tal ou tal ameaça (real ou imaginária). (DELUMEAU, 1989, p.12-24).

O contador revelou nessa passagem que “particularmente nunca viu nada”, mas ainda assim assumiu um comportamento guiado pelo medo, mas não um medo somente do desconhecido ou da noite. Aqui, o medo também se

revela na relação com a morte. Ela apareceu nesse caso a partir das assombrações das freiras e, nesse sentido, a morte das freiras assume também um papel sobrenatural.

O papel da morte presente no caso constitui algo temido por grande parte da sociedade industrial capitalista que, no decorrer dos últimos séculos, passou a definir e a estruturar os comportamentos dos indivíduos. Nesse contexto, ocorre uma transformação das relações sociais e, a morte, então, passa a ser negada. Logo, não há mais lugar para os mortos. Os mortos, vistos como seres que não produzem e não consomem, tornam-se marginais nesse sistema. Nesse sentido, o local adequado para morrer se dá em um ambiente dito como próprio, ou seja, nos hospitais e com uma idade já avançada e, preferencialmente, devido a causas “naturais” (SANTOS, 1983). No caso das freiras, a morte ocorrida de forma trágica e durante a noite, fez com que fossem investidas representações temíveis, eis o fato que possibilita o investimento de narrativas de assombração. De acordo com Delumeau:

[...] fantasmas, tempestades, lobos e malefícios tinham muitas vezes a noite por cúmplice. [...] Era o lugar onde os inimigos do homem tramavam sua perda, no físico e no moral. [...] O medo na escuridão é aquele que experimentavam os primeiros homens quando à noite se encontravam expostos aos ataques dos animais ferozes sem poder adivinhar sua aproximação nas trevas. Assim, precisavam afastar por meio de fogueiras esses “perigos objetivos”. Esses medos que voltavam todas as noites sem dúvida sensibilizaram a humanidade e ensinaram-na a temer as armadilhas da noite. (DELUMEAU, 1989, p. 96-98).

Nesse caso, a morte das freiras dialoga com um imaginário diferente sobre a morte vista pela concepção moderna, pois ocorreu em um ambiente não adequado segundo esse imaginário e de forma trágica. Como a causa da morte ocorreu dessa maneira, há possibilidades de se ter investido sobre essa morte um medo da forma como ela ocorreu, o que criou a possibilidade de se investir em narrativas de assombrações.

Kamal (1983, p. 201) diz que a “morte está presente no cotidiano da sociedade moderna como uma assombração”. O caso das freiras se encaixa bem nesse excerto, pois a morte delas as transformou em assombrações do Jardim Paulista, e uma possível interpretação que o caso nos fornece é a de que ele evidencia, nas entrelinhas, uma preocupação dos vivos diante ao tema da morte. De acordo com Kamal:

A morte prematura se tornou mais comum, devido à violência, acidentes ou doença, resultando numa vida mais curta, numa mutilação e num choque – quebrando a continuidade da vida, cujas etapas naturais não têm mais sentido. [...] A morte, a velhice e a doença se tornam um perigo a ser evitado a todo custo, não só porque levam ao abandono e esquecimento, mas também porque tiram a pessoa fora do circuito, onde ela tem depositado tantos sonhos e esperanças (KAMAL, 1983, p. 202).

O tema da morte revela a sua complexidade, pois por um lado, há o discurso voltado para o tabu da morte, conforme indica Phillipe Ariès (2003), fundamentado em negá-la. Por meio de seus estudos, foi identificada uma diferença nos comportamentos com relação ao tema da morte que variavam de acordo com o contexto vigente. Seu trabalho possui uma importante reflexão sobre as atitudes dos indivíduos diante da morte e que variaram no decorrer da história. Para o autor, a morte, a partir do século XVIII, passa a ser considerada uma transgressão e uma ruptura que retira o homem de sua vida cotidiana. De acordo com o autor:

[...] no período moderno: a morte deixou de ser considerada como um evento sem dúvida temível, mas suficientemente inseparável do universo quotidiano, para não ser familiar nem aceita. [...] até o fim do século XVII e começo do XIX [...] a morte seja realmente motivo de medo. [...] a partir do século XIX, as imagens da morte são cada vez mais raras, desaparecendo completamente no decorrer do século XX (ARIES, 2003, p. 145-157).

Além da perspectiva apontada por Ariès, há outra indicada por Schmitt (1999), que indicaram representações e as práticas sobre a morte a partir dos fantasmas, que constituem um discurso sobre a morte que remonta, muito provavelmente, à Idade Média. Ambos discursos são contraditórios e que hoje possuem pesos diferentes: enquanto o primeiro é hegemônico, o segundo é residual (sobrevivência). E nessa complexa rede de discursos sobre a morte, os causos problematizam esses discursos e indicam uma resignificação do padrão de morte moderna com a morte do sentido medieval, possibilitando a reflexão que no caso brasileiro não há um padrão de morte específico. Ele atende às necessidades que são muito específicas a cultura brasileira.

Além desta questão outra reflexão que se coloca é sobre a morte enquanto desconhecida. A única certeza de que se tem na vida é de que todos os indivíduos vão morrer, mas como isso vai ocorrer não se sabe. Em cima

dessas expectativas, os indivíduos demonstram constantemente a preocupação em que possuem com relação a sua morte e também com os seus mortos. O caso das freiras evidencia esse fato: uma preocupação dos vivos para com aquilo que diz respeito às supostas almas das freiras assombradas. Gilberto Freyre (1970) revela que:

Não é descabido, nem em Sociologia nem em Psicologia Social, considerar-se o fato de que não há sociedade ou cultura humana da qual esteja ausente a preocupação dos vivos com os mortos. E essa preocupação, quase sempre, sob alguma forma de participação dos mortos nas atividades dos vivos. [...] A gente mais simples, admite a participação dos mortos na sua vida sob a forma de “visagens” ou “assombrações”. (FREYRE, 1970, p. 27).

Freyre revela que há uma constante preocupação dos vivos com relação aos mortos, e há uma fauna infernal que revela uma “sociedade sobrenatural” (FREYRE, 1970). Convém ressaltar que Freyre trabalha com contos de Recife-PE e a cidade de Londrina possui uma forte presença de nordestinos. Fernandes e Cezar destacam essa presença por meio do acervo do MHL. De acordo com os autores:

no setor de Imagem e Som encontramos algumas fotografias e entrevistas gravadas relacionadas à presença nordestina na região de Londrina e proximidades. Sendo assim, as referências são: a família Palhano vinda do Maranhão; Meton Araújo e Raimundo Maia Campos Junior, do Ceará; Dalton Paranguá, do Piauí; os irmãos Geir [...] de Serjipe; Gilberto Rodriguez da Cruz, Maria Nilza da Silva e Maria Soares de Jesus, de Pernambuco. [...] No setor de Biblioteca e Documentação há dois livros associados a personalidades nordestinas. Um deles se chama “O Doutor Preto Justiniano Clímaco da Silva: a presença negra pioneira em Londrina” [...] e “Dr. Góis – A saga de um nordestino” [...] Além disso, há reportagens em periódicos [...] Dr. Justiniano Clímaco [...] nascido em janeiro de 1908, na cidade de Santo Amaro da Purificação (BA) [...] bacharel em Ciências e Letras [...] cursou medicina na Bahia [...] Atraído pelas propagandas da CTNP, [...] chegou a Londrina em 1938, onde exerceu a profissão por mais de 50 anos. [...] Faleceu em agosto de 2000. [...] No setor de Acervo Tridimensional há dois conjuntos de vestuários de atividade médica de Doutor Preto. [...], no acervo do Museu se encontram diferentes tipos de documentos referentes à presença nordestina em Londrina. [...] Atualmente a coleção do Museu relativa à presença nordestina na cidade não corresponde à sua real importância (FERNANDES; CEZAR, 2015, p. 16-23).

Pensar nessa presença de nordestinos na cidade implica em refletir nas influências que ocorrem na(s) cultura(s) presentes na cidade. Nessa pesquisa, a reflexão da presença nordestina em Londrina forneceu-nos subsídios para que pensássemos na circulação de narrativas como a dos causos, tendo em vista que a prática de contá-los é marcante e atuante na(s) cultura(s) nordestinas<sup>29</sup>.

O caso das freiras, seguindo a perspectiva de Freyre, demonstra uma forma de convivência entre os vivos e as freiras assombradas. A propósito, há aqui uma rede de sociabilidade em que cabe aos vivos permanecer em suas casas durante a noite enquanto compete às freiras assombradas errar pela penumbra enquanto realizam suas atividades assombrosas. Nesse aspecto, os vivos e os mortos convivem numa rede de sociabilidade que, no caso do caso das “freiras”, é regido pelo medo de assombrações por parte dos moradores.

Nas linhas finais do caso, o contador já não fala mais sobre as freiras assombradas. Ele segue sua narrativa falando sobre elementos do seu cotidiano, descrevendo sua casa e os comportamentos daqueles que vivem com ele. Após essa breve descrição, ele encerra o caso. Nessa descrição, ele evidenciou a importância do lugar ao descrever a casa em que morava. A partir disso, ele recorreu a uma memória afetiva que vai dar sentido a esse espaço. É isso que vai possibilitar sua transformação em lugar/espaço (re)significado. Há nessa paisagem aspectos de uma residência que é comum aos ambientes rurais, ou seja, há indícios de elementos rurais presentes no ambiente urbano. E esse lugar também se torna ambiente do caso. Também se constitui em um dos espaços que o caso se passa, porque as freiras não faleceram na casa descrita pelo contador, mas nas proximidades. É nessa casa em que os indivíduos permanecem em segurança a fim de evitarem os perigos que estão lá fora. Por sinal, um dos perigos que lá estão é justamente a assombração das freiras.

O perigo indicado nesse caso, que aparece no ambiente da noite, é representado por meio das freiras assombradas. Isso indica aos moradores os possíveis perigos que podem aparecer na noite e no bairro em questão. Fica

---

<sup>29</sup> Fernandes e Cezar (2015) também sensibilizam que há a necessidade de coleta, de estudo e de divulgação dessa presença nordestina na cidade de Londrina, pois isso permitirá a “multiplicação de narrativas sobre a cidade”. Para mais informações sobre a presença nordestina: GARCIA; OLIVEIRA; SILVA, (2015).

aqui o indicativo pedagógico do caso que serve de alerta para o que está à noite. O caso fala sobre as assombrações e previne as pessoas acerca dos possíveis perigos. Nada garante que, além das freiras assombradas, possam existir outros tipos de perigos que tendem a se manifestar mais à noite, como a violência e os crimes (sobrenaturais ou não). A análise do caso das freiras possibilita várias interpretações além de um cunho pedagógico. Por meio dele, também há evidências de um possível convívio dos moradores do Jardim Paulista com o “sobrenatural” na representação das religiosas além túmulo. Uma possível interpretação seria a de que o sobrenatural atua como um instrumento pedagógico que tende a regular as relações sociais no Jardim Paulista durante a noite.

### **3.2 A noiva e o noivo real**

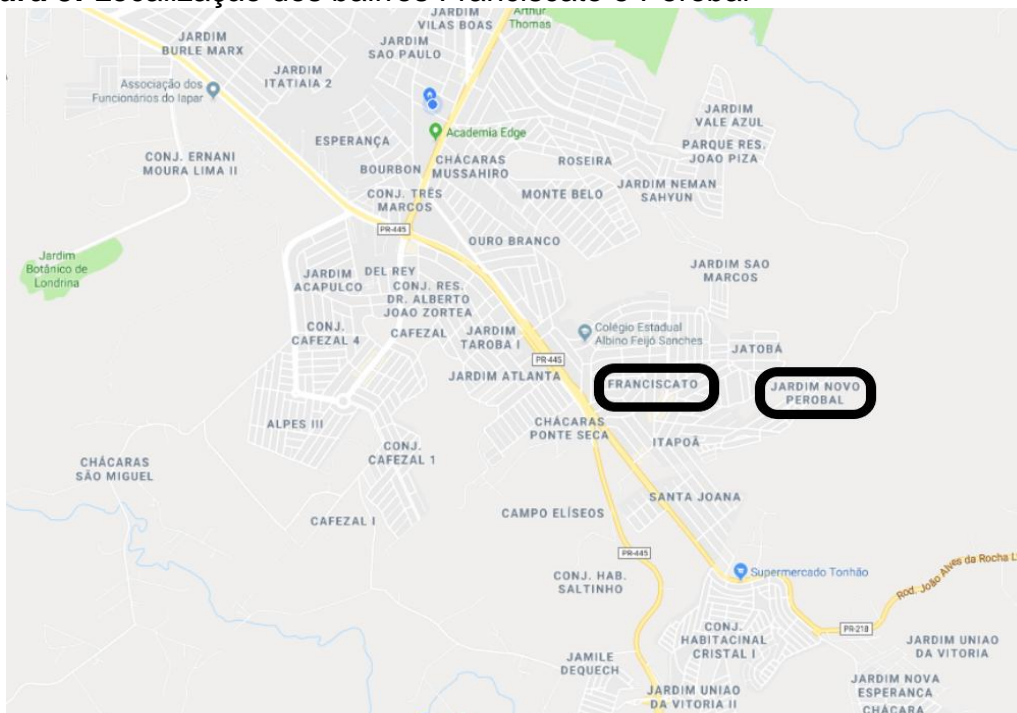
Agora, discorramos sobre o terceiro caso. Ele se passa na região sul da cidade de Londrina, no Jardim Franciscato, e o título é “A noiva e o noivo real”. Nele é falado sobre dois jovens noivos que faleceram e, posteriormente, aparecem na região do Jardim Novo Perobal e no Jardim Franciscato assombrando as pessoas por volta da meia noite.

#### A noiva e o noivo real

Uma noite de coesma uma noiva e o noivo estavam passando no perobal e no franciscato passando como na igreja de mãos dadas a noiva de vestido branco e o noivo de terno mas eles morreram casando os dois no perobal por isso eles ficam vagando no perobal e no franciscato depois da meia noite. (Caso registrado por Kalebe Marques Andrade de Souza, Escola Municipal Eugênio Brugin, 2015).

O caso que trata de uma assombração de um casal, conforme consta no caso, ocorre na Região do Jardim Franciscato e também no Novo Perobal, ambos situam-se na região do Parque das Indústrias, na zona Sul de Londrina. A ocupação do primeiro é datado de 1978 e a do segundo, 1995. Conforme evidencia o mapa abaixo, é possível perceber que são muito próximos:

**Figura 3:** Localização dos bairros Franciscato e Perobal



**Fonte:** Google Maps, 2018.

No caso dos noivos, aqueles fantasmas costumavam ser pessoas comuns, que possivelmente transitaram entre os dois bairros e que sofreram uma morte (não identificada no caso) precoce. Como a morte ocorreu no período de Quaresma e de forma tão repentina, foi investido nos noivos representações que remetem a fantasmas. Mais uma vez é possível identificar um *topoi* clássico das narrativas de fantasmas: a morte precoce em uma temporalidade sugestiva.

Assim como no caso “O grito das freiras”, o modo e o período no qual a morte aconteceu – além do seu teor misterioso – podem ter contribuído para que aqueles jovens “transformassem-se” nos fantasmas do Jardim Franciscato e Novo Perobal. Essa ideia que os indivíduos atribuem à morte desses jovens indica uma preocupação dos vivos com relação aos mortos e, ainda, de acordo com Schmitt<sup>30</sup> (1999, p. 15), “constitui universalmente uma parte essencial das crenças religiosas da sociedade”. Conforme indica Schmitt:

<sup>30</sup> Convém destacar que Jean Claude Schmitt (1992), em “Historia de la superstición”, trabalha com o tema da superstição, o qual toma como objeto de estudo e a designa como categoria religiosa e individual, no que diz respeito as práticas, gestos e crenças dos indivíduos. Na lógica do autor, a superstição possui uma relação dialética com a história religiosa e desempenha um papel fundamental para a Igreja Católica, que vai entendê-la e atribuir-lhe sentido negativo, a partir daí vai voltar suas ações de modo a “combater” práticas supersticiosas, relacionando essas práticas ao paganismo. De acordo com o autor: “[...] a partir

Os fantasmas [...] têm ainda, por assim dizer, um pé na terra: apenas acabam de deixar os vivos aos quais aparecem e dos quais parecem não poder afastar-se. [...] com os relatos de fantasmas, ele é, além disso, confrontado imediatamente com o dédalo das relações sociais travadas entre os vivos e aquele que acaba de os abandonar e que os visita novamente. Assim, ao contrário das visões do além, os relatos de fantasmas concentram toda a sua atenção na situação do defunto, que é um homem ordinário (SCHMITT, 1999, p. 7).

A quaresma, embora seja uma data do calendário de algumas religiões cristãs, mais presente na religião católica, já entrou no substrato da sociedade brasileira. Em ambos os casos (das freiras e dos jovens) não há indícios da religião dos contadores presentes nas narrativas, mas há indicativos de permanências naquilo que se refere ao pensamento religioso brasileiro oriundo do século XVIII em que a religião católica dominante regulava os comportamentos da sociedade daquele momento. As permanências de certos tipos de atos e comportamentos dos portugueses passaram a incorporar o substrato da sociedade brasileira, como é o caso da quaresma que, conforme dito, implica em uma série de padrões de comportamentos e atitudes que devem ser realizadas nesse período (SOUZA, 1993).

Já o investimento de narrativas que apontam para o maravilhoso e para o fantástico nas américas, vem de uma chamada “literatura de viagens”, que era registrada por navegadores e conquistadores. Esta se constitui como uma literatura muito característica da época das navegações e descobrimentos de novos territórios. Os lugares conquistados pelos europeus compunham uma atmosfera mágica que era guiada pelas representações fabulosas e miraculosas. É como se aquilo que estava por ser “descoberto” estivesse carregado de magia. Por outro lado, aqueles elementos aliavam o medo do desconhecido aos motivos edênicos, e conforme os europeus iam adentrando lugares desconhecidos por eles, as representações fabulosas existentes se deslocavam com eles para outros territórios. (HOLANDA, 1994).

---

Del siglo XII, se intensifica esta crítica [...], por ejemplo contra las reliquias, los milagros, lo sobrenatural, el culto a los santos, las imágenes religiosas, las ordalías, etc. [...] la historia de la superstición esta necesariamente conectada a la cultura popular o el folklore [...]" (SCHMITT, 1992, p. 4). Os fantasmas, nessa lógica, fazem parte da superstição. O autor destaca: “[...] la condena de las supersticiones no solo tuvo por objetivo salvaguardar la verdad de la fe o la conformidad con una normal clerical de los comportamientos religiosos. Se trataba también de emitir un juicio cultural e de expresar, mediante el escárnio o el anátema, el sentimiento de superioridad. (SCHMITT, 1992, p.166).

Essas representações fantásticas que se relacionavam aos motivos edênicos, ou seja, que remetiam ao mito bíblico do Jardim do Éden, e unidas a uma chamada geografia fantástica, afetavam as descrições feitas pelos navegadores do século XV. Na perspectiva do autor, nessa correlação entre real e fantasia, há um ambiente propício para o aparecimento de mitos (HOLANDA, 1994).

Os mitos referentes às conquistas do Novo Mundo foram acolhidos e, embora muitos tenham sido (re)significados, eles ainda possuem certas permanências, como é o caso das narrativas relacionadas às guerreiras amazonas. Segundo Holanda,

[...] naqueles tempos, as fórmulas literárias queriam ter, não raro, valor literal, mais literal com certeza, do que teriam se empregadas hoje: as próprias metáforas nem sempre eram apenas metafóricas. E parecerá difícil compreenderem-se certos aspectos [...] que antecedem à revolução científica [...] até os atos e fatos mais mezinhos chegam a converter-se em signos ou parábolas, impregnando-se de significações sobrenaturais [...] (HOLANDA, 1994, p. 147).

Para Ronaldo Vainfas (1995), o Brasil quinhentista revelava um complexo processo aculturador que operava na disseminação da fé católica. Esse processo ocorria, mas, sobretudo, na catequização dos indígenas, e nesse contexto, o catolicismo viu a necessidade de adaptação aos costumes locais. O contexto citado configurava-se como um território promissor para a circulação e (re) significação de narrativas que apontavam para crenças e mitos locais. De acordo com o autor:

No plano das crenças, o que mais se sobressai nos documentos [...] é a combinação entre os ingredientes da mitologia tupi e o sentido anticolonialista, antiescravista e anticristão que os caraíbas e sectários veiculavam em sua mensagem. [...] O mito incorporava a história para negá-la e invertê-la. (VAINFAS, 1995, p. 106-107)

Os mitos indígenas que circulavam no Brasil quinhentista sofreram, segundo a perspectiva do autor, uma transformação impactada pelo colonialismo. Mitos como o da “Terra sem Mal”, que dizia respeito a um território sagrado e à santidade, “exprimiam o começo e o fim [...] a santidade e a Terra sem Mal eram praticamente sinônimos no universo cultural ameríndio.” (VAINFAS, 1995, p. 105-106). Os mitos adquiriram sentido de resistência social e cultural. De acordo com o autor:

A transformação dos mitos tupis seria, com efeito, ainda mais complexa. Além de adquirir esse novo sentido anticolonialista – e apesar de adquiri-lo –, a própria estrutura das crenças indígenas absorveria, paradoxalmente, ingredientes da cultura que os nativos almejavam destruir. [...] A própria idéia de Terra sem Mal embutida na profecia do triunfo da santidade assemelhava-se, em diversos relatos, ao modelo do paraíso celestial cristão. [...] Refiro-me [...] a um processo aculturador de mão dupla, e não à simples assimilação dos valores ocidentais pelos nativos [...] As diferenças entre as culturas em jogo eram, de fato, abissais [...] Foi, portanto, no plano informal e pragmático dos gestos e nos interstícios e mediações de cada universo de crenças que se foi operando a possível fusão católico-tupinambá [...] (VAINFAS, 1995, p. 110-111)

Esse período foi marcado pela religiosidade aberta à magia, cujo exótico envolvia os sujeitos em um encantamento, que revelava um híbrido complexo de culturas, indicando que havia circularidades entre elas, cujos movimentos não foram pacíficos (VAINFAS, 1995). Essa circularidade cultural complexa indicada por Vainfas e o cenário “mágico” citado por Holanda fornecem subsídios para refletir sobre a apropriação e (re) significação de narrativas fantásticas, mitos e lendas comuns do Brasil Colonial. Os estudos realizados pelos autores indicam como o encontro entre as culturas dos europeus e dos povos nativos da América provocaram uma complexa rede de (re) significação e (re) interpretação de crenças e histórias. E essa rede influenciou nas narrativas oriundas da tradição oral, nas quais os casos podem ser inclusos nesse bojo de (re) significação.

No caso dos noivos, foi identificada a presença de um *topoi*, a noite e a Quaresma como temporalidades, além de espaços, que são o Jardim Franciscato e o Novo Perobal. Além desses elementos, por meio do caso é possível identificar uma preocupação dos vivos com relação à morte, mas não só à morte “comum” como, também, uma morte precoce envolvendo dois jovens noivos. Há aqui mais uma vez evidências de um tabu acerca da morte no Brasil que se limita muito à realidade brasileira. Além do mais, ela varia de acordo com os indivíduos e as regiões. Esse tabu a respeito da morte, que é muito particular à realidade brasileira, vincula-se às religiosidades e relaciona a questão da morte a uma questão de sobrevivência.

A narrativa que evidencia a presença de sobrenatural nos referidos espaços revela, ainda, um movimento que vai se constituir em mais um *topoi*. O movimento, no caso, seria a aparição dos fantasmas: não é o vivo que, aqui,

dirige-se ao além, mas são os mortos que se voltam para os vivos (SCHIMITT, 1999).

De acordo com Schimitt,

Os fantasmas [...] têm ainda, por assim dizer, um pé na terra: apenas acabam de deixar os vivos aos quais aparecem e dos quais parecem não poder afastar-se. [...] com os relatos de fantasmas, ele é além disso confrontado imediatamente com o dédalo das relações sociais travadas entre os vivos e aquele que acaba de os abandonar e que os visita novamente. Assim, ao contrário das visões do além, os relatos de fantasmas concentram toda a sua atenção na situação do defunto, que é um homem ordinário. [...] os mortos voltam, de preferência, quando os ritos dos funerais e do luto não podem efetuar-se normalmente, por exemplo, se o corpo de um afogado desapareceu e não pôde ser sepultado segundo costume, ou ainda se um assassinato, um suicídio, a morte de uma mulher no parto, o nascimento de uma criança natimorta apresentam para a comunidade dos vivos o perigo de uma mácula. Esses mortos são geralmente considerados maléficos. Essa dimensão antropológica e universal do retorno dos mortos está presente, entre outras, na tradição ocidental, desde a Antiguidade, na Idade Média e até no folclore contemporâneo (SCHIMITT, 1999, p. 18-19).

Na passagem acima, o autor faz referência aos relatos sobre fantasmas do medievo, mas eles também servem para que reflitamos sobre a representação dos fantasmas presentes em nossos casos e, também, sugerem permanências a respeito da morte na contemporaneidade. Ou seja, existem permanências de práticas e representações sobre a morte que permanecem na atualidade. Além disso, há o mesmo movimento de aparição dos fantasmas. Os mortos aparecem aos vivos nessas narrativas. O autor também revela uma dimensão antropológica acerca dos mortos que, embora tenham sofrido mudanças, ainda possuem algumas permanências. Para o autor, “a cultura cristã da Idade Média ampliou a noção de fantasma e concebeu para os mortos outras ocasiões de aparecer” (SCHIMITT, 1999, p. 18).

Para a compreensão da figura dos fantasmas, faz-se necessário entender como se dá a disseminação, na cultura ocidental, desse tipo de narrativa. Para Schimitt, durante o medievo, há uma rede de “solidariedade dentre vivos e mortos” que, a princípio, é deixada de lado pela Igreja Católica, mas que acaba por se utilizar dessas relações sociais como modo regulador de comportamentos. Para o autor, ocorreram transformações das estruturas

sociais ao longo do medievo que redefiniram o lugar dos indivíduos dentro da sociedade. As relações entre vivos e mortos, no contexto europeu do século XVIII, a ser redefinida assim: aos mortos não cabem mais situarem-se no mesmo espaço que os vivos. A eles cabe o cemitério. O cemitério constitui-se, em sua concepção, na morada dos mortos (SCHIMITT, 1999).

Essa redefinição dos espaços sociais de vivos e mortos evidencia, naquele momento, uma preocupação da Igreja Católica em difundir aspectos sobre a “boa morte cristã”. Além da redefinição dos espaços dos mortos, também há uma série de comportamentos que os cristãos deviam tomar para garantir essa “boa morte cristã”. Para o autor:

[...] todo o cristão podia esperar ser salvo, mas com a condição de sofrer depois da morte castigos reparadores cuja duração e intensidade dependiam, de um lado, de seus méritos pessoais (suas boas e más ações e seu arrependimento no momento da morte) e, de outro lado, dos sufrágios (missas, preces e esmolas) de que seus parentes e amigos lançavam mão para sua salvação. [...] Preocupada em afiançar e organizar a solidariedade dos vivos e dos mortos, a Igreja deu então ampla repercussão aos relatos de fantasmas. Estes, longe de ser apenas esses mortos maléficos que se encontram em todas as culturas em razão das perturbações ou da ausência fortuita do rito de passagem dos funerais, longe de ser apenas produto de velhas crenças pagãs, exprimiram mais amplamente, por seu retorno nos fantasmas, nos medos e nos relatos dos vivos, as múltiplas disfunções possíveis da boa morte cristã (SCHIMITT, 1999, p. 19).

A “boa morte cristã” passa a regular os comportamentos dos indivíduos. Em vida, eles deveriam adotar uma série de comportamentos para que lhes fossem garantida uma boa morte. E, após a morte, a manutenção dessa “boa morte cristã” ficava a cargo dos parentes e amigos próximos, que são quem deveria, também, adotar comportamentos que continuassem a garantir ao morto seu descanso eterno. Ao quebrar com esses padrões, o morto poderia aparecer aos vivos na forma de um fantasma ou de aparição. Outro fator que poderia “ocasionar em fantasmas” se dava quando os vivos não conseguiam se separar dos mortos, ou seja, quando não aceitavam a sua morte. De acordo com Schmitt,

[...] pode-se compreender quem eram os fantasmas medievais. Eram os raros mortos que, obstinadamente durante um período bastante breve depois do trespasse, frustravam o funcionamento regulado da memória cristã, criavam obstáculo

ao transcurso necessário do “trabalho do luto”. As aparições dos mortos não eram a norma das relações entre vivos e os mortos. Os vivos as imaginavam apenas quando não podia cumprir-se plenamente o ritual de separação em relação a eles, quando o esquecimento revelava-se impossível em consequência de uma perturbação do transcurso normal do rito de passagem da morte e dos funerais. Seja porque os próximos sobreviventes (a viúva, o filho, os irmãos) tenham, por cupidez ou negligência, infringindo as regras rituais e privado a alma do defunto do apoio salutar dos sufrágios dos clérigos; seja porque, no dizer dos vivos, o próprio defunto, não tendo cumprido antes de morrer uma penitência completa, reclamasse o apoio dos seus para superar suas provas no além (SCHIMITT, 1999, p. 20).

Os relatos sobre aparições de fantasmas indicam reflexões sobre a relação do homem medieval com a questão da morte. No caso da análise dos casos, essas reflexões indicam que narrativas que envolvam o tema da morte permanecem, mas são (re) significadas ao longo do tempo e de acordo com a cultura em que estão circunscritas.

As narrativas de fantasmas presentes nos casos funcionam como reguladores de comportamentos que indicam aos indivíduos a importância de se ter uma boa morte. As narrativas de fantasmas também atuam como entretenimento. Elas atraem a atenção das pessoas e problematizam a própria relação que os indivíduos possuem com o medo e com a morte.

Assim como há dificuldade em mapear os relatos dos lobisomens, também há dificuldade em mapear narrativas das origens dos fantasmas. O que se sabe é que esse tipo de narrativa é oriundo da tradição oral e há indícios de seu aparecimento durante a Antiguidade. Mas, diante dessa dificuldade de mapeamento, seguiremos com a concepção de fantasmas a partir de Schmitt. Nesse sentido, o trabalho do autor contribui para:

Por meio do caso dos fantasmas medievais – que existiam apenas pela imaginação e nos relatos dos homens daquele tempo –, trata-se de saber como e por que os vivos (e quem entre eles), em seus sonhos e relatos de visões, devolveram a certos mortos um simulacro de existência, uma aparência de corpo e um rosto: talvez para compreender melhor a si próprios em suas relações com a imagem onírica e obsedante de seus parentes defuntos, ou ainda, sob o pretexto de um diálogo imaginário com os mortos complacentemente propagado pelos clérigos, para nominar melhor a sociedade dos vivos, a transmissão das heranças e a imposição das normas morais e sociais (SCHIMITT, 1999, p. 24).

A visão sobre os fantasmas do medievo contribuíram para a disseminação das narrativas de fantasmas que se dão até a contemporaneidade, embora haja diferenças que vão desde o modo como esses fantasmas aparecem até as funções que essas narrativas exercem em diferentes contextos; permanecem.<sup>31</sup>

Segundo Schmitt, há uma rejeição pelos fantasmas que se dá, principalmente, na tradição cristã, devido à ausência desse tipo de narrativa na Bíblia (SCHIMITT, 1999).

A reflexão colocada pelo autor contribui para que pensemos na disseminação das narrativas sobre fantasmas. Há indícios de que existe uma preocupação dos vivos com a morte e com os mortos, e a morte é um regulador dos padrões de comportamento. Se nos relatos analisados por Schmitt os fantasmas passaram a ser mobilizados a serviço da Igreja Católica como regulador de comportamentos, os casos sobre fantasmas também podem ser pensados como reguladores de comportamentos a serviço dos próprios indivíduos que devem tomar cuidado ao transitarem durante a noite e sozinhos pelas localidades referidas.

A morte no caso dos noivos aparece como uma reguladora de comportamento que opera por meio do medo. O caso também possui a função de entreter, mas vai além dessa perspectiva, já que também é pedagógico. Nesse sentido, a narrativa que possui representações do sobrenatural atua no sentido de alertar as pessoas sobre os perigos que existem na noite e, também, durante a Quaresma.

---

<sup>31</sup> Convém lembrar que os fantasmas aos quais o autor se refere são os homens ordinários. Essas aparições não se referem à aparição de santos ou anjos, que são classificados em outra categoria e aparecem “por ordem de Deus”. Os fantasmas “ordinários” ganham mais espaço a partir do século XI, em um contexto de desenvolvimento da liturgia dos mortos. De acordo com autor: “as coisas mudam a partir do século XI, em particular em razão do surgimento, nessa época, de relatos autobiográfico de fantasmas. Eles vão permitir-nos de imediato chegar o mais perto possível da atitude íntima dos homens da Idade Média (ou de alguns deles) com relação aos seus mortos” (SCHIMITT, 1999).

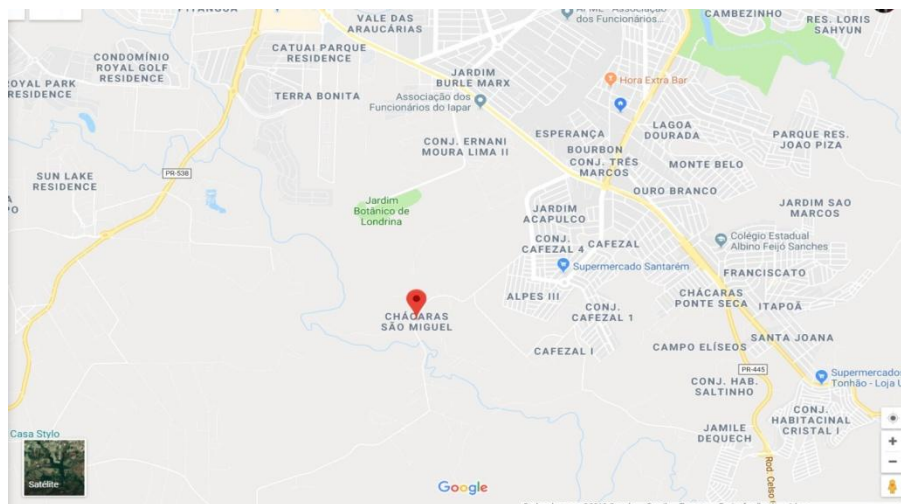
### 3.3 A noiva assombrada da chácara São Miguel

O caso citado na introdução possui um *topoi* muito parecido com o caso “A noiva e o noivo real”, pois também se trata de indivíduo que ia se casar, mas que faleceu antes do casamento. A circunstância da morte, a vestimenta do personagem principal e o tempo em que ela se passa (a noite) fazem parte desse *topoi*, que é clássico em narrativas fantasmagóricas. A morte, nesse caso, assim como no anterior, evidencia o papel que a morte desempenha para os indivíduos.

A morte, então, é motivo de medo para os indivíduos que passam a associá-la com eventos e episódios que possibilitam o investimento de narrativas associadas ao sobrenatural. Nessa narrativa, assim como na analisada anteriormente, a representação do sobrenatural aparece na figura da assombração, que perambula durante a noite pela localidade das Chácaras São Miguel.

Conforme dito, essa localidade situa-se na região sul de Londrina. Atenhamo-nos ao mapa abaixo:

**Figura 4 – Localização da Chácaras São Miguel**



Fonte: Google Maps, 2018.

De acordo com o Atlas Ambiental de Londrina (2018), as Chácaras São Miguel, durante os anos de 1990 a 2003, sofreram um aumento populacional a partir do processo de implementação de loteamentos. Não foi possível localizar uma data de registro de formação ou de estabelecimento desse conjunto habitacional, por isso trabalharemos com a hipótese de que o estabelecimento de regiões às margens de Londrina ocorreu em virtude do crescimento da

malha urbana da cidade. Convém ressaltar que há indícios de presença humana na região de Londrina muito antes da ocupação dessa cidade pela CTNP, conforme citado, possivelmente, regiões como a das Chácaras São Miguel poderiam ter sido locais de estabelecimento ou de trânsito de pessoas. Todavia, elas vieram a ser concebidas como conjunto habitacional a partir da década de 1990, conforme indicado no mesmo Atlas Ambiental.

Atualmente, a localidade se caracteriza pela presença de chácaras, de sítios e de condomínios fechados. O ambiente simples que, em grande parte, não possui nem ruas asfaltadas, convive com os condomínios de alto padrão. A paisagem desse lugar indica a presença do ambiente rural coexistindo com o ambiente urbano, o que o torna, assim como o caso a que se refere, emblemático. A narrativa do caso que sugere elementos de lugar com características rurais indica a representação e trânsito do sobrenatural e levanta reflexões sobre essa coexistência do ambiente rural com o urbano e, além disso, indicam práticas sociais e culturais comuns ao ambiente rural, coexistindo e se (re) significando no ambiente urbano. Isso possibilita problematizar as representações que concebem a cidade de Londrina como moderna e progressista.

O planejamento da cidade, foi realizado pela CTNP na década de 1930 com vistas a conceber características modernas e progressistas. Mas foi a partir da década de 1950 que Londrina passou por mudanças econômicas significativas e que possibilitou pensar nas representações que dotavam a cidade de elementos modernos e progressistas (BENATTI, 1996). Ainda de acordo com Benatti,

A maioria dos testemunhos da época, recheados de representações fáusticas, dão indícios de novos sentimentos em relação à cidade; cidade que por sua vez adquiria, de modo extremamente rápido, uma nova linguagem formal (arquitetônica e urbanística) e crescia a olhos vistos. Os novos códigos da vida urbana transformavam hábitos e costumes que eram a herança cultural dos primeiros habitantes. [...] Os signos do progresso são buscados em toda parte como prova histórica da consumação de um novo espaço-tempo social. [...] Apesar de ser uma cidade que nasce de um ideário típico do urbanismo moderno e de toda a técnica e racionalidade da "colonização moderna", é só no contexto da expansão cafeeira que seus habitantes vivenciarão um surto modernizador mais intenso, efetivo, consistente e acelerado. [...] progresso, modernidade e civilização passam a ser termos corriqueiros e bandeiras de discurso [...] (BENATTI, 1996, p. 28-30).

Pensar nos causos circulantes como práticas sociais e culturais, comuns ao ambiente rural, problematizam as representações históricas da cidade como moderna e progressista, sobretudo, indicam histórias e memórias de sujeitos que são invisíveis à história e a memória oficial da cidade.

O exercício de reflexão sobre a narrativa dos causos nos permite perceber como esses sujeitos (envolvidos no momento da contação) vivenciam e (re) significam as práticas culturais dentro do lugar em que vivem. Os sujeitos, ao contarem um caso, inserem elementos que são comuns de sua vivência cotidiana, como por exemplo, o lugar. Ao contar um caso, o lugar aparece como cenário aonde a trama vai se desenvolver. Esse lugar vai além de um cenário, ele é um espaço (re) significado e bem específico para os que vivem nele. Nesse sentido, os contadores atribuem importância a ele. É em uma localidade das “Chácaras São Miguel” que ocorre a morte dos noivos e além disso, ocorre com indivíduos que possivelmente habitavam esse lugar. Os indivíduos (re) significam práticas dentro das Chácaras São Miguel, e no caso dos noivos é possível perceber esse fato, pois, se esta localidade se tratar de um ambiente tranquilo, o caso dos noivos vem trazer mistério para esse lugar, podendo causar medo ou entreter seus moradores.

### **3.4 Caso contado por sua mãe, acontecido na estrada próximo ao cemitério da Warta**

O próximo caso analisado, intitulado: “Caso contado por sua mãe, acontecido na estrada próximo ao cemitério da Warta”, foi registrado por João, um aluno da Escola Municipal Dr. Joaquim Vicente de Castro, em 2015. E mais uma vez, indica a presença de um lugar que possui características de um ambiente rural coexistindo ao ambiente urbano. A narrativa fala sobre um episódio ocorrido em uma estrada na Warta, distrito de Londrina-PR, em que um caminhoneiro “avistou” uma assombração, ou fantasma.

Nele, assim como nos demais causos, há a presença de uma estrutura narrativa com começo, clímax e final. Também há a presença de *topois*: a noite, quando o caminhoneiro transitava pela rua, e a morte “prematura” de uma moça no dia de sua primeira comunhão.

O caso mencionado encontra-se abaixo:

Causo contado por sua mãe, acontecido na estrada próximo ao cemitério da Warta

Numa noite um caminhoneiro ia passando na estrada escura quando derrepente avistou uma moça de vestido branco, parou o caminhão para ver se ela precisava de ajuda e ela sumiu.

Mais a frente ele parou num barzinho e contou o acontecido ao dono do bar, ele disse que uma moça no dia da sua 1ª comunhão sofreu um acidente a caminho da igreja e morreu naquele local e sua alma aparece lá, disse também que ela foi enterrada no cemitério ali próximo. O caminhoneiro foi até o túmulo da moça e reconheceu a foto, era ela mesma (Causo registrado por João, Escola Municipal Dr. Joaquim Vicente de Castro, 2015).

Na narrativa, que se passa numa estrada próxima ao cemitério da Warta, há descrições sobre o mencionado local. É nesse local em que aparece a assombração/fantasma. A aparição ocorre em um lugar carregado de intencionalidades. Não é um lugar qualquer, pois é próximo de um cemitério que fica em um distrito de importância histórica naquilo que concerne ocupação da cidade de Londrina.

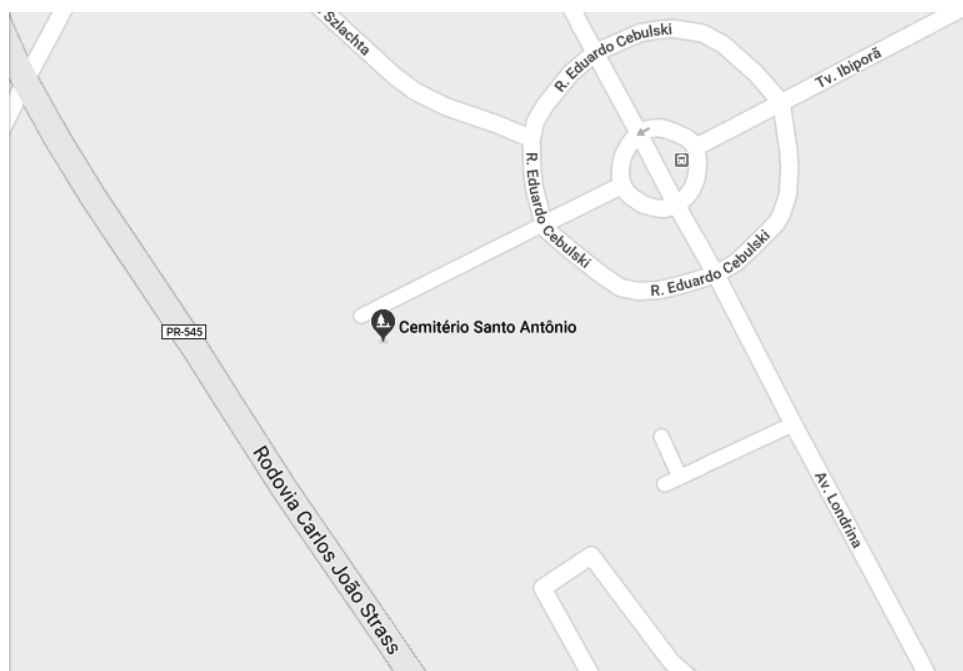
A Warta, segundo a Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento (2018), é um Distrito criado em 14 de dezembro de 1953, sob Decreto de lei Estadual nº 1.542, que está localizada a 32 km da sede do Município de Londrina. Ela possui cerca de 1497 habitantes. Destes, 565 habitam na zona rural (IBGE, 2000 apud LONDRINA, 2018). Ainda segundo a Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento, o distrito que teve seu processo de (re) ocupação realizado pela Cia. de Terras do Norte do Paraná atraiu, inicialmente, imigrantes poloneses que, na década de 1940, somavam 30 famílias na região. A partir desse processo de (re) ocupação das terras da região que viria a se tornar distrito, em 1953, outros indivíduos de diferentes nacionalidades foram atraídos.

O caso que se passa no Distrito Warta revela um episódio da morte de uma certa jovem que estava passando pela estrada, próxima ao cemitério. Tal cemitério é o Cemitério Distrital da Warta – Santo Antônio, o único do distrito. Ele está localizado na Rua Sebastião Pinto da Fonseca, em uma rua sem saída que dá para os fundos da Paróquia Santo Antônio e fica atrás da Rodovia Carlos João Strass<sup>32</sup>. Abaixo, é possível localizá-lo:

---

<sup>32</sup> Convém destacar que a Rodovia Carlos João Strass é uma rodovia movimentada e que ocorrem centenas de acidentes por ano, sejam eles por colisão entre veículos ou

**Figura 5** - Mapa parcial do distrito da Warta



**Fonte:** Google Maps, 2018.

Supostamente, diz-se que um caminhoneiro que transitava pela mencionada rodovia, em plena noite, deparou-se com uma estranha jovem errante, vestida de branco. A tal jovem supostamente havia falecido enquanto estava seguindo para a igreja a fim de tomar sua Primeira Comunhão. Isso justifica suas vestimentas, tendo em vista que é como os jovens se vestem de branco para esta ocasião. Aqui, há a presença de mais um *topoi* de narrativas fantasmagóricas: uma jovem que sofreu uma “má morte”, vestida de branco e a caminho da igreja. A religiosidade mais uma vez é um elemento marcante no caso, pois a jovem faleceu a caminho da sua Primeira Comunhão. Essa celebração católica marca o momento em que, pela primeira vez, o jovem está preparado para receber a sua Primeira Eucaristia (que consiste nos sacramentos eucarísticos), e a hóstia (Corpo de Cristo sob a forma de pão, essa etapa constitui um dos momentos do rito Eucarístico). Nesse sentido, a

---

atropelamentos. O artigo do Jornal Folha de Londrina indica um exemplo na região, em que um acidente ocorrido a 500 metros da entrada da Warta, na rodovia citada, houve uma colisão frontal entre veículos e ocasionou a morte de dois homens. (MONTEIRO; ROSENBERGER, 2015). Outro caso que pode ser citado, publicado no jornal “Gazeta do Povo”, se trata de um acidente de trânsito que ocasionou a morte de quatro pessoas nesta região. (LUPORINI, 2009). Também é conveniente destacar que “no Brasil os acidentes de trânsito são responsáveis pela segunda maior causa externa de mortalidade, atrás apenas da taxa de homicídio [...] Segundo o Departamento de Trânsito do Paraná, foram registrados no Estado em 2010, 58.832 acidentes de trânsito tendo um saldo de 1.095 mortes. Eles são uma das principais causas de óbito no País.” (SOUZA, 2013).

jovem estava desprovida de uma proteção divina, em contrapartida, ela estava a caminho para recebê-la, transitando durante a noite que, por si só, já é um tempo dos “malefícios”. O resultado já é sabido: ela acabou falecendo.

Assim como nos outros casos analisados, a morte e as circunstâncias pelas quais aconteceram, possibilitaram o investimento de narrativas que transformariam a jovem em fantasma ou assombração. No caso, há a presença do lugar, que é bem demarcado. Já a temporalidade, esta é mais complexa de identificar. O único indício de temporalidade presente é a noite e, de acordo com Cascudo,

[a noite] Mantém no seu espírito popular o mistério. Para as populações do interior do Brasil, as horas de trevas são sinistras, e o mundo se povoa de seres estranhos e poderosos. [...] As horas abertas são os dois crepúsculos, vespertino e matutino, e a meia-noite, o pino da meia noite, hora horrível, é de um universo de assombro fantástico. As entidades terríveis do infinito podem ter nascido da noite. [...] Durante a noite, aparecem os fantasmas, almas do outro mundo, luzes espantosas, gritos, gemidos, tesouros enterrados, penitências estranhas, animais fabulosos, todo o cortejo apavorante que vive nas trevas da noite (CASCUDO, 2002, p. 421-422).

A noite, conforme dito, é o tempo do medo, do desconhecido e no qual tudo pode ocorrer. Os males estão à solta. No caso, a noite marca o tempo da morte da jovem e também marca o momento em que a mesma aparece ao caminhoneiro, possivelmente no mesmo local onde morreu. A narrativa segue falando sobre o mistério que há nessa aparição, pois o caminhoneiro vai até um bar, conta o que viu e é informado, então, sobre o caso da moça que faleceu naquela mesma localidade. Também é informado sobre o local em que a jovem está enterrada, que possivelmente seria o Cemitério Santo Antônio, e lá ele identifica o túmulo.

Toda a narrativa é permeada pelo mistério da aparição da assombração ou fantasma e está fortemente ligada ao lugar. De acordo com Ariès (2003, p. 181), “Os mortos malditos não mais voltam ao cemitério; ao invés disto, frequentam o lugar da sua morte. [...] Pode-se admitir que esse estado de espírito medieval tenha permanecido por muito tempo nas camadas populares.”

A reflexão sugerida por Ariès pode ser percebida no caso analisado porque as circunstâncias da morte da jovem transformaram-na em uma possível “morta maldita” que não retorna ao cemitério e nem permanece por lá,

mas continua no lugar onde morreu. O caso também levanta uma reflexão sobre como a morte em locais específicos (e com determinadas pessoas) faz com que o espaço se torne maldito. Possivelmente, a estrada por onde passou o caminhoneiro possui esse status, e essa identificação de lugar amaldiçoado é uma identificação da esfera do cotidiano. Os indivíduos que vivenciam a localidade referida criam representações por inúmeros motivos. Algumas delas podem ser sobre alertas relacionados aos perigos das estradas ou até mesmo uma forma de justificar possíveis acidentes e mortes que podem ocorrer nesse lugar.

Aqui há dois itens que nos chamam a atenção: a presença do automóvel que no caso da narrativa é possivelmente o elemento causador da morte da jovem e a estrada. São símbolos de modernidade e progresso, o automóvel é o meio de transporte moderno e a estrada é o elemento de acesso, ambos substituem a lógica de trem e ferrovia, que eram sinônimos de progresso na década de 1930 na cidade de Londrina. É por meio deles que irá ocorrer as entradas de produtos na localidade e proporcionar o trânsito e o desenvolvimento da região. Mas nesse ponto encontramos um paralelo, pois também é por meio deles que as mortes vão ocorrer. Nesse sentido, são símbolos de modernidade e progresso, mas que possuem suas sombras.<sup>33</sup>

Além disso, o caso revela uma representação do sobrenatural por meio da assombração ou do fantasma, desempenhado na figura da jovem morta. Cascudo (2002) faz uma associação da morte ao ver as almas, o defunto e entende isso com um acontecimento. A definição trazida pelo autor levanta reflexão para o caso que revela uma representação do sobrenatural associado à morte. O medo da morte, da noite e do local aonde a jovem

---

<sup>33</sup>As estradas que carregam representações de modernidade e progresso da região foram espaços de muitas mortes ocorridas. É comum transitar pelas estradas da região e encontrar cruzeiros, ou flores, indicativos de mortes que ocorreram em determinados lugares. Estas possuem intenções diversas e indicam como os sujeitos lidam com a questão da morte nesses espaços. Convém ressaltar a morte ocorrida na década de 1980 de Madre Leônia Milito, em um acidente de carro em uma estrada do Norte do Paraná. A morte da religiosa foi investida de significações. O modo como ocorreu e devido a importância no meio religioso que ela possuía, foi investido de uma série de representações e atualmente a religiosa encontra-se em processo de santificação. O automóvel que é símbolo de modernidade foi o elemento causador da morte da religiosa, assim como dos outros tantos indivíduos na região. As representações cerca das mortes dos indivíduos vão ser dadas conforme a importância que o sujeito possui em determinado contexto. No caso da Madre, como se trata de uma religiosa conhecida e respeitada, a ela foi investida uma série de representações que possivelmente a teriam levado à santificação. (GARCIA, 2018).

morreu criam representações do sobrenatural na figura de assombrações.

Cascudo as define do seguinte modo:

Assombração: terror pelo encontro com entes fantásticos, aparição de espectros, ato de espavorir-se; casa mal assombrada, onde aparecem almas de outro mundo. Uma assombração, um grande medo. Rumores, vozes, sons misteriosos, luzes inexplicáveis. (CASCUDO, 2002, p. 40)

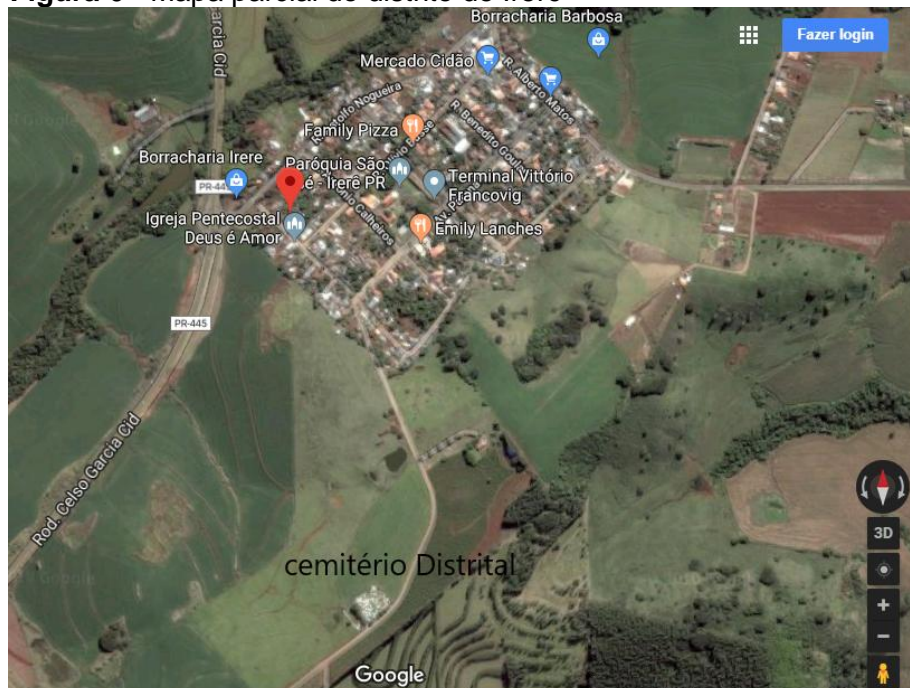
Já, Fantasmas:

Espectro, aparição, figura sobrenatural, assombração surge em diferentes lugares, as vezes perseguindo pessoas e assustando-as. Aparece e desaparece, temporariamente ou não, para mesma pessoa ou para outras (CASCUDO, 2002, p. 226).

Ambas definições são muito parecidas e sua função é basicamente a mesma: assustar. Nesse sentido, há uma função explícita do caso que vai além do entretenimento, ou seja, há nele uma função de provocar medo, de assustar as pessoas que circulam a região, principalmente pelas estradas e durante a noite. Nesse caso, assim como nos demais, a função pedagógica encontra-se apoiada na religiosidade.

### **3.5 Acontecido no sítio Biolange**

O último caso a ser analisado, intitulado “Acontecido no sítio Biolange”, trata mais uma vez de uma jovem que sofreu uma dita “má morte”. O sítio em questão fica próximo ao cemitério do Irerê, o caso foi contado por Maria Cilene e foi registrado pela Escola Municipal Dr. Joaquim Vicente de Castro em 2015. Abaixo, é possível localizar a região do Distrito Irerê:

**Figura 6 - Mapa parcial do distrito de Irerê**

**Fonte:** Google Maps, 2018.

Faz-se necessário atentar para o mapa acima a fim de entender como o lugar é e, a partir daí, melhor compreender os indivíduos dessa localidade. O distrito Irerê, de acordo com a Prefeitura de Londrina (2018), foi criado em 10 de outubro de 1947 pelo Decreto de Lei nº 02 da Comarca de Londrina. Situa-se a cerca de 25 km da sede do Município e possui 2190 habitantes. Destes, 765 localizam-se na área rural. O Distrito possuía (até 1975) como principal atividade a produção de café. O cultivo deste atraiu muitas pessoas para a região que ali se estabeleceram e, atualmente, desempenham atividades diversificadas. O caso abaixo ocorre nessa localidade. Nele, há lugares identificados: o sítio que é próximo ao cemitério do Irerê. Ainda no mapa, é possível localizar o cemitério Distrital do Irerê (o único cemitério do Distrito) que se localiza num local bem afastado da área residencial. Segue o caso na íntegra:

Acontecido no sítio Biolange, próximo ao cemitério do Irerê  
 No sítio Biolange havia uma moça que ia se casar, estava com o enxoval pronto e o vestido de noiva também. Alguns dias antes do casamento ela subiu num pé de laranja para apanhar a fruta, caiu e morreu, pois bateu a cabeça. No dia do velório, colocaram nela o vestido de noiva e assim ela foi enterrada. Conta-se que na quaresma toda noite ela aparece no sítio e desce as ruas do Irerê montada num bode preto, os mais velhos disseram que ela não era mais virgem e não podia usar o vestido branco. (Causo contado por Maria Cilene Quintiliano,

registrado pela Escola Municipal Dr. Joaquim Vicente de Castro, 2015)

Assim como foi identificado nas demais análises, esse caso também possui uma estrutura narrativa de começo, clímax e final. Há presença dos *topois* que aparecem nos demais casos: a má morte de uma jovem, a circulação da aparição durante a Quaresma e a questão da sexualidade, que apareceu no caso do lobisomem.

A narrativa é sobre uma jovem que possivelmente vivia em ambiente rural (demarcado pelo Sítio Biolange) e que iria se casar. Todavia, seus planos não se concretizaram, pois ela sofreu um acidente enquanto tentava apanhar uma fruta e acabou falecendo. Há aqui a presença da morte dita prematura e que antecede um acontecimento importante na vida da jovem, fato que, conforme mencionado, possibilita a transformação da infeliz jovem numa assombração. A estrutura narrativa se assemelha com os demais casos analisados e há a presença marcante dos *topois* fantasmagóricos. Nele há também uma presença demarcada do lugar que ambienta o caso, e a temporalidade se define pela Quaresma.

O caso traz a figura de um indivíduo comum do Distrito Ilerê e transforma-a em algo tenebroso. Além de sua função de entreter, o caso também carrega uma série de intenções. A primeira delas, possivelmente, está atrelada à questão da sexualidade da jovem. Na seguinte passagem isso fica explícito: “No dia do velório, colocaram nela o vestido de noiva e assim ela foi enterrada [...] os mais velhos dizem que ela não era mais virgem e não podia usar o vestido branco”; na citação fica evidente que há uma questão envolvendo a religiosidade dos indivíduos da região, que tendem a regular os comportamentos. Pois, a jovem por não ser mais virgem não deveria ter sido enterrada de vestido de noiva. Esse fato faz com que seja investido representações ruins sobre a jovem. E por isso, ela é um exemplo ruim para os padrões de comportamento daquele lugar. O fato da jovem ter morrido não sendo mais virgem a transformou “numa assombração” para os padrões de comportamentos vigentes.

Outro fator que remonta à religiosidade é, mais uma vez, a presença da Quaresma, pois é nesse momento em que a jovem aparece para assombrar as pessoas do Distrito Ilerê. Tendo em vista que, durante a Quaresma, os

indivíduos estão desprovidos de proteção divina, há manifestações do além no “nosso mundo”.

O caso que possui elementos religiosos classifica a morte da jovem como algo ruim. Sua morte pode ser entendida como uma “transgressão”. As circunstâncias como ela morreu, o fato de ter sido enterrada de noiva não sendo mais virgem, fazem dela uma assombração, um fantasma. Essa narrativa indica modos de ser do Distrito do Ilerê, e esses modos de ser aparecem na própria prática de contar um caso, que reúne a mensagem de entretenimento aos padrões de comportamentos que devem ser desempenhados pelos sujeitos que vivenciam esse lugar.

Os casos aqui analisados nos indicam os modos de vivência que existem na cidade. As narrativas que também entretêm fornecem indicativos pedagógicos sobre modos de comportamento que devem ser adotados pelos sujeitos, e, além disso, classificam os sujeitos que fogem as normas de convivência em que estão inseridos.

Darton (1986) analisa episódios presentes na sociedade francesa do século XVIII, e indica que os sujeitos por meio de histórias, como por exemplo, as da “Mamãe Ganso”, “interpretavam o mundo, conferiam-lhe significado e lhe infundiam emoção” (1986, p. 13). As histórias analisadas por Darton<sup>34</sup> possuíam uma mensagem afirmativa em seu desfecho, os contos que possuíam um final feliz, permitiam aos sujeitos enfrentarem seus medos e desejos inconscientes.

As mensagens contidas nas histórias francesas do século XVIII indicavam um mundo brutal, de acordo com o autor:

[...] os narradores camponeses adaptavam o cenário de seus relatos aos seus próprios meios; mas mantinham intatos os principais elementos, [...] Evidências escritas provam que os contos existiam antes de ser concebido o “folclore”, neologismo do século XIX. Os pregadores medievais utilizavam elementos da tradição oral para ilustrar argumentos morais. [...] as histórias pertenciam sempre a um fundo de cultura popular, que os camponeses foram acumulando através dos séculos [...] (DARTON, 1986, p. 31-32)

---

<sup>34</sup> De acordo com Darton (1986, p. 33): “Por mais exatas que sejam, as versões escritas dos contos não podem transmitir os efeitos que devem ter dado vida às histórias do século XVIII: pausas dramáticas, as miradas maliciosas, o uso de gestos [...] Todos esses dispositivos o significado dos contos e todos eles escapam ao historiadores.”

As histórias francesas possuíam elementos fantasiosos, mas sempre se mantinham com um pé no mundo real, indicando um cenário dualista composto pela vida dos camponeses, ou seja, marcado de um lado a casa e do outro a estrada aberta. Elementos do cotidiano dos camponeses se reuniam às narrativas fantasiosas para conferir significado e sentido ao contexto vivenciado pelos sujeitos do Antigo Regime. A tradição oral, nesse sentido, desempenha um enorme poder de resistência desses sujeitos, tendo em vista que essas narrativas são altamente duráveis e tenazes e não se desmantelaram à exposição do texto escrito (DARTON, 1986).

O trabalho realizado por Darton indica como que os franceses encaravam o mundo que viviam. Os contos franceses demonstravam os perigos do mundo, alertavam sobre tais perigos, falavam sobre os desejos inconscientes, mas, sobretudo, se tratavam de resistências. E “comunicavam características, valores, atitudes e uma maneira de interpretar o universo” (DARTON, 1986, p. 91). Perspectiva esta que pode ser pensada nos causos analisados.

Os causos circulantes são indícios de práticas culturais que ocorrem dentro da cidade de Londrina. Os indivíduos utilizam elementos fantasiosos, cotidianos, religiosos e indicam como os indivíduos encaram a realidade em que vivem. Assim como a problemática levantada por Darton, os causos possuem indicativos pedagógicos, alertam sobre os possíveis perigos que existem nos lugares em que as narrativas se passam. Falam sobre padrões de comportamento, indicam como é a relação desses indivíduos com o tema da morte, e, sobretudo, tratam de resistências que ocorrem dentro do cotidiano da cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O material recolhido pelo Projeto “Memória e Patrimônio Cultural Imaterial: cartografia dos ‘causos’ circulantes em Londrina-PR como estratégia de preservação”, possibilita o registro, salvaguarda e socialização das narrativas dos causos. Além disso, permite identificar práticas culturais e sociais que compõem Londrina e problematizam as representações da cidade como moderna e progressista, conforme citado por Arias Neto (1998) e Benatti (1996).

Independente de seus níveis de veracidade, de lobisomens, de assombrações e uma série de outras qualidades extraordinárias, que foram narrados nos causos aqui analisados, levantam inúmeras reflexões para que pensemos as práticas culturais e para que reflitamos sobre a vida dos indivíduos comuns. A análise textual discursiva, embora com suas falhas, permitiu melhor compreender o *corpus* documental de nossas fontes, ver os tipos de narrativas que circulam nos lugares em que os causos foram coletados, além de identificar como o sobrenatural, enquanto categoria, é algo expressivo e faz parte do modo de ser da cidade. O exercício realizado, do geral ao particular, e, posteriormente, do particular para o mais particular ainda, permitiu captar novos emergentes nos causos e as interpretações são inúmeras. Por meio desta pesquisa, acreditamos que tenha sido oferecida ao leitor uma pequena amostra das inúmeras possibilidades que a análise dos causos circulantes podem proporcionar.

Os causos são comunicados devido à tradição oral, o que indica a permanência de uma prática que é antiga. Porém, cada narrador insere sua marca e suas particularidades, ou seja, um caso que possui o mesmo enredo, nunca será o mesmo caso. Esta pesquisa possuiu uma dificuldade em ter conhecimento sobre os narradores dos causos, pois foi trabalhado com a coleção que já estava inserida no acervo do MHL e infelizmente não foi possível ter acesso aos narradores. Então, buscou-se levar essa complexidade na análise. O que nos foi possível alcançar foi que a prática de narrar causos refere-se a uma permanência em meio às mudanças, tendo em vista que cada contador deixa suas particularidades. E isso indica a coexistência entre arcaico e moderno na cidade de Londrina. O arcaico está na prática do contar o caso,

e o moderno nas mudanças que as narrativas trazem em seu bojo e na dinâmica dos sujeitos e da cidade.

Essa questão nos leva à reflexão dos modos de ser da cidade de Londrina, que construiu suas representações ao longo da história como referência de progresso e urbanização acelerada, mas que também possui atividades ligadas ao ambiente rural, que tem no agronegócio, importante atividade econômica. A urbanização e as atividades agrárias convivem e indicam um modo de ser da cidade muito particular, mas que justificam a permanência de práticas como a do contar um caso. Nesse sentido, podem ser pensados como resistências de uma prática rural que ocorrem dentro do contexto urbano.

Assim, as representações do sobrenatural, presentes nos casos circulantes, são importantes elementos que indicam como os sujeitos vivenciam o “interior” da cidade e essa vivência pode estar relacionada às religiosidades dos indivíduos. Há práticas culturais que, conforme indicam Souza (1993), Holanda (1994) e Vainfas (1995), sugerem que o Brasil consiste em um território fértil para (re) significação e (re) interpretação de mitos, de lendas e de narrativas que se apóiam no fantástico, no místico e no sagrado e elas ajudam a dar sentido as práticas culturais que ocorrem e que resistem nessa “região mágica”.

A análise dos casos também nos possibilitou perceber que há permanências de narrativas, como a dos fantasmas e do lobisomem, e, embora elas permaneçam, seu sentido muda completamente dentro do contexto em que estão inseridos. E, nesse sentido, a expressão passa a ter outro sentido, o que ocasiona uma mudança no peso do discurso que deixa de ser hegemônico e passa a ser residual.

Nos casos analisados, vimos que há um universo de representações do sobrenatural que transitam pelo cotidiano londrinense. Elas desempenham papéis sociais distintos, seja por meio do entretenimento ou do pedagógico, tentam classificar sujeitos que estão às margens da sociedade, falam sobre os perigos da noite, das “transgressões comportamentais” e alertam sobre os desconhecidos. Também trazem em seu bojo elementos religiosos que vão sendo utilizados taticamente pelos indivíduos que vivenciam o interior da cidade.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

Museu Histórico de Londrina; Universidade Estadual de Londrina. **Acontecido no sítio Biolange, próximo ao cemitério do Irerê**. Londrina-PR, 2015.

Museu Histórico de Londrina; Universidade Estadual de Londrina. **A noiva e o noivo real**. Londrina-PR, 2015.

Museu Histórico de Londrina; Universidade Estadual de Londrina. **A noiva assombrada da Chácara São Miguel**. Londrina-PR, 2015.

Museu Histórico de Londrina; Universidade Estadual de Londrina. **Causo contado por sua mãe, acontecido na estrada próximo ao cemitério da Warta**. Londrina-PR, 2015.

Museu Histórico de Londrina; Universidade Estadual de Londrina. **O Lobisomem**. Londrina-PR, 2016.

Museu Histórico de Londrina; Universidade Estadual de Londrina. **O grito das freiras**. Londrina-PR, 2015.

### Bibliografia

ADUM, Sonia. **Imagens do progresso: civilização e barbárie em Londrina – 1930/1960**. 1991. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 1991.

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALEGRO, R. C.; BARROS, M. A.; SILVA, L. H. O.; Causos do Norte do Paraná: testemunhos orais e estratégias de conhecer. In: ALEGRO, R.C.; FERREIRA, L.D.; PAULI, A. A. M.; **Causos do Norte do Paraná**. Londrina: UEL, 2009. p. 6-20.

ALEGRO, Regina Celia; FERRAZ, Vagner Henrique; NASCIMENTO, Amanda M. do. **Povos Indígenas no Norte do Paraná**. Universidade Estadual de Londrina, 2012. Disponível em <http://www.uel.br/museu/pagina/?idPagina=163> – acesso em 13 de janeiro de 2019.

ANDRÉ, Richard Gonçalves. **O paraíso entre luzes e sombras: representações de natureza em fontes fotográficas**. Londrina: EDUEL, 2014.

ARCHELA, Rosely Sampaio; et al. **Atlas Ambiental da cidade de Londrina**. Universidade Estadual de Londrina: Londrina-PR, 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/atlasambiental/>> Acesso em: 12 de maio de 2018.

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado: representações da política em Londrina (1930-1975)**. Londrina: Eduel, 1998.

\_\_\_\_\_. **O Eldorado**: representações da política em Londrina, 1930/1975. Londrina: EDUEL, 2008.

\_\_\_\_\_. Pioneirismo: Discurso político e identidade regional. **Revista História e Ensino**, v. 1, p. 69-82, 1995.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A estrutura do texto e a transferência da informação. **Revista de Ciência da Informação**, v. 6, n. 3, p. 1-14, jun/2005. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/handle/123456789/166>> Acesso em: 25 de maio de 2018.

BAVARESCO, Agemir. O natural e o sobrenatural na antropologia filosófica de Ernildo Stein. **Filosofazer**. Passo Fundo, n. 35, p. 127-142, jul./dez. 2009,

BELASQUI, Juliana Souza. **Lugares e Cotidiano**: análise de mapas elaborados no Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná (2013 – 2014). 2014. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina: Londrina, Paraná.

BENATTI, Antonio Paulo. **O centro e as margens**. Boemia e prostituição na “capital mundial do café” (Londrina: 1930 - 1970). 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 1996.

BOTELHO, Beatriz. Vou te contar um “causo”. **Notícia**. Londrina, n. 1354, set./2016, s/p. Disponível em: [HTTP://http://www.uel.br/com/agenciaueldenoticias/index.php?arq=ARQ\\_not&FWS\\_Ano\\_Edicao=1&FWS\\_N\\_Edicao=1&FWS\\_Cod\\_Categoria=2&FWS\\_N\\_Texto=23484](http://www.uel.br/com/agenciaueldenoticias/index.php?arq=ARQ_not&FWS_Ano_Edicao=1&FWS_N_Edicao=1&FWS_Cod_Categoria=2&FWS_N_Texto=23484) – acesso em: 2 de fevereiro de 2019.

BOZETTO JUNIOR, André. Do folclore para as telas: um olhar sobre o mito do lobisomem através das telenovelas brasileiras. **Revista de Estudos Literários, Universidad Complutense de Madrid**, Espanha, nº46, 2010-2011. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3699234>> Acesso em: junho de 2018

BUENO, Fábio Martins. **O caso Navalhada**: invenção e memória de um rei do crime. Dissertação (Mestrado em História Social). 2011. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2011.

CÂNEPA, Laura Loguercio. **Medo de que?** Uma história do horror nos filmes brasileiros. 2008. Tese (Doutorado em Multimeios) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, São Paulo.

CARNEIRO, Ana. Um causo, um povo, uma televisão: formas análogas. **Mana**, Rio de Janeiro, vol 20, n. 3, p. 461-490, 2014.

- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9 ed. Brasília: Jd. Olympio, INL, 1976.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11 ed. São Paulo: Global, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CEZAR, Pedro Henrique; FERNANDES, Aryane Kovacs. Nordestinos no acervo do Museu Histórico de Londrina. In: **Boletim Museu Histórico de Londrina**. Londrina-PR: Universidade Estadual de Londrina, v.1, n.1, p. 11-23, jul./dez. 2015.
- CHARTIER, Roger. A História hoje. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 100-113, 1994.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1988.
- CORDELIA, Francisca; MARTINS, Rayane Lima. **Por trás das estratégias discursivas do Papa Francisco na mensagem da quaresma de 2015**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado/Licenciatura em Letras Português) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/11604> - acesso em: 12 de junho de 2018.
- DARTON, Robert. Histórias que os camponeses contam: O significado de Mamãe Ganso. In: **O grande Massacre de gatos**, e outros episódios da História Cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 21-93.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: a essência das religiões. São Paulo, Martins Fontes, 2008.
- FELIZARDO, Jane Guimarães; SILVA, Alexandre Meireles da. Quem tem medo de lobo mau? O lobisomem como símbolo de alteridade. In: GARCIA, Flávio. **III Painel “Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional”**: o insólito na literatura e no cinema. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008, p. 280-298. Disponível em: [http://Dialogarts2008.www.sepel.uerj.br/documentos/Comunicacoes\\_III\\_Painel.pdf#page=140](http://Dialogarts2008.www.sepel.uerj.br/documentos/Comunicacoes_III_Painel.pdf#page=140) > Acesso em: 8 de junho de 2018.
- FUKUI, Lia Garcia. **O culto aos mortos entre sitiantes tradicionais do sertão de Itapeçerica**. In: MARTINS, José de Souza. A morte e os mortos na sociedade brasileira. São Paulo: Hucitec, 1983. p. 252-257.
- FURLANETTO, Maria Marta. Argumentação e subjetividade no gênero: O papel dos topoi. **Linguagem em (Dis) curso - LemD**, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 519-546, set./dez. 2006.

FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**. Algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970.

GARCIA, Thiago Machado. **O patrimônio religioso em Londrina**: história, memória e o tempo na casa de memória Madre Leônia Milito (2011-2017). Monografia (Especialização em Patrimônio e História) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2018.

GARCIA, Thiago Machado; OLIVEIRA, Felipe Augusto Leme; SILVA, Taiane Vanessa da (Orgs). Londrina UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. Museu Histórico de Londrina. **Um presépio na rua de todas as compras**. UEL, 2015.

GINZBURG, Carlo. **Os andarilhos do bem**: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia de Letras, 1988.

GOOGLE; **Mapa Londrina**, Satélite. Londrina-PR, 2018. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Londrina,+PR/@-23.3211063,-51.2358039,12z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x94eb435a57af586d:0x23ac11a5c614f971!8m2!3d-23.3044524!4d-51.1695824>> Acesso em: 10 de julho de 2018.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso**: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.

IPPUL; **Mapas temáticos**: Divisão Distrital de Londrina. Londrina, 2016. Disponível em: <http://ippul.londrina.pr.gov.br/> - acesso em 18 de maio de 2018.

KAMAL, Tariq Ahmed. O sobrenatural e a continuação da vida. In: MARTINS. José de Souza: **A Morte e os Mortos na sociedade Brasileira**. Editora Hucitec. São Paulo, 1983. p. 201-210.

LEME, Edson José Holtz. **O Teatro da Memória**: o Museu Histórico de Londrina (1959 -2000). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

LONDRINA, Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento. **Distrito da Warta**. Londrina-PR, 2018. Disponível em: <[http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1090&showall=1](http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1090&showall=1)> Acesso em: 10 de julho de 2018.

LONDRINA, **Lei nº 10.637 de 24 de dezembro de 2008** - institui as diretrizes do plano diretor participativo do município de londrina - pdpml e dá outras providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-londrina-pr>. Acesso em 24/04/2019.

LONDRINA, **Projeto de 228/2013** - Dispõe sobre o Uso e Ocupação do Solo no Município de Londrina e dá outras providências. Disponível em:

<http://ippul.londrina.pr.gov.br/index.php/component/content/article.html?id=129>. Acesso em 24/04/2019.

LOPES, André Camargo. As margens do progresso: A expansão urbana de Londrina nas representações de moradores de um bairro popular as margens da cidade. **Revista Antíteses**, v. 3, n. 5, p. 553-585, jan.-jun. de 2010. Disponível em : <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>> Acesso em: 20 de junho de 2016.

\_\_\_\_\_. **O Adeus às violas: as Companhias de Reis da região dos Cinco Conjuntos no município de Londrina/PR – Estudo histórico-sociológico acerca do catolicismo tradicional popular brasileiro e a formação dos mestres rituais a partir da mobilidade social.** Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Londrina, 2009.

LOPES, Carlos Renato. Lendas Urbanas: narrativas entre o acontecimento e a estrutura. **Revista Eutomia**, ano I, n.2, 2008, p. 318-342. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1946/1512>> Acesso em: 10 de maio de 2018.

LUPORINI, Fábio. "Inquérito apurará causas de acidente que matou quatro pessoas no Norte". **Gazeta do Povo**, 25 de maio de 2009. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/inquerito-apurara-causas-de-acidente-que-matou-quatro-pessoas-no-norte-blbxw6ukkgkhsr1tz4y46ss3y/> - acesso em 20/04/2019.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. A Lenda do Cabeça-de-Cuia: estrutura narrativa e formação do sentido. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v.7, n.1, p. 151-160, jan/jun – 2011. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/1920/1216>> Acesso em: 5 de maio de 2018.

MARTINEZ, Cláudia Eliane P. **Entre palavras e imagens: famílias negras no Museu Histórico de Londrina/PR.** Manuscrito, 2017, 20 p.

MENDONÇA, Lúcia Glicério. Museus Universitários e Modernidade Líquida: desafios, compromissos e tendências (um estudo sob a perspectiva da Teoria Ator-rede, Brasil e Portugal). **Boletim Museu Histórico de Londrina** Londrina-PR: Universidade Estadual de Londrina, v.1 n. 1, jul./dez. 2009.

MICALI JUNIOR, Paulo Sérgio. **Para além dos socos na cara: representações pugilísticas e a história do boxe em Londrina (1970-2000).** Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

PARANÁ; Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos hídricos. **Bacias hidrográficas do Paraná.** Curitiba, 2010. Disponível em:

[http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/corh/Revista\\_Bacias\\_Hidrograficas\\_do\\_Parana.pdf](http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/corh/Revista_Bacias_Hidrograficas_do_Parana.pdf) - Acesso em 13 de janeiro de 2019.

PARANÁ; Secretaria de Desenvolvimento Urbano. **Regiões Administrativas**. Paraná, 2019. Disponível em: [http://www.desenvolvimentourbano.pr.gov.br/arquivos/File/regioes\\_administrativas.pdf](http://www.desenvolvimentourbano.pr.gov.br/arquivos/File/regioes_administrativas.pdf) - acesso em 20 de abril de 2019

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro: FGV, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLO, Mario Junior Alves. Explorando a contação de mitos, causos e Histórias tradicionais do Norte do Paraná no Ensino de História: o recurso à oralidade como elemento de análise. In: **Anais do I Seminário Brasileiro de Poéticas Oraís: Vozes, Performances, Sonoridades**. Universidade Estadual de Londrina, 2010, pp. 526-540. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/boitata/Anais/Anais%20parte%202.pdf>. Acesso em: 12 de junho de 2017

RODERJAN, Roselys Vellozo. **Folclore brasileiro: Paraná**. Rio de Janeiro: MEC-SEC-FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore, 1981.

ROSENBERGER, S.; MONTEIRO, P. Acidentes matam três em rodovias de Londrina e região. **Folha de Londrina**, 12 de agosto de 2015. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/acidentes-matam-tres-em-rodovias-de-londrina-e-regiao-924858.html> - acesso em 20/04/2019.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHMITT, Jean-Claude. **Historia de la superstición**. Barcelona: Crítica, 1992.

SANTOS, Célia Almeida Ferreira: **Os profissionais de saúde enfrentam/negam a morte**. In: MARTINS. José de Souza: A Morte e os Mortos na sociedade Brasileira. Editora Hucitec. São Paulo, 1983. p. 15-24.

SILVA, Taiane Vanessa da. **O trânsito entre o comum e o ilustre: a (re)ocupação do Norte do Paraná e o registro de experiências narradas no Museu Histórico de Londrina, década de 1970**. 2018. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR.

SOUZA, Laura de Melo e. **Inferno Atlântico: Demonologia e colonização: séculos XVI-XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Patrícia B. ; **Fluidez, Lentidão e Risco das ruas e calçadas: os atropelamentos no ano de 2012 na cidade de Londrina (Paraná)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Certeza de lucro e direito de propriedade**. 1989. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, 1989.

\_\_\_\_\_. **“Norte do Paraná”**: histórias e fantasmagorias. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

\_\_\_\_\_. **Norte do Paraná**: história e fantasmagoria. Tese. (Doutorado em História), UFPR. Curitiba, 1997.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. A perspectiva da Experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. Museu Histórico de Londrina. **Boletim do Museu Histórico de Londrina**. Londrina-Pr: Universidade Estadual de Londrina, v. 1, n. 1, jul./dez. 2009.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **Relação de Projetos de Extensão Cadastrados**. Londrina-PR, 2015. Disponível em: <[https://www.sistemasweb.uel.br/index.php?contents=system/prj/pex/index.php&pagina=pex\\_pdf\\_projetoscadastrados.php&p\\_num\\_ordem=02003&p\\_cod\\_depoto=01020000&p\\_link=1#](https://www.sistemasweb.uel.br/index.php?contents=system/prj/pex/index.php&pagina=pex_pdf_projetoscadastrados.php&p_num_ordem=02003&p_cod_depoto=01020000&p_link=1#)>. Acesso em: 28 de maio de 2018.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios**: catolicismo e rebeldia no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: A “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

## **ANEXOS:**

### **A noiva assombrada da chácara São Miguel**

Há muito tempo atrás aqui na chácara São Miguel uma moça ia se casar, no dia do seu casamento ela subiu de noiva em um cavalo para a igreja que fica na saída das chácaras São Miguel mais ela caiu no caminho e morreu, antes de chegar na igreja. Agora dizem que até hoje ela aparece para assombrar as pessoas as 11:00 da noite.

### **Acontecido no sítio Biolange, próximo ao cemitério do Irerê**

“No sítio Biolange havia uma moça que ia se casar, estava com o enxoval pronto e o vestido de noiva também. Alguns dias antes do casamento ela subiu num pé de laranja para apanhar a fruta, caiu e morreu, pois bateu a cabeça. No dia do velório, colocaram nela o vestido de noiva e assim ela foi enterrada. Conta-se que na quaresma toda noite ela aparece no sítio e desce as ruas do Irerê montada num bode preto, os mais velhos disseram que ela não era mais virgem e não podia usar o vestido branco.”(Causo contado por Maria Cilene Quintiliano, registrado pela Escola Municipal Dr. Joaquim Vicente de Castro, 2015).

### **A noiva e o noivo real**

“Uma noite de coresma uma noiva e o noivo estavam passando no perobal e no franciscato passando como na igreja de mãos dadas a noiva de vestido branco e o noivo de terno mas eles morreram casando os dois no perobal por isso eles ficam vagando no perobal e no franciscato depois da meia noite.” (Causo registrado por Kalebe Marques Andrade de Souza, Escola Municipal Eugênio Brugin, 2015).

### **Causo contado por sua mãe, acontecido na estrada próximo ao cemitério da Warta**

“Numa noite um caminhoneiro ia passando na estrada escura quando derrepente avistou uma moça de vestido branco, parou o caminhão para ver se ela precisava de ajuda e ela sumiu.

Mais a frente ele parou num barzinho e contou o acontecido ao dono do bar, ele disse que uma moça no dia da sua 1ª comunhão sofreu um acidente a caminho da igreja e morreu naquele local e sua alma aparece lá, disse também que ela foi enterrada no cemitério ali próximo. O caminhoneiro foi até o túmulo da moça e reconheceu a foto, era ela mesma.” (Causo registrado por João, Escola Municipal Dr. Joaquim Vicente de Castro, 2015).

### **O lobisomem**

“Era um dia. Um senhor com o nome de Eleotório com o apelido de “Turiba”, segundo a história contada pelos moradores mais antigos do jardim paulista. Este senhor não era tão normal... a mãe dele chamava dona Maria abandonou ele para ser atropelado por um carro assim sendo uma senhora passava pela pista na hora salvou a vida daquela criança de 7 anos os anos foi passando e cada dia que se passava este menino ficava mais estranho com as unhas do pé enorme as unhas da mão bem grande e o corpo com pelos grandes e os olhos sempre vermelhos, ninguém na favela entendia porque sua mãe tinha o deixado na BR para ser atropelado sendo que ela foi embora da cidade levando com você seus outros 6 filhos e abandonando somente 1

E os anos se passaram e ele foi ficando mais velho e estranho, todos dizem que ele virou lobisomem. Sendo que ele é todo peludo com os olhos vermelhos sempre... e unhas grandes.

Hoje ele com 73 anos é solteiro nunca namorou nem casou dizem que ele até hoje é virgem e todas as coresmas ele fica estranho e com os olhos grandes e vermelhos, onde ele passa os cachorros ficam loucos latindo sem parar assim diz o povo da favela cantinho do céu que o “Turiba” é o LOBISOMEM.” (Causo registrado pela Escola Municipal Américo Sabino Coimbra, 2016, Autor não identificado).

## **O grito das freiras**

“Aos 25 anos atrás no Jardim Paulista já era um bairro pavimentado e com moradia o jardim Itália, Pacaembu e um pouco do Santa Mônica que tinham poucas casas Jardim Itália e Pacaembu era só matagal, tinha uns colonhão que parecia cana de açúcar, quando eu era criança cheguei até a descasca pensando que Ra cana tinha uma ponte próximo a AV Santa Lucia Helena que a gente atravessava para ir para o jardim Paulista, por de baixo da ponte passo um córrego hoje bem poluído, dizem que a anos atrás nessa ponte caiu um ônibus de freiras, com a queda algumas acabou falecendo no lugar moradores mais antigo falam que escutam gritos e vozes a noite das freiras gritando, falam que ficou assombrado o lugar. Então quando ia ficando a noite eu e meus irmão entrava dentro de casa e ninguém saia pra fora de medo mas particularmente nunca vi nada.

Minha casa era de madeira e chão de barro no fundo de casa uma horta enorme e viveros de galinha. Ficamos um bom tempo sem banheiro para fazer necessidades era mitório ou fossas nossa mãe esquentava água p/ tomar banho em latas de tinta no terreno.” (Causo contado por Eduardo Rocha dos Santos, registrado pela Escola Municipal Eugenio Brugin, 2015).